

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

**Pedagogia do Esporte e o Karatê-dô: Considerações acerca
da iniciação e da especialização esportiva precoce**

Sandro Marlos Moreira

Campinas

2003

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

**Pedagogia do Esporte e o Karatê-dô: Considerações acerca
da iniciação e da especialização esportiva precoce**

Este exemplar corresponde à redação
Final da Dissertação defendida por
Sandro Marlos Moreira e aprovada
pela Comissão Julgadora em 11 de
Fevereiro de 2003.

Data

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Orientador e Presidente da Comissão Julgadora

Campinas

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA – FEF - UNICAMP

Moreira, Sandro Marlos

M813p Pedagogia do esporte e o karatê-dô: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce / Sandro Marlos Moreira. – Campinas: [s.n], 2003.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Karatê-Estudo e ensino. 2. Esportes. 3. Movimento. 4. Educação-Estudo e ensino. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem – de repente – aprende”

Guimarães Rosa

Oração de Santo Tomás de Aquino para antes do estudo

Criador inefável, vós que sois a verdadeira fonte da luz e da sabedoria e o princípio supremo de todas as coisas, dignai-vos infundir sobre as trevas da minha inteligência o esplendor da vossa claridade, afastando de mim a dupla obscuridade em que nasci: o pecado e a ignorância.

Daí-me perspicácia para entender, capacidade de assimilar, método e facilidade para aprender, talento para interpretar e graça abundante para falar. Daí-me habilidade para começar, segurança para prosseguir e perfeição para concluir.

Vós que sois verdadeiro Deus e homem, que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

Amém.

DEDICO

A minha esposa,

Sandra Maria Belmonte Pereira Moreira, que está sempre ao meu lado,
“...pro que der e vier comigo...” (Geraldo Azevedo)

A minha mãe,

Arminda Rosa Pinto, de quem me orgulho de ser filho e ao meu pai José
Moreira Pinto (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora por cada dia.

Ao meu orientador e amigo, **Roberto Rodrigues Paes**, pela acolhida, pelo incentivo e por mostrar que é possível ao ser humano / ser humano.

As avós, *Marieta* (in memorian), *Maria da Glória* e a *Tia Ricarda* (in memorian)

A minha irmã **Joana D'arc (revisão ortográfica)** e aos sobrinhos Fernando (afilhado) e Luciana, por todo amor e carinho,

A minha madrinha *Cárita* e ao *Ivanir*, por ensinar-me, como a um filho, a gostar do esporte. E aos sobrinhos Nádia, Lígia e Wermys.

Aos meus irmãos e cunhados *Júnior* e *Petrine*, *Rose* e *José Roberto*, *Jean*, *Wesley*, *Oswaldo* e *Valéria*, *Mary* e *Pedro*, *Carlos* e *Elcy*, *Júnior* e *Gl.* E aos sobrinhos, Felipe, Tayara, Tales, Eduardo e Taís.

Ao meu sogro e pai *Salvador* e minha sogra *Aparecida* (in memorian)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aos professores e amigos, José Júlio Gavião de Almeida, Paulo Ferreira de Araújo, Sérgio Augusto Cunha, Antônia Dalla Pria Bankoff, Lino Castellani e Miguel de Arruda.

Aos Professores Ricardo Machado Leite de Barros, Nivaldo Antônio e Edson Duarte. E aos funcionários da FEF/UNICAMP, Kleber, Beth, Márcia, Tânia, Paulo e Geraldo, por toda assistência no mestrado.

Ao amigo e eterno Professor, *Dr. Miguel Cândido Ferreira*.

Aos Professores, Aladi José de Lima, Warley, Carmencita e Maggi, pelo incentivo e ajuda no projeto, e a todos os companheiros da ESEFEGO/UEG.

Aos Amigos do LAP, Emerson, Francisco, Carlos Zamai e Mazé, e aos colegas da FEF/UFG.

A Sra. Divina Chaves Quirino, pelo apoio nas minhas viagens a Campinas.

Ao Sensei Yoshida, Shuozawa, Francisco, Irineu e Joilson, pela possibilidade de vivenciar artes marciais.

Aos Pais e técnicos que permitiram a colaboração de seus atletas.

Aos atletas que se dispuseram a participar das entrevistas.

Aos Srs. José, Henrique e João, pela amizade e pelo trabalho de xerox,

A **CAPES** e a **UEG**, pelo apoio financeiro.

E a todos que direta ou indiretamente acreditaram em mim... .

Obrigado !

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
 CAPÍTULO I	
O CAMINHO HISTÓRICO E PEDAGÓGICO DO KARATÊ-DÔ	05
1 - Um Breve Relato Histórico	05
2 - Pedagogia do Esporte e o Karatê	17
3 - Especialização Esportiva Precoce	40
 CAPÍTULO II	
A PESQUISA	64
1 - O Contexto da Pesquisa	64
2 - Processos Metodológicos e Técnicos	65
2.1 - Sujeitos	65
2.2 - Ambiente	66
2.3 - Instrumentos	66
2.4 - Procedimentos	66
2.5 - Tratamento dos Dados	67
2.5.1 – Apresentação dos Dados	68
2.5.2 – Descrição Analítica	85
3 – Análise e Discussão dos Resultados	127
 CAPÍTULO III	
OS MOVIMENTOS DIVERSIFICADOS DO KATA : SINALIZANDO PARA UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA	126
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	136
BIBLIOGRAFIA	141
ANEXOS	142

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	01 - Iniciação Esportiva.....	69
FIGURA	02 - Iniciação Esportiva.....	70
FIGURA	03 - Iniciação Esportiva.....	71
FIGURA	04 - Iniciação Esportiva.....	72
FIGURA	05 - Iniciação Esportiva.....	73
FIGURA	06 - Iniciação Esportiva.....	74
FIGURA	07 - Especialização no Karatê.....	75
FIGURA	08 - Especialização no Karatê.....	76
FIGURA	09 - Especialização no Karatê.....	77
FIGURA	10 - Especialização no Karatê.....	78
FIGURA	11 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê.....	79
FIGURA	12 - Vivência e Melhores Resultados no Karatê.....	80
FIGURA	13 - Vivência e Melhores Resultados no Karatê.....	81
FIGURA	14 - Vivência e Melhores Resultados no Karatê.....	82
FIGURA	15 - Vivência e Melhores Resultados no Karatê.....	83
FIGURA	16 - Vivência e Melhores Resultados no Karatê.....	84

RESUMO

O karatê - dô, constitui um meio formativo por excelência, favorável ao desenvolvimento de um ser humano crítico, e uma significativa base motora, devido a diversificação de movimentos do kata. No entanto, o não respeito às fases de desenvolvimento e às fases sensíveis, pode estar levando as crianças a um treinamento esportivo precoce. Preocupado com tal fato, objetivei verificar com meu trabalho se está ocorrendo ou não a especialização esportiva precoce no karatê. Parti de uma fundamentação teórica concebida pela história e pela pedagogia do esporte. Foram destacados alguns trabalhos e conceitos sobre a pedagogia do esporte, a iniciação e a especialização precoce. Em seguida realizei uma pesquisa de campo no “Campeonato Brasileiro de Kata”, realizado em 2002 em Goiânia. Neste, detectei que está ocorrendo a especialização precoce. Entendo que tal quadro possa ser revertido, se todos os envolvidos e o meio acadêmico buscarem uma nova sistematização da aprendizagem, e neste sentido, sinalizo para uma proposta pedagógica.

ABSTRACT

Karatê-dô is, par excellence, an educational way, favorable to the development of a critical human being and a significant driving basis, due to the diversification of the kata movements. Nevertheless, the disrespect of the development and sensible phases may drive the children to an early sporting training. Worried about that, I intend to check, with this work, if the precocious sporting specialization is happening or not on karatê. I started by a theoretical foundation conceived by the sport history and pedagogy. It had been emphasized some works and concepts about sport pedagogy, and early initiation and specialization. Then, I had done an area research in the “Brazilian Championship of Kata”, happened in Goiânia in 2002. There, I could detect that it is really happening a precocious specialization. I understand that such a scene can be reverted if all the persons involved on this subject search for a new systematization of learning. In this way, I signalize to a pedagogical proposal.

INTRODUÇÃO

Em meio a afirmação da Ciência do Desporto como área do conhecimento da Educação Física, representada pelas suas diversas linhas de pesquisa, entre estas, a Pedagogia do Esporte, o Karatê se prepara para fazer parte do seleto grupo de modalidades olímpicas, em Atenas, na Grécia, mesmo que inicialmente como apresentação.

Nesta crescente busca pelo ouro olímpico, vários dirigentes, treinadores, patrocinadores e pais, na ânsia final de ver seus sonhos e desejos se realizarem platonicamente, pelos seus jovens atletas, se esquecem de que estes não são máquinas, e muito menos, adultos em miniatura, como afirma Weineck (2000:246). Além disso, nessa necessidade mal elaborada, o Brasil busca de maneira mais intensa atletas que possam representá-lo internacionalmente, sem uma preparação adequada para tal. (Nista-Piccolo, 1999:09).

Entendo com isso, que neste paradigma do esporte com fim em si mesmo não estão sendo contemplados os atletas e muito menos as crianças que têm a necessidade de brincar de praticar esportes. Neste sentido, tenho a clareza de que se fazem necessários estudos em modalidades coletivas e individuais, para uma "evolução da práxis humana", como bem coloca Bento (1999), e nesta fala, acrescenta Balbino (2001), "dentro das escolas e nos clubes desportivos."

Nesta perspectiva, sinalizo para as possibilidades de transformações qualitativas da aprendizagem do karatê, tendo como fundamentação as teorias presentes na Pedagogia do Esporte, cujo cabedal de conhecimento pode vir a contribuir, em muito, com as artes marciais.

Os estudos nas mais diferentes modalidades apontam para os benefícios da iniciação esportiva, bem como para os riscos, se afastada de uma base pedagógica. E em específico no caso do karatê, que, se desmembrado de seu conteúdo sociocultural, não virá a oferecer às crianças um ambiente que, na interação das partes, transforma e, logicamente, é transformado.

Além disso, estudos como o de Paes (1996), apontam para o engano que é entender a especialização precoce como fábrica de talentos. O que tem levado ao engano da necessidade de treinamento visando somente a competição na terceira fase do desenvolvimento, sendo que tal fator não nos dá a certeza de futuros atletas de ponta.

A terceira fase de desenvolvimento é entendida por Papalia & Olds (2000: 247), como “os anos intermediários da infância, aproximadamente dos 06 aos 12 anos, que são muitas vezes chamados de anos escolares, porque a escola é a experiência central durante esse período.”

A fase dos 06 aos 12 anos “é o período de desenvolvimento em conjunto do organismo; o crescimento ósseo e miotendíneo, o psíquico e o mental. Nessa recomenda-se o início em “escolas de esportes”, para a aquisição de conhecimento de várias modalidades esportivas. Noções básicas de ginástica olímpica, atletismo e natação, principalmente no final da fase, são os mais indicados”. (Carazzato, citado por Paes, 1997: 36; Arena, 1998: 44)

Por isso, acredito que, ao entendermos o karatê como meio pedagogizante, e os seus movimentos diversificados como parte de uma didática, embasada nas teorias pedagógicas de Faria Jr (1972), Ghiraldelli Jr. (1996), Kunz (1994) e Bento (1999), possam se contrapor as idéias no mínimo duvidosas da especialização precoce sem, contudo, negarmos a preparação para o esporte rendimento, se este for o objetivo do nosso aluno, em fase maturacional significativa para obtenção dos resultados esperados de um atleta de elite.

O objetivo deste estudo, a partir do referencial teórico levantado, composto de aspectos socioculturais e filosóficos do karatê, bem como da Pedagogia do Esporte, é verificar se no karatê-dô está ou não ocorrendo a especialização esportiva precoce, para, em seguida, sinalizarmos para uma proposta pedagógica, tendo como estímulo a diversificação dos movimentos em contraposição a uma possível especialização precoce.

Gostaria, então, de esclarecer minha posição em relação a duas coisas distintas: a iniciação precoce e a especialização precoce. A primeira considero benéfica, entendendo a iniciação que acontece desde a mais tenra idade, em se respeitando a diversificação de modalidades e movimentos. O que parece salutar a todo indivíduo independente de vir a se tornar um atleta. Entretanto, sou contrário à Segunda, por ocorrer na fase dos 06 aos 12 anos de idade, sendo, desta forma, um fator limitação de experiências, tornando o jogo ou a luta, um fim e não em um meio. E, neste caso, Kunz (1994: 46) nos alerta para a formação escolar deficiente e uma unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural.

Neste sentido, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro, destinado à pesquisa bibliográfica, sendo composto de três partes: a primeira possibilitou resgatar os conteúdos socioculturais e filosóficos do karatê. Na segunda, foi dada a contribuição pedagógica

à aprendizagem do karatê. A terceira parte deste capítulo foi reservada à iniciação esportiva e à necessidade da descoberta de talentos, na fase dos 06 aos 12 anos, que se configura em uma especialização precoce.

Os valiosos subsídios bibliográficos apontaram positivamente para as possibilidades de mesclar os conteúdos das três partes em prol de uma arte marcial que, em essência, é rica em valores capazes de levar o ser humano a interagir com o ambiente em que está inserido de forma harmônica e mais humana, e ainda de contrapor a possível especialização precoce com os movimentos diversificados do karatê.

O segundo capítulo do trabalho é destinado à pesquisa de campo, cujo o ambiente foi o "Campeonato Brasileiro de Kata", realizado em Goiânia, nos dias 07 e 08 de dezembro de 2002, no "Ginásio Rio Vermelho do Complexo do Centro de Excelência em Esportes de Goiás," onde os dados foram coletados por meio de uma entrevista do tipo padronizada ou semi-estruturada, realizada com 22 atletas do sexo masculino. (Lakatos & Marconi, 2001:197)

Tais dados receberam um tratamento quantitativo e também foram submetidos à "análise de conteúdo", que é um tipo de análise qualitativa. Após a descrição e análise crítica e comparativa com nossa revisão bibliográfica, iniciei o terceiro capítulo do trabalho, que foi destinado a sinalizar para uma proposta pedagógica, norteadas pelas possibilidades da diversificação dos movimentos do karatê-dô, por seus valores filosóficos e socioculturais, amparado pelas teorias da Pedagogia do Esporte.

Ao findar tal introdução, afirmo que o karatê-dô, estilo shotokan, será um meio facilitador, em que as diversas possibilidades didáticas, entre estas o lúdico, darão um roteiro de resgate social do verdadeiro caminho do karatê, entendido como esporte, no paradigma de Freire (1993), que complementa, "a criança que pratica esporte tem que aprender com ele, valores humanos fundamentais à sua existência, tornando-se mais hábil, mais inteligente, mais afetiva, mais sociável."

Assim, acredito que tal criança, em seu ambiente educacional, com ou sem muros, poderá ser um agente multiplicador dos valores históricos, morais e humanos contidos no karatê, sendo então entendida como criança.

E ainda, espero que este trabalho possa levantar outras polêmicas a serem discutidas e resolvidas, por nossos colegas, acadêmicos e quem sabe por estas crianças que podem se tornar Professores/Pesquisadores.

CAPÍTULO I – O CAMINHO HISTÓRICO E PEDAGÓGICO DO KARATÊ – DÔ

É de suma importância uma abordagem inicial, no tocante aos valores socioculturais e filosóficos do karatê, os quais acredito serem valores de resgate social aos envolvidos neste processo de aprendizagem. Assim, busco apresentar na primeira parte deste capítulo estudos e relatos históricos, que possam solidificar, em nosso karateca, a história do karatê.

Na Segunda parte deste, abordo trabalhos pertinentes à pedagogia e em especial, à pedagogia do esporte, que visam a dar subsídios para um esporte preocupado, não somente com a vitória a todo custo, mas com a construção de uma base motora, respeitando as fases de desenvolvimento que dêem condições à criança de optar por um objetivo a seguir, ou seja, o esporte enquanto opção de experiências, “sem compromisso” ou somente como competição.

A terceira parte deste capítulo busca salientar a importância da iniciação no esporte, a qual, acredito, quanto mais cedo melhor, desde que se respeite a criança e seu desenvolvimento, não buscando fazê-la um campeão a todo custo. E neste momento gostaria de ressaltar que não sou contra a competição, apenas acredito que esta deva ocorrer de forma apropriada, a fim de não levar, por conseguinte, a criança a uma especialização esportiva precoce, o que não pode ser considerada como sinônimo de vitórias.

Assim sendo, acredito construir um capítulo que me dê um aporte teórico significativo para que possa contribuir com a realidade do karatê-dô, estilo Shotokan e as demais artes marciais.

1 - UM BREVE RELATO HISTÓRICO

O mundo globalizado tem levado as pessoas a uma competição cada vez mais acirrada, seja por uma melhor posição na sociedade, seja pela própria sobrevivência, conseqüentemente modificando objetivos e o meio ambiente. Tal competição acabou, em alguns casos, criando mitos, "talentos" e atletas palestrantes. Em contrapartida, também gerou sentimentos de

ansiedade, descontrole, insegurança, abandono precoce do esporte e a crescente violência urbana, em que valores socioculturais e filosóficos não se fazem presentes no universo de aprendizagem do ser humano.

Percebi, com isso, que a humanidade vem buscando nas artes marciais, mecanismos para solucionar tais problemas que, tenho certeza, se aliados aos valores morais e aos anteriormente citados, presentes nas artes marciais, podem formar um ser harmônico, crítico e transformador. Neste sentido, fui buscar na história fatores que culminassem em um resgate social e uma nova imagem positiva das artes marciais.

Segundo Vianna (1997), a necessidade de sobrevivência em período de trajetória nômade levou o homem a adaptar-se a vários ambientes, às vezes hostis, obrigando-o a pescar e caçar e a se defender dos demais predadores naturais de cada região.

A necessidade de defender-se para sobreviver fez com que o homem desenvolvesse diversos gêneros de luta, em diferentes épocas e regiões, frutos da observação e aprendizagem das técnicas de defesa dos animais, sendo este o ponto epistemológico de vários estilos de arte marcial como o Taekwondo, Kung - Fu e o Karatê.

“Desde o início dos tempos o corpo tem sido usado para chutar, socar, dar cabeçada, lançar, imobilizar, estrangular e assegurar outros movimentos para autoproteção , subjugar outros e/ou desenvolver habilidades físicas, e de autodisciplina para o bem estar pessoal.” (Yang, 2000: 23)

Por entender que a crescente popularidade de diversos estilos de aprendizagem em artes marciais em todo mundo, desde meados de 1950, continua sem apresentar declínio, estima-se que atualmente 50 milhões de pessoas praticam algum estilo de arte marcial em todo mundo (Yang, 2000:24), sendo que, destes, 15 milhões são praticantes de Taekwondo, dos quais fazem parte 3 milhões de crianças, segundo estimativa da Federação Americana de Taekwondo. (Yang, 2000:24)

Observei, também, que tal popularidade pode apresentar fatores de risco, como a violência, que acredito ser um problema de aprendizagem, onde cultura e filosofia não são contempladas. Tal preocupação com a violência motivou Vianna & Rígido (1999) a realizar um estudo, em que foi tomada uma amostra de 30 karatecas, 19 capoeiristas e 27 lutadores de jiu-

jitsu de diversas graduações, na faixa etária de 13 a 17 anos, com até seis meses de prática, em municípios do Rio de Janeiro. O estudo indicou que a autodefesa é o motivo principal da procura por artes marciais, e que os jovens sentem-se mais confiantes e responsáveis por meio dessa prática.

Acredito, contudo, como os próprios autores colocaram em seu trabalho, que o resultado poderia ser outro, se o estudo fosse aplicado em ambientes diferentes, o que não invalida este, já que a variável ambiente é mutável. Segundo o Sensei Funakoshi (1975), a consistência das artes marciais está em seus valores filosóficos e socioculturais, e ainda, nos apresenta o seguinte pensamento:

“Tenha cuidado com as palavras que fala, pois se você for arrogante fará muitos inimigos. Nunca se esqueça do antigo ditado que diz que um vento forte pode destruir uma árvore robusta, mas o salgueiro verga, e o vento passa pôr ele. As grandes virtudes do karatê são a prudência e a humildade.”.

Yang (2000) nos diz que as artes marciais orientais são originárias da Ásia, e cada qual com sua técnica e valores adicionais, baseados nas influências filosóficas e socioculturais seguintes:

A) **O Confucionismo** coloca que as pessoas deveriam lutar para alcançar a sabedoria, através do autoaprimoramento e iluminação interna;

B) **O Taoísmo**, no caminho do Tao (o caminho a ser seguido e um código de conduta), enfatiza uma vivência solidária entre as pessoas, o que unifica a natureza e o homem.

“O Tao, que pode ser enunciado, não é o Tao absoluto; o nome que lhe pode ser dado não é o nome adequado. O não nomeado é a origem do céu e da terra, o nomeado é a mãe de todas as coisas.” (Lao-Tse, 600 a.C., citado por Lima, 2000:74)

“Buscar este caminho é não bloquear o fluxo natural das coisas: Não bloquear a pureza da mata virgem,..., não bloquear o avanço do aluno em uma área que a ele interessa e muito menos bloquear o “desenvolvimento saudável” da vida de um estudante, passando-o para uma turma ou série mais avançada antes de ele ter condições de acompanhá-la.” (Lima, 2000: 75)

Entendo que este caminho é a busca do equilíbrio entre o racional e o sentimental, entre o símbolo do pai (Yang) e o símbolo da mãe (Yin). O professor agressivo é o Yang e o compreensivo é o Yin. Entretanto, o que observei é que os termos, no geral, se completam, os de mobilidade/imobilidade; flexibilidade/rigidez; abertura/fechamento, enfim, onde há o Yang reside o Yin e no seio do Yin, o Yang. (Despeux, 1993, citada por Lima, 2000: 79).

Acredito que poderia funcionar como um “marca-passo” de atitudes, na busca deste equilíbrio. São os conhecimentos específicos e não específicos ao karatê que fazem parte das grades curriculares dos cursos de Educação Física, principalmente os pertencentes à pedagogia do esporte.

C) **O Budismo** e o Zen Budismo buscam a iluminação, o desenvolvimento do caráter, com o propósito de um homem ideal ou internamente perfeito, enfatizando a experiência subjetiva, vida expressiva e a existência na forma humanística, sendo este seguido por diversas artes marciais como o Judô e o Karatê.

D) **Monismo Oriental** enfatiza uma concepção de ser humano como união de mente e corpo, na qual não há distinção entre o “Eu” e mente/corpo. Desta forma, o processo de ensino ocorre simultaneamente como um todo. (Humphreys, 1970, citado por Yang, 2000: 23).

Assim, em tal consideração, o pensar é tão corporal como o correr, não podendo haver distinção entre atividades lúdicas como o jogo (atividade corporal) e a leitura (cultura intelectual). Conseqüentemente, não existe dicotomia entre os aspectos socioculturais, filosóficos e as encenações dos movimentos presentes nas artes marciais. (Kunz, 1994:19)

“As artes marciais são refletidas como um microcosmo do macrocosmo, no quais valores religiosos filosóficos orientais e singularidade da cultura indígena são congruentemente integradas. Através do curso do ensino em artes marciais” alguém “depara com a essência da grande sabedoria, ao descobrir a essência de alguém no modo de tornar um ser humano de mente e corpo harmonioso. A arte marcial pode ser o recurso que aumenta o bem estar físico, emocional, social e mental para todas as pessoas, mas não o bem estar espiritual, por que as artes marciais não são uma religião. Tornar-se um

verdadeiro praticante ou campeão nas artes marciais não é subjugar outros ou vencê-los em competição. Estes propósitos, entretanto, são somente os autograduados e autoatualizados através da pratica virtual. Os artistas marciais são devotados a disciplina rígida, em uma sustentação vitoriosa em competição consigo mesmo. As artes marciais são indefinivelmente uma forma superior da educação conectada com o movimento humano". (Yang, 2000: 24)

Observei, por meio dos estudos acima, que as características filosóficas do Kung Fu parecem se assemelhar às do karatê e vice-versa, além de que ambas as artes baseiam seus movimentos no ataque e defesa dos animais. Essa primeira consciência levou-me, então, a cruzar os dados históricos das duas artes marciais, para certificar se o karatê era originário especificamente de Okinawa, e/ou teria uma "genética chinesa".

Por uma questão cronológica, irei abordar inicialmente a arte marcial Kung Fu que, segundo o levantamento bibliográfico, é apontado como a matriz da arte que conhecemos no Brasil e no mundo como karatê.

Segundo Lima (2000), os relatos mais antigos na China sobre cultura física foram encontrados nas cavernas de Zhoukoudian, cerca de quinhentos mil anos atrás, onde as figuras levaram os pesquisadores a constatar as habilidades de cavalgar e de jogar.

A autora continua dizendo que, das habilidades e estilo de vida do povo que habitava o continente chinês entre três e quatro mil anos atrás, surgiu um misto de esporte, medicina, espiritualidade(técnicas de meditação budista), folclore e estratégia de combate, que foi sendo sistematizado e identificado com o nome de Kung Fu. Adicionaram-se, ainda, a este, jogos de estratégias como o xadrez.

Neste momento, a história nos mostra que uma arte marcial é composta de várias valências físicas, habilidades motoras básicas e, nesta época, mesmo sem o mesmo entendimento do que era a inteligência interpessoal, esta já poderia estar sendo trabalhada, e acredito que este conjunto se refletia nos comandos das batalhas. Acredito nisto pois, pelos relatos, havia um autocontrole dos guerreiros, o que, com certeza, refletia no próprio manejo com as espadas. Fazendo uma possível ligação com a inteligência corporal cinestésica, tal fato é apresentado por, Funakoshi (1988):

“A história das artes marciais na China pode remontar a pelo menos seis mil anos. Diz-se que durante o reinado do rei Huang-ti, cerca de 2700 a.C., os soldados repeliram bárbaros com espadas aguçadíssimas, desde então ocorreram períodos turbulentos. Durante este período surgiram novas técnicas de lutas através de homens como: Ta-Shang Lao-ch’um, Ta-yi Chen-jen e Yuan Shih-t’ien, que fundaram as três Escolas primitivas de técnicas marciais(...). O milênio seguinte testemunhou a evolução de dois estilos o Shag Wu, fundado por Shang-san Feng, ressalta acima de tudo o poder do ch’i (ki em japonês). Tai Chi e Pa-kua são bons exemplos do estilo e o Shaolin, que destaca a aplicação de técnicas de mão e de pé para bloquear e atacar, são vistas técnicas rígidas/suaves e longas/curtas, isto é, tanto técnicas de empurrar como técnicas curtas, de agarrar.” (Funakoshi, 1988: 21)

Estudos dizem que, em 520 a.C., o monge budista Bodhidharma (também conhecido como “Tamo” em chinês ou “Daruma Taishi” em japonês), viajou da Índia para a China, objetivando ensinar o Budismo no Templo Shaolin (“jovem floresta”).” (Funakoshi, 1975:49;1988:21; Sasaki, 1989 apud Vianna, 1997:10; Maranzana, 2001)

Foi observado que, Bodhidharma, ao chegar no Templo, encontrou os monges numa condição de saúde precária, devido às longas horas que passavam imóveis durante a meditação, na posição de lótus (pernas cruzadas). Objetivando eliminar tais obstáculos da mente/corpo, começou a reverter o quadro, através de exercícios penosos que pretendiam uma melhor condição física para dar morada à paz de espírito e à verdade religiosa. (Sasaki, 1989 apud Vianna, 1997:10)

“...Os seguidores de Daruma, eram fisicamente despreparados para os rigores do treinamento que ele exigia; assim, depois de muitos caírem de exaustão, ele lhes ordenava que comesçassem, já na manhã seguinte, a treinar seus corpos de modo que suas mentes e corações se dispusessem a aceitar e seguir o caminho de Buda Seu método de treinamento era uma forma de boxe. Por menos que se aceitem as lendas como fato histórico, penso que quase não há dúvida de que o boxe chinês(Kempo), realmente cruzou o mar, da província de Fukien, no sul da China, em direção de Okinawa, para formar a base do que hoje conhecemos como karatê”.(Funakoshi, 1975: 49)

Estes, então, apartados da atividade física, perceberam que tal condição de sedentarismo os afastava da almejada iluminação. Com isso, criaram uma sequência de dezoito rotinas de movimentos, combinando exercícios de respiração profunda, Yoga e uma série de movimentos conhecidos como “As dezoito Mãos de Lo Han” (Lo Han foi um famoso discípulo de Buda). (Maranzana, 2000; Lima, 2000:119)

Segundo Lima (2000), o templo ficava na floresta e os monges precisavam defender-se também dos animais e de alguns bandidos. Assim sendo, criaram técnicas de autodefesa baseadas no próprio movimento dos animais e nas forças da natureza, que inicialmente eram utilizadas como exercícios físicos.

Em adição, estes inúmeros exercícios criados pelos seus ancestrais e por eles, já que muitos antes de se ingressarem ao templo eram mestres em arte marcial, acabaram dando origem ao Shaolin Kung Fu.

O templo de Shaolin, devido à posição geográfica e às condições atmosféricas, acabava servindo de abrigo para muitos forasteiros, viajantes, rebeldes e soldados desertores fugitivos que protegidos pelos muros, acabavam se dedicando ao Budismo e ao Kung Fu.

Havia dois templos, um na província de Honan e outro em Fukien. Entre 840 e 846 a.C., estes foram saqueados e queimados, sob supervisão do Governo Imperial Chinês que, na época, tentava resgatar os “bandidos fugitivos” e com isso começou a perseguir os monges Budistas.

Os templos foram destruídos por completo durante a dinastia Ming de 1368 a 1644 a.C., sendo que apenas cinco monges conseguiram escapar do massacre do exército Manchú, os quais ficaram conhecidos como “os cinco ancestrais”. Estes deram origem aos cinco estilos básicos de Kung Fu: Tigre, dragão, leopardo, serpente e grou. Mais tarde, emigraram para Okinawa, desenvolvendo novos sistemas conhecidos como “Te”, que significa “mão”.

Acredito que a recepção aos novos estilos não tenha encontrado grandes barreiras, de um modo geral, principalmente porque lutava-se, à época, contra os dominantes, e também porque o povo japonês sempre cultuou o corpo e o espírito, por modalidades de artes marciais, como o Kendo e o Jiu-Jitsu. E assim, essa imagem foi difundida pelo cinema. O Shorinji-Kempo veio para o Japão via Okinawa, onde foi assimilado e incorporado no Okinawa-tê. (M.K.O, 2002)

Apesar deste culto, houve um período na história das Ilhas de Ryukyu, que hoje é a sede administrativa de Okinawa, em que o monarca Sho Hashi (1372-1439) proibiu o uso de armas por todos Riukiuanos. Entretanto, em 1609, o rei se viu obrigado a armar seu povo para lutar contra o Clã de Satsuma, conhecidos e temidos por suas habilidades guerreiras, porém, depois de várias batalhas, este foi obrigado a se render.(Funakoshi, 1975: 43; 1988:19).

O novo rei Shimazu, então, reeditou o decreto interditando as armas, o que levou muitos Riukiuanos a praticarem secretamente uma forma de autodefesa em que mãos e pés eram as únicas armas. O estilo, ao certo, não se pode afirmar. Entretanto, sabe-se que é da união deste com o Kempo (“método de punho”) que surgiu o Okinawa-tê.(Idem)

Segundo Funakoshi (1975), quando ele era criança, ouvira as pessoas mais velhas falarem tanto do “Okinawa-tê”(De origem em Okinawa), quanto do “Karatê”(Kara se referindo a China), mas o mesmo já fazia a distinção das duas vertentes.

O autor continua dizendo que, neste período de clandestinidade, o karatê se desenvolveu, capacitando o homem a matar sem armas, sendo que, neste período do governo Meiji, era disfarçado pelas danças folclóricas de Okinawa. Porém, se as pessoas observassem os dançarinos, detectariam movimentos vigorosos de mãos e pés.

Nesse momento de sua obra o autor já não mais diferencia karatê de Okinawa-tê, o que nos leva a perguntar: Será que realmente havia uma diferença pedagógica ou seria tudo uma resistência política?. Talvez seja mais uma pergunta sem resposta.

Segundo Funakoshi (1975), a força do comércio chinês fez com que o povo de Okinawa, utilizasse o termo “Kara”, mais como chinês do que como “Vazio”(em japonês), e isso só foi possível ser discutido após um convite para se formar um grupo de estudos na Universidade de Keio. Nestas reuniões os katas que tinham o nome de Pinan, Naifanchi, Chinto, Bassai, Sishan, Jitte, Jion, Sanchin e assim por diante, passaram para o povo japonês com os nomes de Tem no Kata, Chi no kata, Hito no Kata, Empi, Gankaku, Hangetsu, Meikyo, Hakko, Kiun, Shoto, Shoin, Hotaku, Shokyo e outros.

“Apresso-me a garantir ao leitor que não trabalho com a falsa idéia de que os nomes que escolhi são imutáveis e eternos. Não tenho nenhuma dúvida de que no futuro, com a mudança dos tempos, de novo,

e mais uma vez, os katas receberão novos nomes. E, na verdade, é assim que deve ser.” (Funakoshi, 1975: 48)

Observei que, neste período, além de alterar o nome dos katas, o mestre Funakoshi muda a tradução literária do karatê para o “caminho das mãos vazias”. (Funakoshi, 1975: 48; Jardim, 1994; Vianna, 1997)

“Um vale vazio pode ecoar o som da voz, do mesmo modo a pessoa que segue o caminho do karatê deve esvaziar-se livrando-se de todo egoísmo e ambição. Tornar-se vazio interiormente, mas reto por fora. Este é o significado verdadeiro de “vazio” no karatê. (Funakoshi, 1988: 25)

Neste momento do trabalho gostaria de fazer duas colocações, que se fazem necessárias para o entendimento da forma de relatar a história. A primeira, no tocante ao paradigma, que entendo ser mais importante que a sua tradução literária, e que estudos trazem como:

“A prática correta do Karatê – Dô , assim como outras artes marciais, através de seus aspectos sociais, afetivos, culturais, filosóficos, educativos, de evolução motora e outros; busca o equilíbrio e a harmonia do ser.” (Jardim, 1994: 04; Zuza apud Soares, 1995:12; Vianna, 1997:06)

A segunda, no tocante aos "fatos históricos", que estou utilizando como meio de resgate social, e não com a preocupação de relatar a história. Fiz tal opção dos relatos, após constatar, em outros estudos, a carência histórica documentada, sem contudo desprezar a importância da transmissão oral da história.

“Por não haver praticamente nenhum material escrito sobre a história do início do karatê, não saberemos quem inventou e desenvolveu, e nem mesmo onde teve origem e evoluiu. Sua história inicial pode apenas ser deduzida a partir de lendas antigas que nos foram transmitidas oralmente, e elas, como a maioria das lendas, tendem a ser criações imaginários e provavelmente incorretas”.(Funakoshi, 1975:42)

A história nos mostra que, o findar do século XIX e início do século XX, foi o período de surgimento do esporte, de origem nos jogos populares. (Paes, 2002)

Segundo Vianna (1997), o século XX trouxe consigo o ressurgir das artes marciais em Okinawa, com o deslocamento de luta pela sobrevivência para a Educação Física, com fundamentação espiritual. Escolas de segundo grau, como Naha-te, Shuri-te e Tomari-te, desenvolveram e divulgaram a arte do karatê. Neste período foram revelados mestres como: Itosu, Higashionna e posteriormente Mabuni, Ogusoku, Miyagi, Funakoshi e outros.

Segundo Funakoshi (1975), "a mesma lei que o obrigou a aprender karatê a noite e clandestinamente com os mestres: Azato e Itosu, fez com que dessem pouca ênfase a descrições escritas de técnicas e de outros elementos afins, uma deficiência que em sua trajetória tentou resolver"

Percebi que começa, então, em meados do século XX, a aproximação do karatê arte ao futuro karatê esporte, mas que, por deficiências da transmissão das técnicas, e aparentemente da história, foi se desconfigurando enquanto luta social, para uma esportivização, ou seja um esporte com o fim em si mesmo.

Entretanto, vários mestres do passado se preocupavam com o futuro daquela arte marcial emergente, entre estes, o Sensei Gichin Funakoshi que se tornou o pai do karatê moderno, estilo shotokan, sendo que poderia ter seguido os caminhos da medicina, mas o destino o transformou primeiro em professor primário para depois consagrá-lo um dos maiores mestres do karatê. (Funakoshi, 1975:17)

Quem sabe se abrissemos as muralhas da academia para a arte marcial, não poderíamos trabalhá-la pedagogicamente, como o fez o mestre Itosu, que sistematizou katas simplificados visando a iniciação ao aprendizado do karatê. Em 1905, o karatê foi introduzido nas escolas de Okinawa como Educação Física. Por que não introduzi-lo em nossa grade curricular, já que o mesmo irá se tornar esporte olímpico e, com o tempo de mídia, será modelo para nossas crianças e adolescentes. Neste caso, a questão é: devemos continuar criticando os "leigos", sem buscarmos ajudá-los a transformar?.

E ainda, será que o kata não poderia ser a forma inicial de aprendizagem, com a utilização de seus movimentos diversificados ?

"Tais movimentos referem-se geralmente ao deslocamento de corpo e membros, produzido como uma consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular, podendo este ser observável e mensurável". (Newell, 1978, citado por Tani, 1988:08)

Apesar de o kata não ser o objeto de nosso estudo, não seria ele a forma de introdução do karatê no ensino formal e não formal, de forma pedagógica, entendendo que este poderá obedecer a uma organização, que parte do geral para o específico, e coloque os componentes do plano motor em uma ordem seqüencial para que as demandas do meio ambiente e os objetivos sejam alcançados?. Dessa forma configuraria um processo organizacional que controla a ordem em que uma seqüência de operações é executada. (Go Tani: 1988:09)

"Os katas no karatê envolvem movimentos em todas as direções, e, assim, não tendem em nenhuma direção. Além disso, os pés são usados tanto quanto as mãos, e todos os tipos de movimentos, inclusive giros e saltos, são empregados, de modo que os quatro membros se desenvolvam igualmente." (Funakoshi, 1988: 27)

Entendo que tais movimentos corporais partem desde gestos grosseiros como saltos, passe e passadas, até mais elaborados como giros e mudança de direção, que permitam ao karateca terminar o kata no mesmo ponto onde começou. Tais seqüências configuradas contra adversários imaginários são uma ótima forma de trabalho da inteligência corporal cinestésica, ainda mais quando aliamos a estes, os movimentos finos do manuseio de armas e alguns golpes. Ademais, tais deslocamentos em diversas direções e ambientes podem oferecer ao praticante uma excelente noção espacial.

Além das possibilidades supracitadas, o kata pode trabalhar muito bem a concentração e o controle respiratório de quem o executa e enche os olhos de quem o assiste, dado a sua graça, beleza e leveza, sendo este conjunto de possibilidades o fator de este poder ser praticado por crianças, adolescentes adultos e idosos. Adicionamos a isto, a versatilidade de treiná-lo em diferentes ambientes, de forma a derepente, poder melhorar as ações motoras dos alunos, com maior motivação, chamando atenção, segundo Funakoshi(1975): Certa vez um almirante da marinha que ancorou no porto, onde o mestre e seus alunos da escola primária estavam demonstrando os katas, e imediatamente ele expediu ordens aos seus homens para que aprendessem tal arte.

Assim sendo, mais uma vez a história indica as possibilidades do kata, como forma de motivar e introjetar em seus iniciantes as possibilidades pedagógicas da arte marcial.

Para uma melhor delimitação, teremos como modelo em nosso estudo, o estilo Shotokan, que é bastante praticado nas academias brasileiras.

Segundo Vianna (1997), passado o período de ensinamento em segredo do karatê, em 1916 Funakoshi fez uma apresentação pública fora de Okinawa. Após esta, o estilo foi introduzido oficialmente na capital japonesa, Kioto, em 1922, e em 1924 em Tóquio é incorporado à Universidade de Keio. Atualmente ele é praticado em todas as Universidades do Japão. (Soares, 1995:15)

Vianna (1997), diz que, "o maior objetivo é que os efeitos do treinamento transcendam os limites do dojo (local de treinamento), formando um indivíduo humilde, cortez, crítico, justo e corajoso, capaz de perceber os fatos sem distorção, agindo equilibradamente em todos os momentos da vida".

"O karatê contribui para a formação integral do homem. Isso o diferencia daqueles que fazem do karatê uma prática puramente esportiva." Tradição é um conjunto de valores sociais que passam de geração a geração, de pai para filho, de mestre para discípulo, e que está relacionado diretamente com crescimento, maturidade, com o indivíduo universal ".(Maranzana, 2001)

Considero que tal citação aumenta a nossa responsabilidade enquanto educadores pois, neste breve relato histórico, observamos uma gama de possibilidades da arte, que vem se perdendo e/ou que, na passagem da luta para o esporte, não combina com uma possível especialização esportiva precoce, ou seja, com a necessidade de projeção de algumas academias através de seus "pequenos campeões".

Além disso, a possibilidade de trabalharmos o cognitivo com os movimentos e vice-versa em um plano motor não dicotômico, no tocante a corpo e alma, pode ser possível, levando-nos a um trabalho global, reconhecendo não ser este um problema exclusivo da Educação Física.(Go Tani, 1988:11)

"O ensino do karatê, desvinculado de sua filosofia tradicional, pode representar riscos para o participante e para a sociedade". (Vianna, 1997:01)

Contudo, acredito que deve ser feito um trabalho, a longo prazo, de conscientização dos professores, dos alunos, dos mestres de karatê e da própria sociedade, quanto aos benefícios citados e, logicamente, dos danos causados por uma má orientação ao bem-estar social do ser humano. Isto, embasado nos valores socioculturais e filosóficos do karatê, passa a ser um dos pontos favoráveis a uma continuidade no esporte, sem a necessidade de anteciparmos o treinamento competitivo a fases não recomendadas pela literatura.

Além do que, é preciso garantir à criança, o direito de ser criança. Mas para que isso ocorra realmente, temos que ter a clareza de que a especialização esportiva precoce é um mal desnecessário, e assim sendo, não há porque acelerarmos um processo que pode ser feito a longo prazo, em uma arte a ser praticada por toda a vida. Faz-se necessário dizer que, se somente despejarmos em nossos alunos um caminhão de técnicas, histórias e valores sem uma didática que as integre a teorias pedagógicas e os que faça perceber criticamente a importância de cada qual, em período de desenvolvimento pertinente, não garante um contraponto à possível especialização precoce que possa estar ocorrendo.

Para tal fim, a próxima parte do trabalho apresentará a linha de pesquisa, a qual acredito ser a mais pertinente para esta dissertação, em meio às outras não menos significativas da área de Ciências do Desporto, por seu conteúdo pedagógico desportivo.

2 - PEDAGOGIA DO DESPORTO E O KARATÊ

Ao observar nossa história vejo um misto de encontros e desencontros acerca do que seria ideal como método de ensinamentos e de como avaliarmos o sucesso destes. Para isso tenho a convicção de que no caso do karatê, faz-se necessário um resgate histórico de seus princípios e valores. Mas somente isso não basta, temos que sistematizá-los e acrescentar a estes teorias pedagógicas que nos dêem respaldo teórico, para transformar o karatê em um meio pedagógico.

Para isso, inicialmente buscamos a etimologia de pedagogia, sendo esta entendida desde a antiguidade clássica, por autores clássicos, contemporâneos ou modernos, como originária de duas palavras gregas; "Pais, paidós" _ criança e "ago, agein" _ Conduzir, guiar, dirigir. "Ped" é

contração de "paid"; "agog" é a raiz com duplicação Ática de "ago" e "ia" é o sufixo grego que dá valor ao substantivo, ou seja significa "guia ou condução da criança". (Faria Jr., 1972:02)

Na Grécia antiga tal função era exercida pelos escravos, na condução de crianças às palestras. Atualmente tal função em algumas famílias fica ao encargo dos irmãos mais velhos e dos avós que se vêem incumbidos de tal labor, não remunerado.

"Paidagogia designava, na Grécia antiga, o acompanhamento e a vigilância do jovem. O paidagogo (condutor de criança) era o escravo cuja atividade específica consistia em guiar as crianças à escola, seja a didascaléia, onde receberiam as primeiras letras, seja o gymnásion, local de cultivo do corpo." (Ghiraldelli Jr., 1996)

No séc. II, São Clemente de Alexandria traz outros significados para a pedagogia. Porém, o autor nos afirma que, por serem todos os significados inconsistentes, os estudiosos resolveram conceituá-los, inicialmente, como "arte de educar", "ciência da educação" e "ciência e técnica da educação". Entendendo que tais conceitos eram limitados, chegou-se à "ciência da arte de educar" (ciência, pois envolvia conhecimentos sistematizados adquiridos por métodos idôneos, e arte porque supõe uma realização). (Faria Jr., 1972:02-3)

Entendo que tal conceito, à época, iria ao encontro das bases do karatê, enquanto história, já que poderia concebê-lo como a ciência da arte marcial, ou melhor, ciência da arte de educar karatê.

Segundo Faria Jr. (1972) e Ghiraldelli (1996), a pedagogia inicialmente era tratada de forma empírica. Entretanto, mais tarde tais princípios e normas foram sistematizados, reavaliados e reformulados, sofrendo em seguida a influência de pensadores filosóficos como: Sócrates, Platão e Aristóteles, surgindo daí novas normas e diretrizes que atendessem às exigências humanas e sociais da educação, conhecidas como fase da reflexão e crítica filosófica. Em seguida, no séc XIX, surge para a pedagogia, a fase da pesquisa científica que foi estimulada pela expansão do pensamento positivista, pela controvérsia evolucionista e pela rápida democratização da educação, aumentando a responsabilidade social da escola.

Observei que, desta forma, a pedagogia englobaria a filosofia, a ciência e a técnica da educação. Atualmente esta é conceituada tomando por base seu conteúdo: "Pedagogia é o conjunto de conhecimentos sistemáticos sobre o fenômeno educativo". Neste sentido, abrange os

conhecimentos acumulados, organizados e sistematizados, sobre a problemática da educação.(Faria Jr., 1972:03)

"A educação é definida como o fato social pelo qual uma sociedade transmite o seu patrimônio cultural e suas experiências de uma geração mais velha para uma mais nova, garantindo sua continuidade histórica." (Ghiraldelli Jr., 1996:10)

Por conseguinte, entendo que para se ensinar karatê, além do karatê, se faz necessária uma ciência que possibilite abranger a história e a cultura acumulada das artes marciais que, após serem auxiliadas e resgatadas pela forma oral, possam ser sistematizadas pela ciência, apontada como ideal, a qual nos é apresentada por Bento (1999), e que discorremos a seguir: a pedagogia do desporto.

Além disso, observei que se faz necessário apresentar a personagem a quem esse trabalho será destinado, ou seja, a criança. No século XVI, esta era tratada como "objeto da busca de prazer dos pais, que as utilizavam como entretenimento lúdico, em seguida no século XVIII, Rousseau, citado por Ghiraldelli Jr.(1996), nos diz que a criança é um ser singular. E ainda:

"A infância seria a época em que estamos de posse do melhor de nós, porque não entramos ainda em contato com a realidade social e cultural corruptora, e só por isso já deveria ser preservada."

Segundo Ghiraldelli Jr.(1996), a pedagogia que nasce nesse período moderno tenta apartar a criança do lar, do trabalho, enfim, da realidade. Esse período da escola moderna de divisão de classes, regras e disciplinas, era considerado a destinação da criança.

A escola, segundo o autor, em período pós revolução industrial é concebida em função do mundo do trabalho, sendo função da pedagogia harmonizar esses dois mundos.

Observamos que no séc XX, a criança é entendida como:

"Um ser confeccionado cientificamente e tecnicamente: seus gostos, interesses, formas de pensamento, emoções, etc. São dissecados e determinados nas suas peculiaridades pela psicologia, pela sociologia, pela medicina em geral e pela puericultura em particular etc. A criança por um lado, e o trabalho, por outro, são observados, mensurados, qualificados de modo que, no ambiente escolar, que agora os reúne, o

trabalho passa a fazer parte da vida da criança." (Ghiraldelli Jr., 1996:19)

Enquanto as crianças forem analisadas como estáticas, sem a preocupação de uma análise qualitativa de sua interação com o meio, tais pensamentos do século XX continuarão existindo, até mesmo porque, uma reforma neste quadro instalado só será real se os conhecimentos científicos deixarem os "guetos acadêmicos", possibilitando a interação total do ambiente da criança, ou seja, escola, família e trabalho.

Assim sendo, tal problematização e respostas para ela sofrem alterações constantes, na tentativa de se aperfeiçoar e evoluir a práxis humana, instigando os cientistas a se encorajarem e ousarem, rumo à construção de novos conceitos e categorias, tornando com isso o espaço científico um local impróprio para os saudosistas do passado e para os desatentos à realidade presente e à sua evolução. (Bento, 1999:05)

Segundo o autor, devemos renovar e inovar nossas perspectivas e teorias, pois assim renovaremos nossa realidade, a partir do conhecimento, teorias e princípios. Este diz que, "a lei da mudança aplica-se aqui inteiramente, já que a pedagogia precisa ser constantemente escrita, renovada, repensada e reformulada nos seus princípios, orientações, ensaios e modelos.

"Há que reinventar constantemente a educação, o ensino, a aprendizagem, a escola, os alunos e os professores. Há que recriar o desporto, fabricando novas idéias e palavras e encorajando os homens a servir-se delas. Como tentativa de descoberta renovada do sentido da vida e da modalidade do nosso comprometimento com ele." (Bento, 1999:06)

Dessa forma, temos que ousar e errar na tentativa de transformarmos o karatê, logicamente não como uma última instância alcançada, mas como algo que, de acordo com a evolução da sociedade, e já inseridos em si os valores históricos e a própria renovação dos pensadores e pensamentos da pedagogia do esporte, possa sempre ser reformulado.

Estou certo que, feito isso, teremos colocado o shotokan no seu verdadeiro caminho. Assim, caso obtenhamos sucesso, teremos colocado a modalidade em um paradigma, capaz de contrapor a idéia de um indivíduo unidimensional, auto realizável pela produção quantitativa e de aceleração das fases de desenvolvimento cada vez mais velozes em nome da duvidosa eficiência da especialização, em prol do rendimento a curto prazo, o qual muitos conceberam como

salvação de nossas crianças. Tais fatos são entendidos por Dias de Carvalho (1992:50) citado por Bento (1999:07) como:

"A "taylorização mais ou menos camuflada" a que a educação foi sujeita em nome da rapidez de resultados e da eficácia das estratégias (um termo oriundo dos meios militares, que subentende formas de iludir, de enganar, de vencer o outro, o oponente, o inimigo, e que diz bem do conceito que se tem do aluno). Impõe a denúncia da obsessão da rentabilidade de sistemas e processos que fez com que a lógica destes substituísse a do homem, conduzindo a um desconhecimento do papel dos actores e à sua irresponsabilização. O "ensinar bem", escorado em técnicas e estratégias, deverá ceder o lugar ao "ensinar para o bem": do aluno, da sociedade, do desporto e também do professor."

Talvez este seja um dos nossos maiores desafios no ensino não formal, ensinar para o bem, em um período da história em que a rentabilidade pode conduzir ao erro da vitória a todo custo, onde a busca pela mais valia pode transformar uma família em estranhos e os estranhos em um porto não muito seguro, onde todos se desconhecem e nem sequer tentam compreender o outro, onde se elimina a criança, através da adultificação e da não possibilidade de o adulto brincar.

Gostaria de deixar o seguinte questionamento: Será que, enquanto pais e educadores, estamos conhecendo bem nossas crianças?. Se sua resposta foi sim, ela se contrapõe às manchetes em 2002, que dizem não. Nesse caso, temos de rever nossos conceitos e retornar à pedagogia do esporte, à sua relação de direito, ensino e aprendizagem dos esportes, sejam estes coletivos ou individuais, formando seguramente um ser humano, individual, porém com objetivos coletivos à sociedade.

Segundo Bento (1999), é "o retorno da Pedagogia a lugares que as Ciências da Educação, na tentativa de modelar o ensino com técnicas de rentabilização, lhe tiraram para entregar à Didática. E o regresso da Filosofia, capaz de afrontar um estado de coisas, através de uma dada concepção de homem, de um homem questionável a partir dos fins e valores que o justificam para além da sua contemporaneidade histórica e científica."

Neste momento, me solidarizo com o autor, que aponta para o desenvolvimento de um conceito de pedagogia que não fique na superfície e "epiderme" das coisas, sem atingir o seu "coração".

Quanto à didática, acredito ser importante, mas na sua nobre função de ajustar e encaminhar as teorias desenvolvidas pela pedagogia, de diferentes formas, às diversificadas modalidades, as quais devem ser utilizadas pela Educação Física como meio e não como fim.

Entendo, também, que as diferenças conceituais talvez não estejam numa doutrina de divergência de valores, mas sim na dissimilitude de eixos pedagógicos, por conseguinte filosóficos. Provido de tal sentimento, Bento (1999) nos diz que, "há um apelo do regresso da antropologia e da filosofia pela mão da pedagogia, renovando as razões do educar."

O autor ainda diz que, "a pedagogia deve dar oportunidade a outras lógicas e razões: à razão filosófica, à razão cultural, à razão poética, à razão religiosa, a uma lógica maior." Observei que tais preceitos estão contidos na arte marcial karatê e assim sendo, acredito estar no caminho da ousadia de transformar.

Entretanto, gostaria de fazer uma ressalva quanto ao fato de trazer a pedagogia pela mão de outra ciência, pois acredito que esta pode fazer uso da filosofia, da sociologia e da biologia, por exemplo, sem contudo estar subordinada a uma destas, pois caso tal imposição ocorra não estaremos formulando teorias, estaremos sim transformando-a em didática.

O autor ainda nos diz que, o homem dessas pedagogias não é a ligação entre o profano e o iluminado, é sim um ser humano orgulhoso, e nos apresenta uma citação de Nietzsche:

"Arrosta a acusação de que outrora foi macaco e de que no presente é mais macaco do que qualquer macaco. Mas não quer regressar ao passado nem ficar no presente; sabe que a sua grandeza está em ser uma ponte e não um final, em ser transição e não naufrágio. Sabe que é perigoso atravessar essa ponte de corda por cima do abismo, mas sabe também que é perigoso olhar para trás e parar. Vê-se rodeado de incertezas e inseguranças. Sente-se desorientado e sente a dor de ter que sacrificar pedaços do seu fígado. Mas também não quer que lhe digam que já nasceu póstumo, domesticado, conformista e prisioneiro. E por isso, num assomo de dignidade, de coragem, de liberdade e

responsabilidade, não foge à dor da realidade, enfrenta o dilema de ser escravo ou livre."

Bento (1999) reforça que, sobre os músculos, a condição física, as capacidades motoras e tudo que é gerado no desporto, perfilam normas e princípios de conduta moral, e ainda, que o comportamento motor e o moral são indissociáveis, assim como a razão e a emoção. E finalmente diz que:

"A pedagogia do desporto tem que ser uma pedagogia da palavra nova e alta, aberta e aumentativa, crescida e substantiva. Uma pedagogia contra a palavra pequena deprimente, envergonhada, fechada, baixa, rasteira e banal. Uma pedagogia da essencialidade contra a banalidade da profundidade contra a superficialidade, da autenticidade contra a inautenticidade. Uma pedagogia da palavra viva, desafiadora, encorajadora e contagiante, contra a palavra da negação, do silenciamento e morte da nossa condição de humanos. Uma pedagogia que entenda o desporto como um meio de dar a palavra ao homem, de o retirar da vergonha do silêncio. Uma pedagogia de qualidade e de palavras de qualidade sobre o desporto, sobre as suas práticas e sobre os praticantes. Uma pedagogia das razões de educar o homem no e pelo desporto."

Segundo Bento (1999), observa-se, atualmente, uma diferenciação das Ciências do Desporto, dentre estas, a Pedagogia do Desporto em seus quesitos políticos, sociais e culturais, que se amarra ao compromisso de analisar, interpretar e compreender as diferentes formas de ação lúdico-desportiva à luz de perspectivas pedagógicas, ostentando com isso, o atributo de uma ciência de ação. Ciência essa que deve tratar o desporto de forma responsável, com organização e equilíbrio entre responsabilidade humana e pretensão científica. Assim sendo, a pedagogia da moralidade de Coubertin, tem que observar não somente a moral, como também a ética de se trabalhar com o desporto escolar, de recreação e lazer e o desporto de alto rendimento.

Acredito pois, que a criança tem o direito e a necessidade da iniciação esportiva. O que não pode ocorrer é confundirmos iniciação com especialização precoce, vez que o objetivo da especialização é, sem duvida nenhuma, o rendimento a todo custo, e assim, cabe a nós termos a ética de distinção da aplicação correta de ambas as pertinentes fases do desenvolvimento infantil.

"Tanto os defensores como os adversários dessa participação firmam os seus argumentos numa ética especificamente pedagógica,

desenvolvida e estribada na abordagem dos ideais do bem e da felicidade da criança. Os dois lados sustentam a convicção de saberem onde residem tais ideais e afirmam-se a postados em dar o seu melhor nesse sentido. É a partir desta comunhão de pressupostos que a realidade do desporto é submetida a uma avaliação moral, assente em parâmetros diametralmente opostos. E, assim, tanto a apologia como a condenação do desporto de rendimento para as crianças surgem apoiadas numa ética pedagógica que influencia a moral desportiva e interfere no delinear da sua configuração." (Bento, 1999:19)

Com isso, observei que a sociedade científica trava longas batalhas entre o bem e o mal, sendo que a questão principal está no objetivo a ser alcançado, bem como no interesse a ser conseguido e ainda não leva-se em conta que, "a ciência é muito mais que um processo no decurso do qual determinados procedimentos visam chegar a desejados conhecimentos." (Bento, 1999:19)

Dessa forma, temos agora um novo problema: O que é bem ou mal?. O que é felicidade e infelicidade?. Horkheimer, citado por Ghiraldelli Jr. (1996), "advoga a idéia que não podemos dizer o que é o bem, mas não podemos apontar o mal. E ainda que cada minuto de felicidade de um ser vivo na terra significa a infelicidade de outro."

Tal observação implica em escolha de métodos e/ou aceitação da possibilidade de nos transformarmos, através da pluralidade dos mesmos e das discussões de pensamentos contrários. E no tipo de investigação, ou seja, se escolhermos a investigação fundamental nos colocamos na defensiva, se a opção for a aplicada ficamos sujeitos às leis e as imposições do mercado. (Bento, 1999: 22)

Contudo, a "crise de sentidos" e valores parece contrapor ao mercado, nos possibilitando uma auto-reflexão acerca do conhecimento, considerando que o mesmo poderá referir-se à realização do processo educativo estando diretamente ligado à ação do professor (conhecimentos de ação), ter uma forte conotação "metodológica", referenciando a seqüências, progressões e algoritmos do ensino das técnicas desportivas.

Devemos enfatizar o papel humano, ético, moral e correto do ponto de vista do desporto, a fim de investigar, estando cientes de que isto gerará respostas, e que tais realizações produzirão novos problemas. (Bento, 1999: 25)

Ao meu ver, o conhecimento científico orienta, desorienta e cria desestabilizações, não garantindo a produção da verdade finita. Complementando, Karl Popper, citado por Bento (1999), nos diz que, "Temos de renunciar à segurança. Segurança, certeza, jamais as temos." Assim sendo, acredito que erramos, mas por tentar transformar e nos preservamos discursando para nossos espelhos. E no tocante ao errar, bem esclarece Bachelard, citado por Bento (1999): "a estrutura de uma verdadeira ciência, ...é a consciência dos seus erros..."

Tais conhecimentos ainda esbarram na formulação dos problemas que, na maioria, como aponta Carrilho (1993), citado por Bento (1999), são dependentes do contexto histórico e cultural que os cerca e que estes são formulados por quem os inspira. Entretanto, se conseguirmos promover discussões de um mesmo tema sob prismas diferentes, deixando de lado o poder do conhecimento adquirido, poderemos dar um retorno social significativo.

"A ciência fez de nós Deuses antes de sermos dignos de ser homens." (Jean Rostand, apresentado por Bento, 1999: 29)

Tal pretensão fez com que a ciência criasse um ambiente onde as outras formas de pensar e conhecer fossem desvalorizadas, e que houvesse um declínio do mundo contemporâneo, como assinala Ambrósio (1994 apud Bento, 1999: 29-30)

"O mundo contemporâneo não é o triunfo do racionalismo, do controle voluntário da razão humana, da objetividade fruto da evolução da ciência e da tecnologia. Pelo contrário é ao declínio desse racionalismo.(...)É um mundo dividido entre universal e o particular, entre objetividade e a subjetividade, entre a razão e o afecto, entre o sistema e os actores, entre pessoa-sujeito e o outro."

A pedagogia do desporto, em confronto e/ou conjunto com outras disciplinas da Ciência do Desporto, está em balanço negativo, na relação quantidade e qualidade, até mesmo porque dependemos da grande demanda de problemas do presente, que surgem no campo desportivo e pedagógico, sendo necessário que a pedagogia reconheça, levante, descreva, entenda e esclareça os problemas emergentes da evolução social.

Bento (1999) nos diz que o desporto hoje é diferente do tempo dos nossos avós, e que é portador de uma enorme oferta de problemas, de possibilidades variadas de reflexão e investigação. E ainda questiona: quais são os problemas novos à espera de abordagem pedagógica?

Estes pensamentos vão de encontro com o que já foi por nós dito anteriormente, que o karatê e as demais artes marciais são mutantes e que mudanças são necessárias, respeitando contudo toda a história passada, sejam os pontos positivos ou negativos, já que a maioria dos problemas surgem com os erros, e assim, estes se tornam fontes para novas pesquisas.

O autor continua sua idéia, apresentando uma pedagogia do desporto que deve se ajustar às alterações atuais da paisagem desportiva e no mercado de trabalho, atendendo, assim, a uma pluralidade, devendo então preencher uma lacuna de conhecimentos e perspectivas.

"A pedagogia deve ter uma matriz antropológica que contemple a vida toda e não apenas a criança e a juventude, as quais devem ser consideradas um caso particular e o mesmo em relação a escola. Devendo então a pedagogia se equilibra para todas fases da vida e para os diversos locais de práticas deportivo-corporais, acompanhando a evolução das necessidades, dos interesses e problemas que lhes estão associados, ou seja, ocupar o fenômeno "desporto" em toda abrangência e pluralidade."

Dessa forma, não podemos negar a importância de pedagogizar o karatê e as outras artes marciais. E mais, este trabalho é apenas um primeiro caminho de verdades transitórias, que esperamos instigar outros pesquisadores nas outras fases de desenvolvimento.

Fases estas que, com certeza, também sofrem a influência do meio ambiente, porquanto não podemos nos desresponsabilizar das influências positivas e negativas do desporto na transformação e/ou destruição do meio ambiente. Esperamos que as artes marciais, em especial o karatê, estejam preservando e harmonizando-se com o meio que foi base de suas formações de movimento, visto que, "a crise ambiental é a crise do comportamento humano problemático. E o desporto é duplamente envolvido nesta, primeiramente como destruidor e segundo como vítima de si mesmo e/ou de um ambiente imundo e impróprio." (Bento, 1999: 33)

Isto nos leva à consciência de que ao sairmos à rua e negarmos as crianças na calçada, talvez amanhã sejamos negados como seres humanos também, por estas. Se hoje fizermos um paralelo dos movimentos dos animais com os do karatê, quem sabe não despertemos interesse nas crianças em conhecer estes animais, e ainda, em preservá-los. Além disso, sabemos que o ambiente é onde vivemos e à medida que o homem toma conta disso, este realmente passa a preservar o meio ambiente e a si mesmo.

Observamos que o desporto tem outros entendimentos como: saúde e socialização. O desporto passou de um período da forma de masculinidade para a busca da excelência e da qualidade de vida do homem de todas as idades e condições, de um entretenimento e espetáculo de final de semana para uma cultura do cotidiano, sendo considerado como forma de sociabilização e saúde, condicionado por vetores cognitivos e afetivos e não tanto pelas dimensões motoras e corporais.(Bento, 1999:36)

O autor continua dizendo que tentam criar um atributo de um homem "bom". Mas a questão é para quem?. Para a sociedade ou para os educadores que o estilizam?.

"A pedagogia do desporto andar bem avisada se resistir à tentação de decretar de cátedra aquilo que é bom e significativo para o praticante desportivo. Ou seja, é crucial que não se apresente empanturrada de certezas últimas e definitivas e que não contradiga o seu estatuto de disciplina científica, arvorando-se na proclamação e defesa de posições ideológicas, dogmáticas e sectárias."

O estudo mostra que não se trata de esquecermos os abusos do desporto de rendimento, mas de entendermos que os seus praticantes sentem prazer em fazê-lo, e assim, não temos o direito de julgar esta opção. No entanto, o esporte cujo objetivo não é o rendimento, é uma fonte de inesgotável de humildade e um lugar pedagógico por excelência.

"A idéia de homem desalienado é irracional. Autonomia e dependência são inseparáveis, pois dependemos de tudo o que nos nutre e desenvolve; somos possuídos pelo que possuímos: a vida, o sexo, a cultura. Os ideais de libertação absoluta, de domínio da natureza ou de salvação plena provem de um declínio de abstração." (Morin, 1993 apud Bento, 1999:63)

Para Bento (1999), "as crianças precisam de segurança, mas isso não substitui a necessidade de experiências, de descobertas, associadas aos riscos a aventura, aos problemas e conflitos criados no desporto". Em seguida cita, Shierz (1994:43-4)

"Lança-nos como todo propósito uma serie de perguntas provocatórias: O que é que pode contrapor ou criticar quando a criança e jovens se querem realizar num desporto diferente daquele que o cardápio de preferências dos adultos lhes quer impingir?. Porque é que não deverão praticar um desporto que lhes provoca nódoas, contusões e

arranhões, que exibem com orgulho e como troféus e provas do seu empenhamento serio?. Que mal tem um desporto que funcione como instrumento de satisfação de necessidades narcisistas próprias dos adolescentes?. Ou que dizer contra o fato de as crianças e jovens preferirem um desporto, tradicionalmente reservado ao adulto e, portanto, à margem das imposições, das certezas, das prescrições e seguranças pedagógicas, mas que lhes dá possibilidades de formação e afirmação da identidade?."

Esta é uma realidade encontrada no nosso meio, onde a criança deveria ter a possibilidade de experimentar várias modalidades, pelo menos até os 10 anos de idade, para depois, em consenso com professor e pais, quem sabe praticar uma modalidade apenas, sem contudo ser somente a vontade de terceiros, pois entendemos que a escolha tem que ser de quem pratica e não de quem já praticou e/ou não teve também oportunidade de escolha.

O trabalho relata que a educação e o desenvolvimento são conceitos inter-relacionados. Quanto à influência no processo pelo desporto, existem divergências, pois há mais opiniões subjetivas e especulativas do que dados empiricamente credíveis, pelo que uma argumentação conclusiva, além de extremamente difícil, ainda aguarda a luz do dia, sendo que uma delas vê o desporto de rendimento como um domínio altamente carregado de riscos e sobrecargas. No entanto, observa-se que a carga decorre do volume de tempo e as exigências são decorrentes do horário escolar semanal, do treino e da competição. Todavia, o elevado índice de motivação faz com que os atingidos não sintam a sobrecarga. (Bento, 1999:65)

Uma outra linha crítica coloca as crianças como objetos manipulados pelos pais, treinadores e dirigentes, e indefesas ao adestramento. Contudo, estudos revelam que os jovens esportistas vêm satisfeitas as necessidades que, de outro modo, ficariam por satisfazer. (Bento, 1999:66)

Essas e outras críticas em nome do conceito de infância não concretizam tais conceitos de como alcançar o referido bem, o que torna necessário aprofundar e diversificar os argumentos dos discursos pedagógicos sobre esta problemática.

Conforme Bento (1999), outro fator importante está no entendimento dos clubes esportivos como centros pedagogizantes e na formação de seus treinadores e dirigentes, já que de acordo com tal formação teremos um profissional pedagogizador ou sem competência para a

função que exerce, pois o treinador tem um papel de influência nas atitudes comportamentais e no sentido da vida dos atletas, juntamente com o dirigente, que é fundamental na organização e preparação, e congregador de condições para prática desportiva.

Assim, o autor coloca que o desporto é formador de um ser integral, capaz de socializar-se tanto em modalidades coletivas quanto individuais. Entretanto, sua individualidade é melhor alcançada nos esportes individuais.

O presente e o futuro do desporto de crianças e jovens suscitam, portanto, grandes preocupações, que devem desaguar em estudos e medidas tendentes a melhorar o seu aperfeiçoamento, e a analisar seus propósitos. Quanto aos objetivos, a atividade física pode ser importante para uma vida saudável, como fonte de prazer e relaxamento ou como formadora de uma futura elite desportiva. E ainda, para outras crianças poderá constituir um envolvimento de crescimento salutar, cumprindo uma função de reprodução cultural e social e recriando valores significativos para as futuras gerações. (Bento, 1999:83-4)

Finalmente, o autor coloca que é duvidoso que o desporto, mantendo algumas tendências da evolução em curso, possa corresponder plenamente a estes propósitos. Devemos, sim, dar ênfase à aprendizagem e ao prazer de jogar, dando prioridade aos valores intrínsecos do desporto ao invés de valorizarmos o rendimento e a competição pretensiosamente entendidas pelos adultos. O autor ainda entende que a seleção de talentos, tal como uma acentuada especialização, não deve ter lugar antes da maturação dos adolescentes. (Bento, 1999:85)

Com isso, entendo que, para alcançar o objetivo específico de sinalizar para uma base pedagógica do karatê, é preciso seguir os preceitos da pedagogia, e mais, questioná-los na intenção de transformação.

Como bem diz, Gramsci: 20, apresentado por Casali, 2001: 20:

"Sem dominar o que os dominantes dominam, os dominados jamais superarão a condição de dominados."

A transição do karatê ao karatê olímpico, nos vislumbra suas possibilidades socioculturais, mas também corremos o risco da supervalorização da técnica pela técnica, visando somente à competição em todas as fases do desenvolvimento.

As competições de karatê são consideradas pela maioria dos mestres como uma “obra a ser lapidada e não um objetivo final no desenvolvimento do karateca ”.(F.P.K, 2001:06)

Penso que a supervalorização da técnica é uma limitação cruel que se faz com a gama de diversificações de movimentos do karatê e ainda com a possibilidade de criarmos para as crianças que estão na terceira fase de desenvolvimento, um calendário rotativo anual com uma diversidade de modalidades.

O karatê competitivo traz intrínseco o movimento dos animais e a personalidade de seus mestres e seguidores, que sofre logicamente a interferência do meio. Devido a isso temos, entre outras, uma diferenciação quanto ao contato; alguns estilos regulamentaram um contato suave, como é o caso do shotokan e o shorin-ryu, enquanto outros, valorizando mais a questão do ataque, se caracterizaram pelo contato intenso (full-contact). (Jardim, 1994:05)

“Shotokan = Shoto (pseudônimo de Funakoshi como poeta); Kan (escola, classe), então shotokan significa "Escola de Funakoshi. Observamos também que" sho ", significa pinheiro e" To ", significa ondas ou som que as árvores fazem quando o vento bate nelas.”
(Funakoshi, 1975: 95)

Os estilos com mais contato não são conhecidos no Brasil como karatê, por motivos de diferenciação de objetivos das academias. Se fizermos um pouco de leitura e/ou colocarmos nossas crianças em uma academia filiada a Confederação Brasileira de Karatê (C.B.K), que no caso do Estado de Goiás é representada pela Federação de Karatê do Estado de Goiás (FEKAEGO), entenderemos que a intenção do karatê olímpico é a de formar um indivíduo de grande moral social, porém crítico e capaz de enfrentar situações de injustiça, já que este traz consigo a arte guerreira e os princípios da filosofia budo, que se traduz pela busca constante do aperfeiçoamento, do autocontrole e da contribuição pessoal para a harmonização do meio onde se está inserido (Maranzana, 2001)

Tal teoria do indivíduo crítico, e às vezes oprimido, vai de encontro com o pensamento de que o jovem deve se libertar da falta de poder ou de capacidade do homem para agir racionalmente sem ajuda ou orientação de alguém(menoridade), alcançando o processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isto todo seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação, sendo isto conhecido como emancipação intelectual. (Kunz, 1994:31)

Tal emancipação no universo esportivo é de suma importância, já que as divisões políticas e pelo poder nas artes marciais e na capoeira, fazem com que surjam diversos estilos e federações, levando o aluno acrítico a uma caminho sem muita perspectiva, tanto de aprendizagem, quanto de objetivo, se esse for, a projeção esportiva nos jogos olímpicos.

“Em minha opinião, um problema sério que assedia o karatê-dô atual é a predominância de escolas divergentes. Acredito que isto terá um efeito deletério sobre o desenvolvimento futuro da arte.” (Funakoshi, 1975: 48)

Nesse sentido, enquanto a C.B.K se preocupa com a unificação dos vários estilos de karatê, nós, pesquisadores, temos a obrigação de desenvolver alternativas favoráveis a uma forma pedagógica de se ensinar karatê, capaz de ser um meio de transformação e nunca um fim em si mesmo, como é o esporte competitivo, realizado precocemente. Caso tenhamos a capacidade de tal realização, poderemos ensinar o karatê, além da própria modalidade.

Nos dias atuais percebemos a preocupação em várias modalidades coletivas e individuais e, na medida em que tais leituras são feitas e são disponibilizadas por todo o país, mais pesquisadores percebem a necessidade de uma nova concepção educacional para o judô, taekwondo, capoeira e karatê.

Essa preocupação quanto à concepção educacional do karatê nos foi nos apresentada por Duino (1999), que aponta tais questões desde o segundo período de graduação, sendo este o marco de sua entrada como acadêmica da disciplina karatê, no D.L (departamento de lutas) da EEFD (Escola de Educação Física e Desportos), da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Assim sendo, a autora retoma a questão em sua dissertação, buscando elucidar a concepção educacional da disciplina karatê ministrada no D.L., de forma a analisar criticamente seu paradigma na entidade. Para isso, ela se ampara pedagogicamente nos trabalhos de Paulo Freire e no conteúdo histórico filosófico da própria arte marcial, em detrimento da imagem de violência a ela atribuída.

Como já mencionado anteriormente em nosso trabalho, a história das artes marciais se compôs de lacunas, as quais a autora tentou preencher utilizando a história oral, como forma de aproximar os fatos históricos do karatê e do D.L. Assim, Duino (1999), constrói a trajetória da arte de Okinawa ao Brasil, bem como o seu desenvolvimento na EEFD, tarefa de certa forma

frustrada, devido à pouca importância dada a documentos por grande parte dos brasileiros, como registro histórico, o que no caso específico, como vários foram destruídos no decorrer dos anos que passaram, inviabilizou a reconstrução histórica da disciplina na UFRJ.

Entendo, porém, que sua pesquisa não foi em vão, pois, pode assegurar aos novos trabalhos a possibilidade de conhecer alguns fatos do Departamento de Lutas, bem como acordar para a necessidade de se conservar fontes históricas nas entidades.

A seguir, a mesma autora busca uma concepção de Educação e nos diz que, “a educação é um processo contínuo de crescimento e não se dá somente através da escola”, reforçando nossos pensamentos no tocante às possibilidades de educar dentro e fora da escola, ou por que não dizer dentro dessa escola, que é o ambiente. Contudo, de forma a não se oprimir pelo saber, e sim, saber que isto acontece, quem o faz e, através de uma análise crítica, como alterar tal construção.

“O educador que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca.” (Paulo Freire, 1975, citado por Duino, 1999: 33)

Acredito que tais observações vão ao encontro da realidade vivenciada nas academias, onde alguns instrutores de karatê se acham os donos da verdade e seus alunos recebedores de tal. No entanto temos que assumir parte da culpa, e intervir nessa realidade de forma a desencadear transformações, em conjunto com uma gama considerável de instrutores que, também, entendem a necessidade de mudanças.

“Devemos nos transformar em descobridores de novas possibilidades e, em tempo, concretamente reais. Não há esperança na passividade, na acomodação, no ajustamento, e sim na dialética inquietude e paz que caracteriza o ato da busca permanente.” (Freire apud Torres, 1979, citado por Duino, 1999: 40)

Contudo, não podemos tratar o karatê apenas em sua forma esportivizada, o que não engrandeceria em nada ensinar a luta, mas sim na perspectiva das possibilidades de seus movimentos variados e seu conteúdo sociocultural e filosófico, que sabemos ser diferente dos ocidentais, mas que reafirmamos ser ponto de resgate de valores sociais positivos.

E ainda, ensinar nossos acadêmicos somente a competir em qualquer estilo de artes marciais, em nossas entidades de ensino superior, seria ineficaz e no mínimo duvidoso, já que a verdadeira necessidade seria ensiná-los a ensinar, e a aprender com quem está facilitando a aprendizagem.

Duino (1999), conclui que:

“Os princípios pedagógicos que deveriam apoiar o ensino-aprendizagem da disciplina não são claros e não estão determinados em seu conteúdo programático. Dessa forma, houve comprometimento em relação a definição de um caminho na direção da elucidação de uma concepção educacional.”

A autora ainda afirma que:

“A aprendizagem da luta, com a utilização adequada de seus conceitos e de sua filosofia, quando realizada com a intenção da liberdade, leva o karateca a identificar seus limites e potencialidades. O lutador, de forma disciplinada, segue um ritmo de treinamento que envolve diretamente a luta em sua vida diária, facilitando a internalização de seus valores, percebendo-a e compreendendo-a para ser capaz de transformar sua própria realidade.” (Duino, 1999: 78)

Julgo que outro fator preocupante seja a especialização precoce como forma de detectar talentos, já que os países medalhistas preservam suas crianças para o futuro promissor, quando a maturidade e conseqüentemente os títulos chegarão; enquanto que o Brasil, salvo alguns casos, ainda insiste em acelerar tal processo.

Segundo Nista-Piccolo (1999), na perspectiva do ouro olímpico, o Brasil busca de maneira mais intensa, a formação de atletas que possam representá-lo internacionalmente, sem uma preparação adequada para tal.

Entendo que em um processo de aceleração de fases, decorrente de uma especialização esportiva precoce, o karatê não atenderá toda a sua possibilidade, correndo o país o risco de uma má preparação tanto para quem, por ventura, irá competir, quanto para quem o pratica como meio pedagógico.

Concordo com a autora no tocante ao rendimento, pois uma base mal formada é sinal de um atleta limitado tecnicamente, o que somado aos poucos recursos que se investem no esporte brasileiro, torna as possibilidades de ouro olímpico no futuro, um pouco remotas, para o Brasil.

"Antes da prática desportiva, devemos considerar os direitos da criança. Ela precisa primeiramente brincar. Brincar de praticar esportes." (Nista-Piccolo, 1999)

“Estar preparado para vida em sociedade adulta, é ter sido livre para ser criança e adolescente, e não, ao contrário, ter sido transformado em protótipo de gente grande.” (Freire, 1993:25)

Tal pensamento nos leva a refletir que a massificação do esporte, sem contudo analisarmos a pedagogia, pode resultar em severos prejuízos pagos pela criança. (Nista-Piccolo, 1999). Além do que, a criança, quando joga, cria seu próprio mundo, suas regras e assimila valores, cabendo ao professor conduzir, analisar e fornecer subsídios teóricos de acordo com cada fase, para que estas criem uma criticidade e valores humanos dignos.

Segundo Freire (1993), a criança que pratica esporte tem que aprender com ele, valores humanos fundamentais à sua existência, tornando-se mais hábil, mais inteligente, mais afetiva, mais sociável.

Acredito na idéia de que o karatê apresenta tais preceitos, com a vantagem de não ser violento, mesmo contrariando algumas pessoas que o acham. Segundo Cox , 1993, citado por Vianna, (1997):

(...)“Onde são praticados para auto defesa, disciplina mental, harmonia do corpo e mente, resistência física e esporte. Estima-se que 2 a 10 milhões de americanos treinam ativamente. A literatura pertinente ao treinamento de artes marciais tradicionais, indica que faixas pretas não conformam-se aos estereótipos de violência e agressividade pintados nos filmes populares de arte marcial . Além, disso, os princípios das artes marciais, filosofia, e técnicas têm sido aplicadas com sucesso em ambientes clínicos para melhorar o bem estar físico de desafiados fisicamente e para modificar atitudes, emoções e distúrbios de comportamento de adultos e adolescentes”.

Saliente-se que o propósito da "não violência pode ser expresso no seguinte ensinamento":

"Se o adversário é inferior a ti, então por que brigar?.

Se o adversário é superior a ti, então por que brigar?

Se o adversário é igual a ti, compreenderá, o que tu compreendes...

então não haverá luta.

Honra não é orgulho, é consciência real do que se possui ".(Maranzana, 2001)

Estou certo de que a pedagogia do desporto muito tem a colaborar com a pedagogização do karatê, bem como a sustentar uma didática para seu ensinamento nas academias. Assim sendo, a ciência ao dar um norte às possibilidades do karatê, já se faz definida. E a linguagem mais eficiente para interagirmos homem, aprendizagem e ambiente, acredito ser os movimentos diversificados.

Penso que o movimento pretendido nas fases básicas seja inicialmente uma busca de contato com o ambiente e depois uma forma de interação. Desta, então, surge uma linguagem específica, onde os significados se alteram com a maturação.

Segundo Go Tani (1988), os movimentos são de fundamental importância para a evolução dos seres humanos, seja em nível biológico, psicológico ou sociocultural. Estes, na interação com o meio ambiente, são meios de transformação e, ao mesmo tempo possibilitam a aquisição da complexidade das habilidades básicas, culminando em uma vida diária, com qualidade, e/ou desportiva.

"Movimentos são verdadeiramente um aspecto crítico da vida." (Go Tani, 1988:11)

"A comunicação, a expressão da criatividade e a dos sentimentos, são feitas através de movimentos. Nesse relacionamento, aprende sobre si mesmo, quem ele é, o que é capaz de fazer e aprende sobre o meio social em que vive." (Go Tani, 1988:12)

O autor enfatiza a necessidade da Educação Física modificar a compreensão do movimento, passando a analisar o seu significado na relação dinâmica com o meio ambiente. Assim sendo, venho propor a diversificação dos movimentos, respeitando suas bases e as possibilidades de complexidade que esses podem causar no meio e as possibilidades inversas que o meio pode causar no comportamento motor, através dos movimentos dos animais presentes no kata, e na possibilidade de utilizarmos conteúdos lúdicos em determinados movimentos da aula.

No desenvolvimento motor temos basicamente dois processos fundamentais: o aumento da diversificação, ou seja, o aumento na quantidade de elementos do comportamento e o da complexidade do comportamento, que o mesmo diz ser, o aumento da interação entre os elementos do comportamento.(Choshi, 1983, citado por Go Tani, 1988:87)

Entendo com isso, que a diversificação dos movimentos e modalidades são de suma importância para o aumento do cabedal de experiências da criança. Contudo, não podemos incorrer no erro de somente analisar os movimentos, e sim de "refletirmos sobre a atividade humana".

Sobre a necessidade de refletirmos o ser humano que se movimenta, nos diz, Goergen (1999), "que uma das deficiências da Educação Física é a incapacidade de ler. Não ler letras, frases, livros, mas de ler o entorno, o mundo, a história, a cultura, pois esta é a base para interpretar, e entender e ver o homem dentro de sua globalidade".

Talvez a grande deficiência da Educação Física esteja na queda de braço, entre correntes teóricas, umas fundamentadas nas Ciências Biológicas, outras nas Ciências Sociais e algumas acreditando ser importante a sua integração à área das Ciências Humanas. Tal quadro parece preocupar-se tanto com o poder do conhecimento, que a soma dos fatores positivos e tal dicotomia se reflete cada vez mais por parte de alguns na negação do esporte. Estes então, continuam a ignorar as possibilidades do esporte, seja pela manutenção do poder dentro de seus "abrigos anti-realidade", ou até mesmo no caso da Educação, por não conhecerem a importância da cultura corporal, o que nos é compreensível.

Compreendendo tais necessidades, Balbino (2001) apresenta um estudo sobre, jogos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas, como base para uma proposta em pedagogia do esporte, cuja intenção é de refletir a respeito da elaboração de processos de iniciação e formação dos futuros atletas que irão compor o ambiente dos jogos desportivos coletivos, na medida do aumento de exigência pela mídia, de pais e treinadores.

O estudo relata que os J.D.C (Jogos Desportivos Coletivos) são representados por modalidades como o futebol, basquetebol, futsal, voleibol e handebol, inseridos no fenômeno esporte, que por sua vez, tem múltiplos significados e ocupa destaque em nossa cultura. (Balbino, 2001:15)

Segundo Teodorescu, 1984, citado por Balbino, 2001:15, "O jogo desportivo coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo), manobra de acordo com regras preestabelecidas."

O estudo informa que uma situação de jogo não ocorre duas vezes, permitindo com isso uma diversificação de possibilidades de combinações, para quem o pratica, sendo assim impossível prevêê-las em treinamento. (Garganta, 2000, citado por Balbino, 2001:15)

E ainda, destaca a importância do jogo para o desenvolvimento humano, afirmando ser o jogo anterior à própria cultura. (Huizinga, 1993, citada por Balbino, 2001:17). E também, em um ambiente formativo, este pode ser um poderoso formador de comportamentos, como coloca Orlick, 1978, citado pelo mesmo autor. Já Antunes, 1999, citado por Balbino, 2001, diz que:

"A palavra jogo provém de jocu, substantivo masculino de origem latina que significa gracejo. Em seu sentido etimológico, portanto, expressa um divertimento, brincadeira, passatempo, sujeito a regras que devem ser observadas quando se joga. Significa também balanço, oscilação, astúcia, ardil, manobra. Não parece ser difícil concluir que todo jogo verdadeiro é uma metáfora da vida."

Em uma visão antropológica, o jogo segundo Huizinga, 1993, citada por Balbino, 2001, é entendido como:

"Uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente concebidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana."

O jogo "pode ser um ambiente favorável aos estímulos do crescimento, em constantes desafios provocadores do desenvolvimento cognitivo e da transferência destes elementos para toda vida. Transcendendo os aspectos de derrota e vitória como resultados de competição."(Antunes, 1999, citado por Balbino, 2001:18)

Segundo Balbino (2001), diante de uma abordagem multifacetada dos jogos desportivos coletivos, é relevante focar seus aspectos lógicos e racionais, tendo como referenciais o apoio nas ciências biológicas, pedagógicas, psicológicas e sociológicas como coloca Teodorescu, 1984, citado pelo mesmo.

Já Garganta 1998, apud Balbino, 2001, diz que "dois traços são fundamentais dentro da identidade e importância dos jogos desportivos coletivos, sendo primeiro a cooperação, com seu espírito de solidariedade e colaboração, vencendo estratégias adversárias, em segundo a inteligência, que é a capacidade de elaboração e operação de respostas aos problemas provocados pelas mais diversas situações, dizendo a respeito à noção de adaptabilidade do indivíduo."

Também conforme Balbino (2001), os jogos desportivos coletivos (JDC) tiveram origem no séc.XIX, com árabes, chineses, tribos norte-americanas, japoneses, franceses e holandeses, embora algumas modalidades tenham se desenvolvido no séc. XX. Entre estas, o Voleibol, o Basquetebol, o Futebol, o Pólo Aquático, o Rúgbi e o Handebol, e estes, como apresenta Bayer (1994) citado pelo autor, possuem objetos, terrenos, alvos e regras em comum.

O jogo, inicialmente, é abordado de forma cartesiana, ou seja, em partes, sendo reduzido a técnicas, ou soluções impostas, e destas para o jogo formal, tendo como características o passe, recepção e drible, levando as crianças a ações mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados com problemas na compreensão do jogo. (Garganta, 1998, apud Balbino, 2001:24)

Tais fragmentações também são observadas no karatê, em algumas academias, onde se aprende a base, o chute e os golpes de braço específicos para o kumitê. No entanto, em locais onde o kata é reconhecido como essencial, se observa a união de todos os movimentos de defesa e ataque e a aplicabilidade destes, gerando um aluno crítico.

Esse contexto, como afirma o autor, inviabiliza o desenvolvimento das habilidades motoras, que para Barbanti, 1994, *idem*, é:

"Atos motores que surgem dos movimentos da vida diária do ser humano e dos animais, expressa um grau de qualidade e coordenação de movimentos. Habilidade motora encontra-se nos movimentos do dia-a-dia e do trabalho, como também na área dos esportes, podendo ser realizada em um ambiente estável e previsível ou em um ambiente variável e imprevisível durante a ação."

Para Graça (1998), apresentada por Balbino (2001) é importante desde cedo que se coloque em quem está aprendendo, o enfoque nos problemas: quando e por que fazer? E como fazer?. E ainda que todos compreendam e saiam da visão sistêmica para a compreensão do todo, como afirma Capra, 1996, citada pelo mesmo autor.

No karatê, quando se sabe a aplicabilidade de cada golpe, seja de ataque ou defesa, já se monta no inconsciente uma estratégia sequencial dos movimentos, os quais são transferidos para o dia-a-dia, e/ou para a competição.

"No basquetebol, por exemplo, nem sempre os cinco melhores atletas, formam a melhor equipe, sendo na maioria dos casos mais importante as relações geradas entre as partes." (Balbino, 2001:26)

E assim, o autor segue enfatizando a idéia de cooperação, seja na fase de defesa ou na fase de ataque, e que estas partes do jogo se iniciam no campo adversário, destacando também a fase de transição entre estas. O autor também salienta que os JDC, "apresentam basicamente, as mesmas caracterizações de esforços, no que se refere as exigências de capacidades físicas tanto básicas como de forma especial."

Acredito que no kata em equipe, a melhor delas será a mais harmônica em respeito, linguagem e trabalho em grupo, pois o sucesso depende muito do tempo, do domínio do espaço e de uma persistência em equipe.

Segundo Balbino (2001), tendo este trabalho a linha de pesquisa da Pedagogia do Esporte, em busca de uma pluralidade, é importante entendermos que, uma vez organizados como sistema, os JDC são compostos de subsistemas e, logicamente, fazem parte de um sistema ainda maior. E tais sistemas são compostos por regras e regulamentos, que geram dúvidas quanto aos possíveis vencedores, ocasionando uma tensão psicológica. Estas por sua vez, são em parte administradas pelo marketing no esporte, que organiza, também, horários, eventos e paradigmas que, por vezes, estão desalinhados com as condições e exigências básicas das Ciências do Esporte.

"Temos que estar atentos para proporcionar condições saudáveis para o desenvolvimento humano das crianças e jovens participantes do processo, em suas mais amplas abordagens e direções, cuidando para que o futuro como atleta não seja a única opção de vida"

à frente dos que se iniciam nos esportes, já que somente uma pequena parcela atinge o profissionalismo." (Balbino, 2001:39)

Concluindo esta etapa do trabalho, gostaria de reafirmar a importância da iniciação esportiva, a qual pode começar nas diferentes fases de desenvolvimento; contudo, quanto mais tardia, maior será a lacuna de experiências motoras que não foram aprendidas, comprometendo a base dos movimentos do dia-a-dia do ser humano, levando-o a ter dificuldades em aprender novas habilidades complexas.

Por isso, deixo claro que não se trata apenas de colocar as crianças para brincar ou estimulá-las em excesso, o que poderia ser no mínimo estressante e sem aplicabilidade. Assim, talvez não adiante colocar crianças antes da puberdade para treinarem força através de pesos e/ou outros equipamentos de forma intensa, se as mesmas não têm hormônios suficientes para adquirir massa muscular significativa. Então, ao invés de treinar desta forma, por que não usar os katas e/ou as brincadeiras para se obter força através da melhora da coordenação motora?

Finalizando, o esporte, entendido como meio e orientado didaticamente, tendo como conteúdo a diversificação de movimentos e as teorias pedagógicas, é de fundamental importância para um ser humano não dicotômico, solidário e vitorioso, não somente em um único momento de sua trajetória no esporte, mas por toda a vida.

3 - ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE

A iniciação esportiva é um marco na vida do ser humano. Dependendo deste primeiro contato, um simples empurrão na piscina, por exemplo, pode levar a traumas, assim como uma base motora construída satisfatoriamente pode gerar segurança. Porém, para que os benefícios aconteçam, esta tem que ocorrer levando em consideração a fase de desenvolvimento do iniciante, pois temos que respeitar a necessidade de experiências para a maturação somática e ainda tomar cuidado com traumas e/ou impactos longitudinais nos membros da criança que está em crescimento, uma vez que, nestas, as cargas intensas no sentido longitudinal predisõem a calcificação das cartilagens de crescimento precocemente.

A interrupção do crescimento pode ocorrer em um talento que se especializou precocemente na posição de pivô no basquete, e não teve experiência em outra posição da modalidade ou em outras até a terceira fase de desenvolvimento, ou seja, dos 06 aos 12 anos de idade. Esse fato poderá retirá-lo do mundo dos esportes, já que diferenciações acontecem em seguida ao momento do "estirão", e a sua altura e habilidades podem não corresponder a outra posição, fazendo da especialização precoce, na seleção de talentos, um erro de avaliação e/ou objetivos.

Assim, abordo nesta parte do trabalho o pensamento dos pesquisadores em pedagogia do esporte, a respeito da iniciação, que pode ocorrer em qualquer fase, porém, quanto mais cedo melhor, e a especialização esportiva precoce, que acreditamos não ser sinônimo de sucesso futuro no esporte, já que o ideal é o processo de treinamento a longo prazo.

Segundo Balbino (2001), "o processo de treinamento para crianças e jovens, quando realizado e conduzido de forma adequada, pode trazer benefícios, por meio das práticas de iniciação e formação esportiva, sendo o esporte em sua forma essencial educativo."

O autor continua dizendo que temos que permitir ao iniciante a oportunidade de estar sob influência de um ambiente saudável e adequado, sob o ponto de vista biopsicossocial, em que ocorra a otimização do crescimento, da maturação e desenvolvimento, sendo validado pela qualidade de estímulos aplicados. (Balbino, 2001:41)

Entendo que a iniciação deve possibilitar estímulos diversificados tanto em nível de ambiente, como a priori foi apresentado neste estudo, quanto no tocante aos movimentos diversificados, em contraposição à especialização precoce que julgo não ser necessária.

No entanto, a confusão está no entendimento e na diferenciação de iniciação esportiva e especialização esportiva precoce, sendo a primeira importante desde a mais tenra idade e a segunda, no mínimo duvidosa quanto à sua eficiência. Assim, o futuro esportivo da criança depende, em grande parte, deste entendimento para o êxito na sua vida.

Nesse sentido, Arena (1998) diz que a análise mundial mostra que o trabalho estrutural esportivo realizado com crianças, adolescentes e adultos determina os êxitos de qualquer país no cenário esportivo internacional, já que proporciona a renovação das equipes, isto é, contrário ao trabalho anterior que dava mais ênfase à metodologia do treinamento de atletas de alto nível.

A autora diz, ainda, que várias pesquisas têm se preocupado com a idade ideal para se começar o treinamento específico, bem como os programas aplicados a este no esporte de rendimento, que de acordo com Kunz (1994), "é o esporte que se refere a um tipo de sistematização, e assim sendo, é treinado com o objetivo de participar periodicamente em competições esportivas."

Qual será a idade de especialização no karatê?. Será que esta coincide com a iniciação?

Questiono isto, porque em algumas modalidades a idade de iniciação coincide com a idade de início nas competições, o que caracteriza, no mínimo, a especialização precoce.(Arena, 1998:41)

Neste caso, percebemos o desprezo pelo desenvolvimento humano que, para Go Tani (1988:54), "caracteriza-se por uma seqüência fixa de mudanças morfológicas e funcionais no organismo que, todavia, ocorrem em diferentes velocidades de indivíduo para indivíduo." Este inclui todos os aspectos do comportamento humano e, como resultado, somente artificialmente pode ser separado em áreas, fases ou faixas etárias. Contudo, a idade cronológica diferencia de pessoa para pessoa da idade biológica, sendo então um fator de aceleração e da busca do talento a todo custo.

"A idade biológica é verificada pelo estado maturacional. Pode ser obtida por meio da avaliação das idades mental, óssea, morfológica, neurológica, dental e sexual".(Araújo, 1985 apud Nascimento, 2000; Vaughan e Tanner, 1975 apud Go Tani, 1988:55)

Vários estudos apresentaram outra importante variável do desenvolvimento que são as experiências motoras, entre estes Piaget (1982), citado por Go Tani (1988), que demonstrou a importância dos movimentos no curso do desenvolvimento intelectual do indivíduo. Para Connolly (1977), citado por Go Tani (1988), as mudanças motoras ainda são creditadas às mudanças biomecânicas ocasionadas pelo crescimento físico, maturação neurológica (aspecto mais estrutural) e às mudanças oriundas do desenvolvimento cognitivo (aspecto mais funcional)

Assim, penso que os vários movimentos e direções do kata, sendo aumentados em intensidade gradativamente, podem ser um valioso estímulo neurológico, conseqüentemente motor, para as crianças, principalmente se conciliado com outras modalidades.

Uma outra preocupação é quanto à divisão de categorias no karatê a qual, aparentemente, o único critério é a idade cronológica, que segundo Gallahue (2001:14) é a idade do indivíduo em meses e/ou em anos, o que pode levar à faixa preta uma criança sem condições maturacionais para ostentar a posição de mestre, podendo até ser um fator de abandono do esporte. Porém, isto no Brasil não é exclusivo das artes marciais, como mostram os estudos feitos nas modalidades esportivas, como: Basquetebol, atletismo, Judô e Futsal. (Paes, 1996; Franchini, 1998; Arena, 1998; Nascimento, 2000 e Santana, 2001)

Ao observar estudos como os de Jardim (1994) e Go Tani (1988), exponho minha segunda incompreensão no tocante à diferenciação do crescimento físico linear que, no caso do karatê, estilo shotokan, é visível quando se observa a variação biotipológica entre os competidores, de mesma idade cronológica, principalmente na luta de competição conforme as regras do regulamento competitivo (shiai kumitê). (Rangel, 1989:78;)

Encontrei a seguinte justificativa para tal divisão:

"O que se analisa e se exige dos lutadores em uma competição de karatê é a eficiência na execução dos movimentos, ou seja, a dinâmica corporal utilizada para se aplicar os golpes, e não tão somente a velocidade ou o contato. Isso exige um grande domínio físico (postura, força) e mental (kime, zanshin) por parte do lutador." Perde-se na beleza dos movimentos, mas apenas buscar pontos numa luta não levam à perfeição!(Nakayama)

Estudos mostram que é por isso que, numa competição de karatê, não existe divisão de pesos. O lutador cujo físico é pequeno poderá vencer o grande, se for treinado de maneira correta. Ele deverá estar preparado para enfrentar qualquer adversário, seja qual for o tamanho. (Maranzana, 2001)

Questiono alguns pontos de tal justificativa, iniciando pela impossibilidade de eficiência na execução de movimentos pela criança, em nível competitivo, com faixas etárias subseqüentes, já que seu estado maturacional não a permite. Uma segunda questão é quanto ao domínio postural e mental: Como exigir de um ser que busca tais equilíbrios, um domínio?. Além do que, ao se falar de diferença de tamanho em parábolas da história, não se citavam crianças, então o entendimento deve passar pelo conhecimento e pelo bom senso.

O terceiro ponto é no tocante à necessidade de treino das crianças e sua reação à derrota, pois o adversário (se podemos chamar outra criança assim!) poderá perder em tal fase por todas as diferenciações supracitadas, inclusive pela variação de comprimento de membros superiores, e tudo isso, juntamente com a diferenciação de peso, provoca uma desigualdade significativa, levando a criança perdedora, a uma possível frustração.

Além disso, alguns trabalhos não conseguiram mostrar diferenças significativas entre crianças treinadas e não treinadas na pré-puberdade.(Brooks e Fahey, 1984 apud Go Tani, 1988:59). Tal treinabilidade só se consolida, segundo Cumming, 1975 citado por Go Tani, 1988, na fase essencial para o desenvolvimento das capacidades físicas, ou seja, na puberdade.

Outra questão que observei é quanto à iniciação de algumas das lendas no karatê em idade não precoce, voltando a frisar que o problema não é a iniciação e sim a especialização precoce. O que pretendo demonstrar a seguir é que se estes começaram a treinar, em grande maioria após a segunda fase, logicamente não tiveram a especialização esportiva precoce, indo ao encontro de Go Tani (1988) e a Paes (1996), como se pode ver:

A) Kenwa Mabuni: Iniciou aos 10 anos de idade e recebeu os ensinamentos do mestre Itosu e juntamente com o mestre Chojun Miyagi, fundam o Naha-te, que é um dos estilos base do Shotokan. (Maranzana, 2001)

B) Shigeru Egami: Iniciou aos 13 anos de idade no judô e no futuro se tornou discípulo de Funakoshi juntamente com o filho mais velho do Mestre Gichin, Yoshitaka Funakoshi, os quais introduzem a prática do Jyu Kumatê ("Kumatê Livre"). (Maranzana, 2001)

C) Gichin Funakoshi: Que iniciou seus estudos com o mestre Asato, no duro sistema do Naha-Te (força e concentração), e com o mestre Itosu nos sistemas Shuri-Te (velocidade e elasticidade), aos 11 anos de idade, não caracterizando a relação entre especialização precoce e vitória espiritual no karatê.

De acordo com Gallahue (1982), citado por Go Tani (1988) e Paes (1996), as diferenças, quando não observadas, podem ser um fator de abandono do esporte, já que essa desigualdade de proporções corporais, em tal fase, é sinônimo de "talento", e especificação precoce de posições, o que atropela a necessidade dos movimentos diversificados, ou seja, não se constroem as habilidades de base para adequações futuras.

"As habilidades básicas, são atividades que permitem a locomoção e manipulação em diferentes situações, caracterizadas por uma meta geral, servindo de base para aquisição futura de tarefas mais complexas, como andar, correr, saltar, arremessar, chutar, etc. (Go Tani, 1988:67)".

O mesmo autor diz que, "as diferenças no ritmo de desenvolvimento e determinantes genéticos parecem ser as grandes responsáveis pelo aparecimento de talentos esportivos infantis." O que nos leva a acreditar que o talento pode aflorar depois da terceira fase de desenvolvimento humano.

O autor ainda cita Robertson (1977b), o qual afirma que as mudanças nos estágios de desenvolvimento ocorrem de forma segmentar e não no corpo todo, ou seja, a criança pode apresentar dois estágios ao mesmo tempo.

De Rose Jr., 1994, citado por Arena, 1998, aponta que as primeiras idades de iniciação em competições regulares, de acordo com as federações esportivas brasileiras, variam de 04 a 14 anos, e que não existe, na maioria das vezes, um critério lógico, coerente e fundamentado para tal definição.

Foi observado que no Judô, a iniciação de aprendizado acontece na terceira Infância, ou seja, por volta dos 07 aos 10/11 anos de idade. (Franchini, 1998:37)

Outro aspecto interessante em iniciação é apresentado por Santana (2001), em que aponta como idade inicial no futsal, as idades de 05 a 10 anos. O autor observou em suas aulas de futsal, que antes do início destas, as crianças brincam com uma bola, trazida por elas, utilizando suas próprias regras e chegando à suas próprias conclusões. E isso é interrompido pelo som de seu apito, quando as crianças parecem acordar de um sonho, ao entrar no mundo dos adultos, ou da técnica; neste momento o sorriso se evapora com o suor.

O autor nos conta que, ao final da aula, com o apelo do "show-ball", que é um jogo que mais se parece com uma pelada, onde todos os meninos jogam ao mesmo tempo, não tem lateral, nem escanteio e a bola é de futebol de campo, as crianças voltam a se divertir, utilizando toda uma diversificação de movimentos, com um prazer não presente nas aulas, parece que voltaram a sonhar.

Santana (2001), concluí que:

"A iniciação esportiva das crianças pode iniciá-las para vida, transportando os limites da técnica e da tática. E para isso as atividades propostas não podem ser adestradoras, tecnicamente exigentes, preocupadas com o desempenho em competições, e com o resultado final do jogo."

Por conseguinte, o que vem a ser técnica e tática, para alguns autores?

"A técnica constitui em um dos elementos de grande importância para otimização dos movimentos em vários aspectos, dirigindo-se à solução de uma tarefa motora, onde as condições sejam constantes, ou problema motor, em que as condições variadas, de forma mais objetiva e econômica possível, dentro de procedimentos envolvidos na prática, correspondendo a um tipo motor ideal, que pode ser modificado." (Greco et al, 1998; Zech apud Weineck, 1999; citados por Balbino, 2001:53)

"Dos 06 aos 12 anos, existe grande importância em, primeiramente, adquirir novos movimentos, ampliando-se o repertório motor, do que adquirir técnicas específicas para, em seguida, variar o treinamento na busca de melhor desenvolvimento técnico nas primeiras fases de aprendizagem." (Weineck, 1999, apud Balbino, 2001:53)

"A tática é um complexo conjunto de processos psíquico-cognitivo-motor que conduz a tomada de decisão adequada para resolver a tarefa-problema do jogo, permitindo um comportamento adaptado às situações do jogo ou atividade." (Greco et al, 1998 apud Balbino, 2001:55)

Observei, também, que as crianças norte-americanas iniciam a prática orientada de movimentos por volta dos 5 a 6 anos de idade, tendo como média os 11 anos de idade. A exemplo disso, observamos que estas começam, na Luta Greco Romana, aos 05 anos. (Oliveira, 1993 apud Arena, 1998: 50-1)

O treinamento a longo prazo, na Rússia, se dá subdividindo em etapas, e sua iniciação em faixas etárias. Citamos neste caso, a Luta, o Boxe, e o Halterofilismo, nos quais a idade varia dos 13 aos 14 anos de idade. Isso para a especialização de modalidades desportivas. (Filin, 1996 apud Arena, 1998:51)

Foi observado que, em São Paulo, as diversas entidades desportivas desenvolvem um trabalho de iniciação desportiva, com idades que variam dos 3/4 anos até os 11/12 anos. Nestes locais, existem também as escolas de esportes, que variam a idade de ingresso e de competição. A exemplo disso, na natação inicia-se o treino específico entre 6 e 7 anos e compete na categoria mirim aos 8/9 anos de idade.

No futsal inicia-se aos 6/7 anos e já se tem competição da categoria fraldinha por volta dos 6/7/8 anos de idade.(Arena, 1998)

Entendo que tal variabilidade de idades em iniciação esportiva e competição está ligada a diversos fatores, entre os quais, a falta de trabalhos específicos em modalidades diferentes, já que, a diversidade não está presente só nas modalidades, mas a encontramos no contexto sociocultural, de origem das modalidades, sendo então viável uma análise de ótica diferente. Apesar disso, a somatória dos dados encontrados em diferentes trabalhos, em muito vem a contribuir com o crescimento da pedagogia do desporto.

Outra questão é o objetivo a se alcançar com o esporte. Se este for a competição, juntamente com a iniciação antes dos 12 anos de idade, veremos em várias modalidades a alteração de regulamentos, e a passagem para o esporte profissional precocemente. Tais aspectos atendem aos desejos de alguns profissionais e à vontade dos pais refletida nas crianças que as acabam levando a uma especialização precoce. (Arena, 1998:42)

Deixo com isso, as seguintes questões: Por que em várias modalidades está ocorrendo a especialização precoce?. Será que você, que está lendo, não está levando as suas crianças a este tipo de precocidade?

Apresento tal indagação na preocupação com a melhor fase de aprendizado do ser humano, como destaca Freire (1999), e além do que, pode estar ocorrendo a não percepção da importância do prazer em se brincar, recrear e ter prazer, que tanto a criança necessita e tem por direito, em prol da preocupação de atendimento da alimentação do espetáculo. (Santana, 2001)

Quanto a isso, gostaria de citar dois autores:

“A criança sabe o que lhe dá prazer, ou então não teria inventado a pelada de rua, a amarelinha... . A criança sabe como ninguém buscar prazer nas suas atividades, caso contrário não

improvisaria a tampinha no lugar da bola, as pedras de tijolos no lugar das traves do gol..”.(Santana, 2001:27)

“Se a natureza brindou com a persistência a formiga, com a força o elefante, com a velocidade o leopardo, ao homem brindou com a infância.” (Freire, 1993:22)

“Tanta infância talvez seja para isso, para aprender tanta coisa que os que vieram antes de nós construíram.” (Freire, 1993:22)

“Não faltam argumentos nos textos de Psicologia, Antropologia ou Biologia, em favor da infância e da adolescência, mas assim como os bons manuais de educação, estão todos nas estantes, esquecidos e, se não são lidas para trabalhos acadêmicos, não conseguem atravessar as portas das bibliotecas e universidades.” (Freire, 1993:23)

Gostaria, novamente, de frisar que não sou contra a competição, apenas entendo que esta deve e pode acontecer, se respeitarmos alguns aspectos importantes como:

A - O Desenvolvimento Físico, apresentado por (Carazzato e Costa, 1991, apud Paes, 1996; Arena,1998)

- **Primeira Fase:** De 0 a 1 ano, fase do "conhecimento", na qual ocorre o surgimento de padrões neurológicos. Nesta fase, recomenda-se o desenvolvimento da psicomotricidade, o reconhecimento do meio aquático e do terrestre aéreo.

- **Segunda Fase:** De 1 a 6 anos, fase do desenvolvimento neuropsicomotor, com o estabelecimento da coordenação motora final: Andar, que segundo Go Tani (1988), "é reconhecido como o primeiro padrão fundamental de movimento ou habilidade básica a se desenvolver". E ainda o "correr, saltar, cair, arremessar, quicar, rebater e pegar". (Go Tani, 1988:87)

"Até aproximadamente 6 a 7 anos de idade, o desenvolvimento motor da criança se caracteriza basicamente pela aquisição, estabilização e diversificação das habilidades básicas." (Go Tani, 1988:87)

- **Terceira Fase:** De 6 a 12 anos, fase do desenvolvimento em conjunto do organismo; o crescimento ósseo e miotendinoso, o psíquico e mental. É recomendado nesta fase o início em "escolas de esporte", para a aquisição de conhecimentos em várias modalidades esportivas. Por volta dos 10 anos, sugere-se iniciar atividades mais específicas como ginástica olímpica, natação, corridas e saltos.

Rosadas apud Paes (1996:28) afirma que o treinamento só será viável para a criança, a partir da existência de uma base, chamada maturidade sensório-motriz, vez que todo treinamento anterior a esta fase é prejudicial à criança.

Segundo Go Tani (1988), na fase pré-púbere deve-se enfatizar o desenvolvimento de habilidades e capacidades perceptivo-motoras, considerando as limitações impostas à performance pelas capacidades físicas, evitando com isso grandes sobrecargas sobre o sistema ósteo-articular e contatos físicos violentos, pois há riscos de lesões sobre as cartilagens de crescimento ainda frágeis, podendo deixar seqüelas.

O autor complementa: "A tarefa deve estar ajustada à criança e não a criança à tarefa."

Carazzato (apud Paes, 1996) afirma que até os 12 anos de idade a proposta deve ser o máximo possível recreativa, objetivando oferecer maior experiência motora.

- **Quarta Fase:** De 12 a 18 anos, fase do desenvolvimento final do padrão físico, na qual se recomenda a prática de alguns esportes competitivos que irão melhorar definitivamente a coordenação motora, a flexibilidade, a velocidade, a força e a resistência.

B - Os Aspectos Psicossociais

Para Arena (1998), um aspecto a ser considerado, quando se trata de introduzir a criança em uma única atividade esportiva e em nível de rendimento máximo, é o respeito à sua essência lúdica.

A autora diz que a aprendizagem de diversos movimentos atende essa característica, pois em grande parte do tempo que a criança está envolvida no desporto, ela está se divertindo, exceto quando este é considerado "trabalho".

Segundo Rosadas (1985), a prática desportiva pode ter vários objetivos, entre estes o educacional e a performance.(Paes, 1996; Arena, 1998)

Arena (1998) complementa que, as diversas pressões do atual processo competitivo realizado com jovens atletas conduziram a situações complexas.

Já Sobral (1993), apud Arena (1998), nos diz que:

"O treinamento esportivo visando alto grau de rendimento é um processo de extrema exigência e alto custo, portanto, a participação indiscriminada de indivíduos que não possuem os requisitos biológicos e comportamentais inerentes ao nível das expectativas poderá causar danos irreparáveis no futuro treinamento desses atletas."

Entendo que todos esses aspectos devem ser considerados e somados ao lúdico e à vontade da criança, a qual pode querer ou não competir, na fase correta, pois essa vontade tem que ser própria da mesma, e não uma exigência de quem a cerca.

Neste instante, retomo o trabalho de Balbino (2001) que, preocupado com as possibilidades inerentes destas fases, se apóia nos seguintes autores: Hahn (1989); Grosser et al. (1989); Greco et al (1998) e Weineck (1999), para formar conceitos do processo de iniciação.

Para **Hahn** (1989), o modelo de rendimento no esporte se baseia em três fases seqüenciais:

A – Formação Psicomotriz: Que inicia-se com uma preparação fundamental, visando o desenvolvimento motriz expansivo na infância e estabelecendo bases para se sentir alegria no jogo ou no esporte. Seus conteúdos são a motivação, coordenação, flexibilidade e destreza, e são considerados básicos para rendimentos posteriores. Entre as idades de 7 a 8 anos, e 11 e 12 anos se aprendem facilmente as capacidades coordenativas. Em seguida, propõe atividades que viabilizem a aprendizagem motora variada e lúdica e acumulação de experiências motrizes assimiladas das formas esportivas mais variadas.

B – Início da Especialização em um Esporte: Nesta fase a especificação do esporte escolhido não impede as atividades semelhantes de outros esportes, no tocante à técnica e lógica interna do

jogo. Há uma diminuição do incremento à coordenação de forma pura, objetivando as técnicas específicas do esporte, culminando com o início da atividade competitiva.

C – Aprofundamento no Treinamento Específico: Os objetivos dirigem-se ao desenvolvimento conseqüente das condições motrizes básicas, à estabilização das técnicas, ao incremento acentuado das cargas de treinamento e à atividade competitiva regular.

Para **Greco**, as fases se dividem em:

A – Fase Universal (4/6 anos até 11/12 anos): Fase mais ampla e rica do processo de formação esportiva, em que se procura desenvolver todas as capacidades motoras e coordenativas de uma forma geral, criando base ampla e variada de movimentações que ressaltam o aspecto lúdico.

B – Fase de Orientação (11/12 anos até 13/14 anos): Começa a ocorrer automação de grande parte dos movimentos, permitindo ao praticante, a percepção de outros estímulos que ocorrem ao mesmo tempo da ação que é realizada, indicando para o plano motor que caracteriza o movimento que já está aqui definido. Destaca-se a estimulação diversificada para, nas outras fases, aperfeiçoar os gestos técnicos.

C – Fase de Direção (13/14 anos até 15/16): Fase do início do aperfeiçoamento e especialização técnica em uma modalidade esportiva. Deve-se buscar o auxílio de duas a três modalidades esportivas complementares.

D – Fase de Especialização (15/16 anos até 17/18 anos): Procura-se a especialização na modalidade escolhida, por meio do aperfeiçoamento técnico e tático, estruturando comportamentos táticos de alto nível competitivo.

A Caracterização de Fases por **Weineck**:

A – Início da Fase Escolar (6/7 até 10 anos): Fase do aumento do repertório de movimentos para melhoria da coordenação em escolares iniciantes. A instrução deve ser poliesportiva, aproveitando o entusiasmo infantil para uma familiarização esportiva, que talvez venha a praticar por toda a vida.

B – Idade Escolar Tardia (10 anos até início da puberdade): Esta é a melhor fase do aprendizado e deve ser aproveitada com exercícios variados e direcionados para a consolidação de uma técnica esportiva superficial ou, ainda, se possível mais refinada. Deve-se atentar para não automatização de movimentos com técnicas duvidosas.

C – Primeira Fase Puberal (Meninas = 11/12 anos até 13/14 anos; Meninos = 12/13 até 14/15 anos): O treinamento se concentra na coordenação, aprimorada de modo lento e gradual, sendo importante a participação do jovem na elaboração do treinamento.

D – Segunda Fase Puberal (Meninas = 13/14 anos até 17/18 anos; Meninos = 14/15 até 18/19 anos): Fase das grandes oportunidades de aprendizagem de técnicas e tolerância a estímulos, que podem se assemelhar aos adultos, embora a plasticidade nervosa se mantenha como na infância. O fim da adolescência coincide com a fase de desempenho máximo de algumas modalidades desportivas.

Em seguida Balbino (2001) cita as fases sensíveis do treinamento (fases favoráveis para o treinamento de determinadas capacidades motoras), que são:

A – Capacidades Sensoriais, Cognitivas e Psíquicas:

"São imprescindíveis para o desenvolvimento nos processos de aprendizagem e treinamento no esporte. As capacidades perceptíveis pelo sistema sensorial, as volitivas, intelectuais e de maior reação e concentração se desenvolvem favoravelmente entre os 9 e 13 anos." (Grosser et al, 1989)

B – Capacidades de Aprendizagem e Coordenação

São favorecidas entre os 07 e os 12 anos, pela elevada plasticidade do Sistema Nervoso Central. A aprendizagem motora encontra-se favorecida entre os 9/10 anos e 13 anos.

C – Capacidades de Resistência: A capacidade aeróbia é indicada o que não acontece com a anaeróbia.

D – Capacidade de Força: Dos 8/10 anos desenvolve-se a coordenação intra e intermuscular tendo sua fase sensível aos 11/13 anos em forma de velocidade cíclica e de movimento. O aumento da secção transversal de fibra muscular se inicia na puberdade , tendo como causa a produção hormonal.

A partir dos 11/13 anos até 15/17 anos, instala-se a fase sensível para força explosiva e resistência de força. Dos 15/17 aos 17/19 anos, dá-se a fase sensível para o treinamento da força máxima.

E – Capacidade de Velocidade: Capacidade complexa, síntese de força e coordenação, sendo que dos 07/12 anos para tempo de reação e velocidade cíclica, os 9/13 para força explosiva e aceleração nas meninas, e 10/11 anos até 15 para os meninos.

F – Capacidade de Flexibilidade: Diferenciamos a passiva que começa nos primeiros anos de vida da ativa que começa muito mais tarde, entre 8 e 11/12 anos nas meninas e 8/9 até 12/13 anos nos meninos.

Além das fases citadas, Balbino se ampara nas oito inteligências múltiplas, elaboradas por Gardner (1994, 1995, et al. 1998, 2000), as quais iremos citar para dar um melhor entendimento na sua proposta pedagógica e também porque estas contribuem de forma significativa com nosso trabalho.

Primeiramente gostaria de definir a inteligência, segundo Garganta (1998 apud Balbino, 2001:78)

"...a inteligência, entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo."

Freire, 2001, citado por Balbino, 2001:78, reflete:

"Considerado por esse prisma, o nosso entendimento de inteligência é de que os problemas com os quais as pessoas se deparam no mundo podem ser superados com a aplicação de soluções exclusivamente racionais."

Dessa forma, citaremos a seguir as oito inteligências múltiplas, por Gardner, 2000 apud Balbino, 2001

A – A Inteligência Corporal Cinestésica

"É a capacidade de trabalhar com objetos de forma hábil, tanto os que envolvem movimentos motores finos dos dedos e mãos quanto os que exploram movimentos grosseiros do corpo."

B – A Inteligência Verbal Lingüística

"Envolve a sensibilidade para a língua falada e escrita, e a habilidade de aprender línguas bem como a capacidade de utilizar a linguagem para atingir objetivos."

C – A Inteligência Lógico-Matemática

"Envolve a capacidade de analisar problemas lógicos, operações matemáticas e questões científicas. É considerada por Gardner (1995), como arquétipo da "Inteligência Pura".

D – A Inteligência Musical

Com estrutura quase paralela à da Inteligência Lingüística, acarreta a habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. A inteligência musical emerge mais

cedo que outros talentos em outras áreas da inteligência humana, sendo a música segundo Campbell et al., 2000, citado por Balbino, 2001, "uma das formas mais antigas de arte."

E – A Inteligência Espacial

"Tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço, bem como os padrões de áreas mais confinadas, como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos."

F – A Inteligência Interpessoal

"Compreende a capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo, e conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, líderes religiosos, políticos e atores manifestam esta bem desenvolvida."

G – A Inteligência Intrapessoal

"É a capacidade da pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente, incluindo os próprios desejos, medos e capacidades de regular a própria vida."

H – A Inteligência Naturalista

"Refere-se ao conhecimento do mundo vivo, incluindo a classificação de diversas espécies, vivendo em harmonia com outros seres vivos. Esta é encontrada em naturalistas, biólogos, botânicos, geógrafos, paisagistas e jardineiros."

Em seguida, Balbino (2001) integra as inteligências diferenciadas aos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), no tocante aos conhecimentos do treinamento infantil e às possíveis conseqüências, chegando às seguintes considerações finais:

- Os jogos desportivos coletivos são um ambiente repleto de possibilidades de desenvolvimento físico, das habilidades motoras, de elaboração de estratégias, aquisição de capacidades motoras, e até no exercício de viver em sociedade, como o próprio sistema dos JDC representa;
- Possibilita a formação do Ser Humano através do esporte praticado para diversos fins, como prazer e diversão, meio de educação formal ou como meio de se atingir um futuro profissional;
- Temos que respeitar as fases sensíveis de crescimento e desenvolvimento e conhecer as características deste rico momento, que significa potencializar de forma adequada a evolução das crianças e jovens inseridas no processo. É preciso valorizar e preparar o profissional para que se oriente nessa trajetória;
- O agente pedagógico ou professor tem que estar preparado ao tratar com os temas apresentados, o que significa a condição primária para o sucesso e conseqüente evolução do processo de iniciação e formação esportiva;
- As exigências da tecnologia pertinente à entrada da mídia, patrocinadores, indústrias estão acelerando as fases da prática do esporte, e dando significados do mais forte, o mais alto, mais rápido, culminando com o intenso consumo.
- Em forma contrária, este sistema dos JDC permite estímulos saudáveis a muitas crianças e jovens, além de integrar atletas e profissionais das áreas relativas às Ciências do Esporte, gerando múltiplas oportunidades.

Para isso, outros olhares se fazem necessários. Partindo da pressuposição de ter-se o Esporte como um processo essencialmente educativo, cria-se a possibilidade de fazermos de sua prática um instrumento para o desenvolvimento do Homem, que se prepara para vencer os diversos desafios que se colocam à frente transferindo conhecimentos e experiências vividas no ambiente de esportes para toda a vida.

Finalizando, Balbino (2001) chama a atenção para um dos efeitos indesejados que podem ocorrer no processo de iniciação e formação esportiva: a Especialização Precoce, que possui várias causas indicadoras de sua ocorrência. A atuação inadequada de técnicos, professores e dirigentes pode comprometer a evolução de crianças e jovens nos possíveis aprendizados,

interrompendo ou prejudicando o crescimento saudável de acordo com os propósitos de ser um meio formativo por excelência.

Roberts (1980), Roberts e Treasure (1992), recomendam que a criança até os 12 anos não deve participar de atividades competitivas formais, por não possuir maturidade suficiente para compreender tudo o que está envolvido em um processo competitivo.

Percebo, com tais fatos, que a iniciação esportiva com movimentos variados é bem aceita pela literatura, e observo a necessidade equivocada da busca de talento em algumas modalidades por volta dos 6 a 12 anos, que corresponde à terceira fase, em que o desenvolvimento biopsicosocial, em geral, não está preparado para tal exigência.

Além disso, tal fase é ideal para o aprendizado motor, utilizando para isso as repetições positivas de movimentos, e não a tão usada repetição de gestos sem crítica e construção. Alguns estudos ainda apontam para os desajustes motores, pela ausência de movimentos variados, que farão parte de toda a vida da criança.

Foi observado que a fase dos 6 aos 12 anos de idade, em especial por volta dos 10 anos, é ideal para disponibilizarmos várias modalidades diferentes, e não se recomenda, por conseguinte, a competição, apesar que o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores. (Teotônio Lima apud Paes, 1996:29),

Além disso, o "fantasma" da teoria e prática assusta o desporto, pois existe uma dificuldade em se estabelecer um limiar entre iniciação e treinamento, ou aprendizagem e especialização. (Galdino, 2000)

Acredito que nosso sucesso profissional acontecerá quando conseguirmos enxergar na prática a teoria, e assim levantarmos novos problemas, culminando, por conseguinte, em transformações na aprendizagem do esporte não dicotômico.

Marques (1992), apresentado por Kunz (1994:29), nos diz que:

"A teoria tem a capacidade de antecipar ações práticas, mas é a partir, também, de propostas práticas concretas que o desenvolvimento teórico pode tomar um novo impulso. E é nesta dialética de interação entre a teoria e a prática que se pode chegar a uma pedagogia consistente para o ensino dos esportes."

Tal entendimento, com certeza, conscientizará as pessoas envolvidas no esporte, que uma criança, cuja iniciação foi possibilitada nas primeiras fases, talvez não queira ser um atleta e ainda não está madura para isso.

Segundo Galdino (2000), competir significa ter as mínimas condições para realizar as tarefas necessárias do evento em questão.

Para Huizinga (apud Paes, 1996:60):

"A competição está incluída na categoria jogo tais como outras formas, a competição é igualmente desprovida de objetivos; sendo assim, ela começa e termina em si mesma, não tendo qualquer contribuição para o processo vital do grupo, o que significa que o elemento final da ação está no resultado enquanto tal, sem relação com o que se segue."

Entendo que o jogo, com fim em si mesmo, é desfavorável às crianças abaixo dos 12 anos de idade, pois estão em fase onde vários estudos mostram ser de aprendizagem e/ou construção de uma base. Apesar disso, muitos técnicos, dirigentes e professores insistem na especialização precoce como verdade na descoberta do talento, o que para Paes (1996:81), é no mínimo duvidoso, já que em estudo com a aprendizagem e competição precoce no basquetebol, observou através de pesquisa em experiência de vida, que 75% dos atletas de alto nível (na categoria adulta), não jogaram na categoria mini; e grande parte dos atletas de alto nível no mini, pararam de jogar, na maioria das vezes na categoria juvenil.

O autor chega à conclusão que, a competição precoce em algumas modalidades esportivas, particularmente no basquetebol, é deseducativa, porquanto não tem um valor educacional a partir do momento que deixa de ser jogo e passa a ser competição. Assim sendo, na categoria mini não existe jogo e, sim, a prática da atividade física, limitando movimentos e espaços, inibindo a criatividade pela busca do resultado, perdendo sua razão de existência, tendo em vista os objetivos. Neste caso, a valorização pela vitória, leva o perdedor a um abandono prematuro. E continua:

"É importante salientar, a necessidade de pesquisas, de publicações e sobretudo, de estudos relativos ao tema proposto. Esta afirmação se torna evidente, a partir do número crescente de crianças praticantes do esporte, nas diferentes modalidades."

Quanto aos estudos em "treinamento especializado precoce", faz-se necessário definir e apresentar alguns trabalhos, de pesquisadores que já se preocupavam com o tema em outras modalidades.

"O treinamento especializado precoce acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além, de participação periódica em competições esportivas." (Kunz, 1994:45)

Entre os autores investigados temos inicialmente , Nascimento (2000), que realizou uma pesquisa de caráter investigatório , buscando determinar a experiência dos atletas de êxito, da modalidade atletismo, categoria adulta, com práticas esportivas.

Este estudo ocorreu no XVIII Troféu Brasil de Atletismo – edição 1999, que foi realizado no mês de junho, na cidade do Rio de Janeiro. A autora entrevistou 24 atletas do sexo masculino, praticantes de provas de pista, sendo estes os 1º, 2º e 3º colocados em suas provas.

A entrevista foi composta de informações pessoais, como inicialmente feito por Paes (1996) Foram coletados os consentimentos dos atletas para divulgação e suas entrevistas colhidas na íntegra. O tratamento dos dados foi qualitativo, tendo sido realizado um estudo de análise de conteúdo. (Nascimento, 2000: 56)

A autora afirma que, nenhuma atividade esportiva poderia ser desenvolvida com crianças antes de 09 a 11 anos, e que a opção seria a educação psicomotora, vez que os atletas de ponta não se especializam precocemente na modalidade atletismo. Isto já havia sido detectado no basquetebol que, como uma modalidade individual, é marcada por tentativas de iniciação precoce, bem como seu abandono.

Nascimento (2000) diz que “uma especialização esportiva precoce deve favorecer o indivíduo primeiramente no conhecimento e nas vivências motoras para, posteriormente, se aprofundar em gestos específicos”.

Para Krebs apud Nascimento (2000) “A especialização motora deve ser uma opção de vida e além de exigir uma dedicação exclusiva, parece estar reservada para uma minoria”. O estudo mostra que a especialização esportiva precoce estimula os resultados momentâneos e pode

prejudicar resultados promissores, indo ao encontro com as afirmações de Paes (1996), quanto ao basquetebol.

Acredito ter faltado ao trabalho da autora uma abordagem social, o que não decresce em seu valor, já que não era seu objetivo.

Um segundo trabalho em atletismo, com uma abordagem social, foi realizado por Kowalski (1995), onde a autora trabalha com a “especialização precoce e o contexto social no abandono do esporte por jovens campeões de atletismo”. O objeto dessa pesquisa foi um programa social de iniciação esportiva denominado, Projeto Adhemar Ferreira da Silva (ADFS), da cidade de Ponta Grossa.

Segundo Kowalski (1995), a análise dos dados acabou gerando uma linha social, a qual constatou que o jovem, estando inserido no esporte, está envolvido nos contextos social, cultural e econômico, onde é capaz de influenciar seus objetivos profissionais futuros.

Entendo que esta observação da autora poderá contemplar nossa hipótese de resgate social, através da cultura embutida na história do karatê.

A investigação mostrou que a especialização precoce não ocorria no projeto ADFS, e que esta não era a única causa do abandono de jovens campeões de atletismo. A comprovação veio com os relatos de ex-atletas, militantes nos anos de 1985 a 1994, no Paraná. (Kowalski, 1995).

A técnica selecionada para a coleta de dados foi o questionário pré-elaborado, com respostas escritas, verbais e entrevistas gravadas, tendo sido entrevistados 19 atletas, de ambos os sexos, que descaracterizaram a especialização precoce no projeto ADFS, já que iniciaram no atletismo, com média de idade de 13,25 anos.

Apesar disto, o trabalho nos mostra uma média de alcance dos melhores marcas (resultados), em torno de 16,90 anos, e conseqüente abandono por volta de 18,30 anos. O estudo demonstra que, apesar da iniciação ocorrer na quarta fase de desenvolvimento, existem outros fatores capazes de provocar o abandono precoce.

Kowalski (1995), aponta que a estrutura do projeto ADFS é inadequada para manter o jovem atleta inserido no contexto esportivo, pois estes são influenciados por outros valores de outros contextos, e a relação de poder entre as entidades envolvidas. Os mesmos deixam o meio

esportivo para dedicarem a outras atividades e procuram uma profissão, às vezes não relacionada ao seu passado dentro do projeto.

A autora salienta que o esporte é uma atividade para criança e adolescente, pois ao tentar transpor tais idades não é desejado como profissão, perdendo espaço para a família, o emprego, o estudo e os deveres cotidianos.

Isto ocorre pela perda da motivação, principalmente em nível financeiro, que tem por exemplo o bingo eletrônico no Estado como uma das fontes subsidiárias para a manutenção do esporte, instituído pela lei Zico, com 60% destinados ao futebol e os outros 40% divididos entre o atletismo e o basquetebol, modalidades olímpicas.

“Nas estruturas dos programas sociais de iniciação esportiva e do esporte de rendimento, há uma infinidade de situações passadas por dirigentes esportivos e secretárias municipais. Essas situações geram imagens e idéias colocadas a milhares de pessoas, há mais gente jogando, mais produtos vendendo, anunciantes investindo, mais negócios sendo feitos e mais dinheiro envolvido”. (Kowalski, 1995:15)

Kowalski (1995) conclui que, a necessidade de estrelas que reflitam as marcas, faz com que a iniciativa privada tanto crie quanto mascare talentos, fazendo com que se busque a performance precoce e o prestígio pelo resultado imediato; em contrapartida, o patrocinador o vê como possibilidade de divulgação de uma marca, onde o produto passa a ser o atleta que, envolto pelas dificuldades sócio-econômicas, se vê obrigado a buscar tais vitórias a todo custo, em prol da manutenção de patrocínio.

“Desta maneira, o incentivo, ainda que muito bem recebido, concorre no mercado com a aceitação de um emprego vitalício e comprovadamente, uma boa proposta supera qualquer busca de ideal que seja esportivo, quer seja profissional. Esta aí a chave para compreender o abandono no esporte”. (Kowalski, 1995:19)

No futebol, o fenômeno da especialização precoce emerge "coincidentemente" a partir da influência dos fatores socioculturais que, para Oliveira (1987), citado por Santana (2001), o futebol performance impõe uma preparação inadequada, visando a objetivos imediatos, que são o desenvolvimento precoce do potencial da criança.

Entendemos que a alteração da aprendizagem do futebol nas escolinhas, devido a cultura e política do futebol brasileiro, se torna uma tarefa difícil, ainda mais que somado a isso, está a intenção dos pais que seu filho se torne um atleta de renome mundial, que sustente seus anseios econômicos e outros.

Segundo Trindade (1997), citado por Galdino (2000), o desejo de se criar futuros campeões fez desenvolver, no mundo inteiro, a mentalidade esportiva voltada para o treinamento precoce. Isso levou as crianças à sessões de treinamento de até 4 horas diárias, além das competições.

Estudos mostram que essa corrida à procura de "campeões" está ocorrendo por não se levar em conta os anseios da criança, mas os aspectos de natureza política, "social" e econômica, e aliado a isso, atualmente a busca de "campeões de audiência". Assim, é criada a imagem do herói, a qual vende de tudo a todos, e a imagem do "coringa", que além de vilão nas derrotas, é uma carta fora do baralho, e essa caracterização do perdedor na fase infantil é desnecessária e preocupante, como mostram os estudos supracitados.

Quem é esse perdedor?

"Numa competição, perdedor é aquele que chegou atrás dos adversários, do relógio ou do placar, mas é também aquele que cooperou para que houvesse um vencedor." (Freire, 1993:28)

Se refletirmos, todos nós perdemos, seja por especializar nossas crianças precocemente, seja por não pesquisar novas possibilidades de ensinar o esporte de forma pedagógica.

"O imediatismo, como a própria palavra indica, não é capaz de esperar. Espera, sim, resultados de alto nível a curto prazo. O imediatismo não respeita as diferenças individuais e favorece a elitização ou a "peneirada". (Go Tani, 1988:91)".

Estudos mostram que, como este, provavelmente vários problemas futuros ocorram, como cita Kunz (1994:46):

- Formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;
- Unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural;

- Reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. Em dias que a criança treina, pode-se, grosso modo, dividir o plano de atividades da seguinte forma: de manhã das 8h às 12h, escola, à tarde das 13h30min o 15h30min estudo e tarefas escolares e das 16h às 18h treinamento.

Finalizando este capítulo, gostaria de afirmar o quanto pode ser importante para a formação da criança a vivência, no karatê, entendendo que neste ambiente estejam embutidos os valores socioculturais e filosóficos do karatê, os quais possibilitam uma inteligência natural melhor elaborada, a partir dos pensamentos dos grandes mestres da arte marcial, como o Sensei Gichin Funakoshi, que tentou, de todas as formas, superar a si mesmo, as dificuldades sociais, os períodos longe da esposa, mãe, pai e família, para dedicar-se a uma das mais nobres profissões, a de professor.

Entretanto, este caminho escolhido requer mais que persistência e abdicação. Ele nos cobra conhecimento, além dos próprios do karatê, pois o agente transformador tem que estar embasado na Ciência do Esporte, em específico, na Pedagogia do Esporte, para propor mudanças e transformações pedagógicas. Por isso, encontramos nos trabalhos de autores como Paes (1996; 2002), Bento (1999) e Balbino (2001), entre outros, fundamentação teórica para seguir uma linha desenvolvimentista, que respeita as fases de aprendizado da criança, criando, para o futuro, uma base motora capaz de sustentar, depois dos 06 aos 12 anos de idade, as modalidades em que o indivíduo desejar se especializar.

Finalizando, a diversificação de movimentos associada aos fatores de resgate social do karatê, se trabalhados de forma pedagógica, sinaliza para um contraponto à especialização precoce, onde o karatê deixa de ser uma prática esportivizada, para se tornar um meio de ensino, capaz de transformar a criança em um indivíduo crítico e transformador. Dessa forma, alcançado tal desafio, poderemos esperar, no futuro, adultos que entendam o esporte além do esporte, e que juntamente com os professores, dirigentes e políticos, deixem de fomentar a especialização esportiva precoce, como vem ocorrendo em algumas modalidades.

CAPÍTULO II – A PESQUISA

1 - O CONTEXTO DA PESQUISA

Este é o momento de verificar a realidade dos fatos para contrapor os conceitos vistos e apresentados anteriormente e/ou para refletir sobre os problemas levantados inicialmente e que motivaram a realização desta pesquisa, propiciando apresentar novos caminhos ao karatê.

Para tal, realizei uma pesquisa de caráter exploratório com o objetivo de investigar as experiências com a prática esportiva, de atletas de êxito, nas categorias: infantil "B", infantil "A", juvenil e júnior.

Esta pesquisa teve como ambiente o "Campeonato Brasileiro de Kata, Individual e Equipe – Edição 2002", realizado no período de 07 a 08 de dezembro de 2002, na cidade de Goiânia, no Ginásio de Esportes José de Assis, que compõe o complexo do Centro de Excelência em Esportes de Goiás.

Nesta competição, estiveram presentes os melhores karatecas (atletas) do país, de ambos os sexos, selecionados previamente em campeonatos estaduais, para comporem suas respectivas equipes. Acredito que todos os atletas da modalidade desejam participar da competição de maior expressão nacional, vislumbrando, naturalmente, a possibilidade de compor a equipe que representará o Brasil nos Jogos Olímpicos de Atenas, na Grécia, em 2004, momento este em que o karatê terá a oportunidade de apresentar toda a beleza de sua cultura, filosofia e movimentos diversificados, fazendo a composição de técnica e tática.

O Campeonato foi composto especificamente da modalidade Kata, não se fazendo apresentar a segunda modalidade de competição, o Shiai-Kumite (combate entre dois adversários). (Soares, 1995:16)

O Kata, segundo Soares (1995), "é um seguimento de movimentos de karatê codificados, executados na mesma maneira e nas mesmas direções. Neste tempo de apresentação o atleta mostra uma série de técnicas e movimentos diversificados. A autora continua dizendo que é um

Ki-hon (treino de base), encadeado em várias direções, com diferenças de graus e dificuldades de movimentos, os quais foram ensinados pelos antigos mestres como o Sensei Funakoshi”.

A autora ressalta que, até bem pouco tempo atrás, era a única forma de treinar e o suficiente para se chegar à progressão para o domínio da eficácia absoluta.

Segundo o Sensei Wilson Hisamoto, citado por Soares, 1995:16: "...o Kata é a forma pela qual podemos unir corpo e espírito para atingirmos um ideal."

Para Rangel (1989), "Fisicamente, os katas são combinações de movimentos de ataque e defesa previamente estabelecidas em deslocamento para a frente, lados, ou para trás, com o objetivo de desenvolver a coordenação motora, estética postural e a agilidade."

Como conteúdo espiritual, o autor diz ser este, composto primeiramente de cortesia e entendido como uma luta imaginária, em que seus adversários situam-se em diferentes posições e direções, devendo o karateca apresentar coragem, confiança e humildade.

Assim, entendemos o kata como um dos meios ideais de aprendizagem do karatê , por conter uma gama significativa de movimentos diversificados. Contudo, o karatê, como dito anteriormente, é composto também pelo Shiai-Kumite que, apesar de não fazer parte deste Campeonato Brasileiro, será investigado em nossa entrevista devido à maioria dos atletas participarem de ambas as modalidades.

Espero, com esta pesquisa, através da análise de conteúdo das respostas dos atletas, elucidar as questões que nos incomodam quanto à possível especialização precoce no karatê, e ainda, que o cruzamento desta análise com nossa revisão bibliográfica, possa sinalizar para uma proposta pedagógica direcionada à modalidade karatê.

2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS

2.1 - SUJEITOS

A pesquisa envolveu 22 atletas do sexo masculino, praticantes de karatê, sendo composta por três atletas campeões e três terceiro lugar na categoria infantil “B” (10-11 anos), três atletas campeões na categoria infantil “A” (12-13 anos), quatro atletas campeões, quatro vice-campeões e um terceiro lugar na categoria Juvenil (16-17 anos). Além de três atletas campeões, um vice-

campeão, dois terceiro lugar na categoria Júnior (18-20 anos), perfazendo um total de 24 atletas do sexo masculino. No entanto, destes, dois karatecas participaram em duas categorias, trazendo nosso número para 22 atletas entrevistados.

2.2 - AMBIENTE

O ambiente escolhido para tal, foi o "Campeonato Brasileiro de Kata", realizado em Goiânia, nos dias 07 e 08 de dezembro de 2002, no "Ginásio Rio Vermelho do Complexo do Centro de Excelência em Esportes de Goiás". Tal escolha se justifica por ser este um dos maiores eventos nacionais da modalidade karatê.

2.3 - INSTRUMENTOS

Foi Elaborada uma entrevista contendo quatro tópicos. O primeiro destinado às informações pessoais. O segundo, trata da iniciação esportiva e o terceiro da prática esportiva na modalidade karatê. Por fim, reservei o quarto tópico para levantar a prática e a vivência dos atletas dentro do karatê na atualidade, incluindo os resultados e a conquista obtidos.

Foi feito também um termo de autorização individual, para os atletas, que nos resguardará quanto à utilização dos dados da pesquisa e divulgações científicas futuras.

2.4 - PROCEDIMENTOS

Entrevistamos os atletas das categorias indicadas no item 2.1 deste, do sexo masculino, totalizando 22 karatecas, nas provas de kata, nas provas individuais, sendo estas divididas nas seguintes classes (categorias): infantil "B" (10 e 11 anos), infantil "A" (12 e 13 anos), infanto-juvenil (14 e 15 anos), juvenil (16 e 17 anos), júnior (18 a 20 anos).

Para maior esclarecimento, tratam-se de 04 provas, no total, sendo:

- * 1ª Prova: Kata individual feminino (10 categorias e 24 atletas classificadas)
- *2ª Prova: Kata por equipe feminino (10 categorias e 72 atletas classificadas)
- *3ª Prova: Kata individual masculino (10 categorias e 24 atletas classificados)
- *4ª Prova: Kata por equipe masculino (10 categorias e 72 atletas classificados)

Assim sendo, teríamos no total real, 04 provas, 40 categorias e 192 atletas, o que seria impossível de se entrevistar em dois dias de competição. Em razão disso, delimitamos nossa pesquisa aos atletas da categoria individual masculina, sendo composta por atletas até os 20 anos de idade, já que assim não teríamos em nossa amostra atletas que se afastaram da modalidade por um longo período.

2.5 – TRATAMENTO DOS DADOS

Tais dados foram submetidos a um tratamento quantitativo e em seguida à "análise de conteúdo", o que nos possibilitou verificar, de ambas as formas, a realidade do karatê, em um campeonato nacional que, com certeza, espelha os regionais e, por conseguinte, os objetivos dos atletas brasileiros. (Lakatos & Marconi, 2001:188)

2.5.1 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O estudo apresenta uma qualidade de informações essenciais para a verificação da presença ou não da especialização precoce no karatê brasileiro, por contar com os dados coletados no transcorrer do Campeonato Brasileiro de Kata em dezembro de 2002. Foi efetuada a entrevista com os atletas das categorias infantil “B” (10-11 anos) a Júnior (18-20 anos), do sexo masculino, como vimos anteriormente.

Acredito que nossa amostra tenha sido composta pela elite do karatê olímpico brasileiro na atualidade, pois dentre estes atletas temos atuais campeões regional, brasileiro, sul-americano, pan-americano e mundial, com perspectiva de comporem a Seleção Brasileira, que participará dos Jogos Olímpicos de Atenas, na Grécia em 2004.

Optei, primeiro, por transcrever as respostas coletadas na íntegra, estando as mesmas em anexo, e no segundo momento salientar os pontos mais importantes. Em seguida, elaborei um gráfico por grupo de questões, respeitando a sequência das entrevistas. Posteriormente, realizei uma análise dos gráficos, procurando verificar individualmente todos os dados obtidos, o que nos propiciou obter um contexto geral do grupo entrevistado.

A entrevista foi dividida em 04 tópicos. No primeiro deles, foram destacados os dados pessoais dos sujeitos. No segundo, abordou-se a iniciação esportiva; no terceiro, como ocorreu a prática na modalidade karatê e no quarto, e último, a vivência e os melhores resultados obtidos de cada indivíduo entrevistado.

Gostaria de ressaltar que, apesar de autorizadas as entrevistas, optamos por resguardar os nomes dos atletas. E, ainda, que tal fase do estudo científico nos causou certa preocupação quanto ao número de atletas a serem entrevistados e o entendimento dos mesmos, em relação ao propósito do trabalho, que é o de tentar colaborar para um karatê que corresponda aos anseios de todos, de forma científica. Entretanto, no transcorrer do trabalho a inquietude foi superada pela presteza e vontade dos atletas entrevistados em ter novas pesquisas que desenvolvam o karatê.

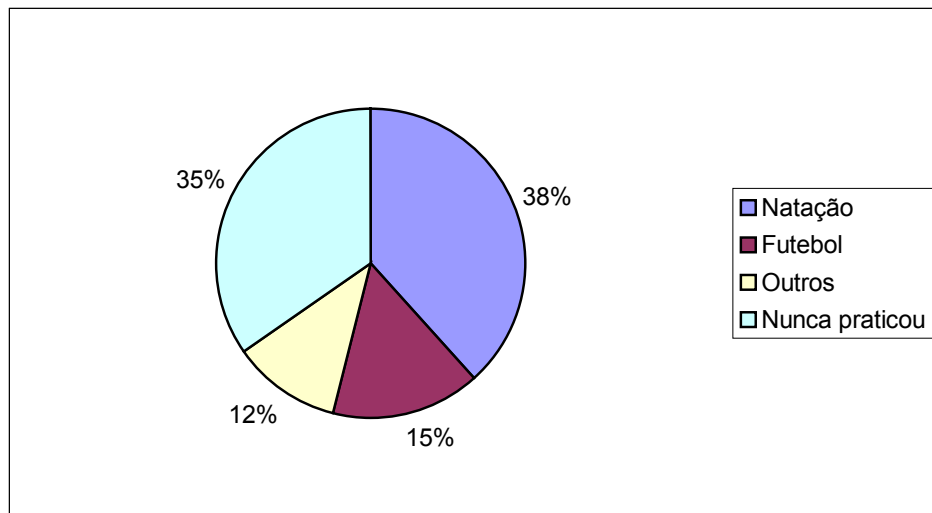
Desta forma, apresentarei a seguir os dados obtidos a partir das entrevistas.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

Praticou algum esporte antes do karatê?

Respostas	Total	%
Natação	10	38
Futebol	4	15
Outros	3	12
Nunca praticou	9	35

Respostas Múltiplas



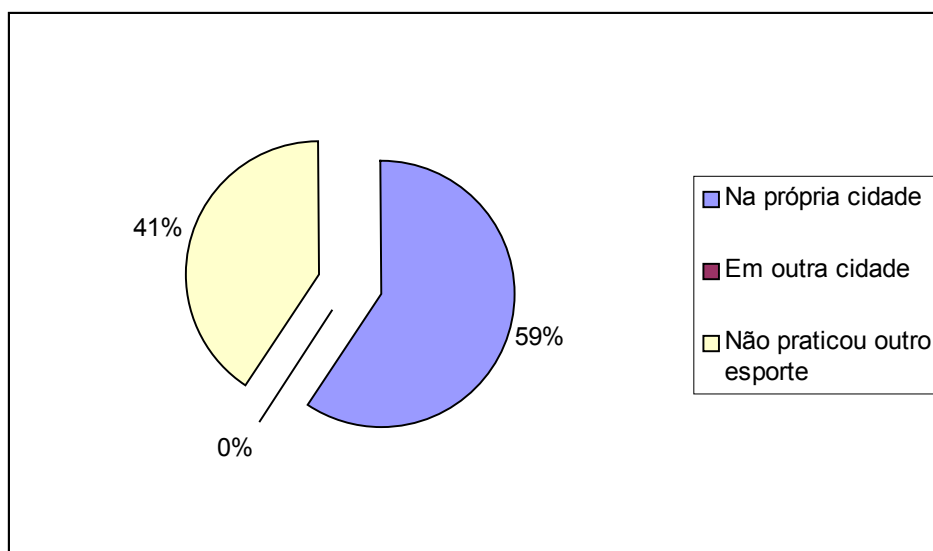
N = 22

FIGURA 01 – Mostra que o esporte mais praticado pelos atletas antes do karatê foi a natação (38%), na sequência veio o futebol (15%) e outros esportes com 12%. No entanto, o que nos preocupa é que 35% dos entrevistados não praticaram outro esporte, o que poderá ser um fator de aprendizagem negativo.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

Onde iniciou a prática de algum esporte?

Respostas	Total	%
Na própria cidade	13	59
Em outra cidade	0	0
Não praticou outro esporte	9	41



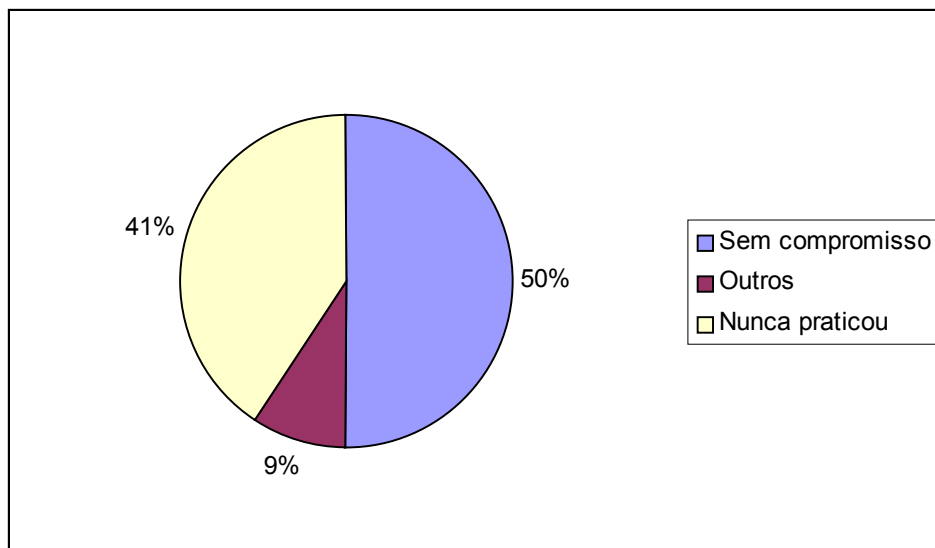
N = 22

FIGURA 02 – A grande maioria dos atletas (59%) teve a iniciação esportiva na própria cidade, em contraposição aos que iniciaram em outra cidade ou aos 41% que não praticaram nenhum outro esporte. Entendemos que se faz cada vez mais importante o incentivo de Estados e Municípios.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

Como ocorreu a prática de outras modalidades?

Respostas	Total	%
Sem compromisso	11	50
Outros	2	9
Nunca praticou	9	41



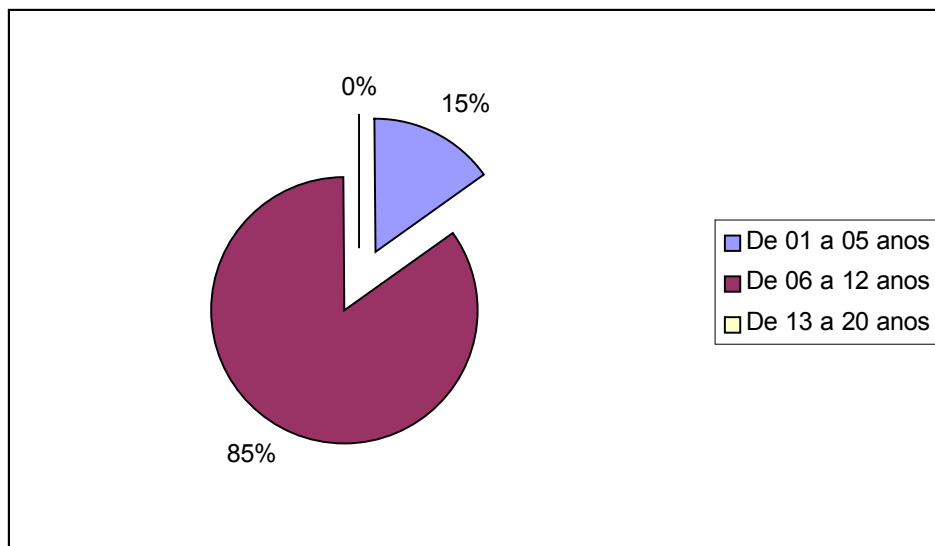
N = 22

FIGURA 03 – O gráfico aponta para a realização de esportes sem compromisso, superando, neste caso, a competição, porém próximo do índice de quem não praticou. Assim, se faz importante atentarmos para a motivação nesta fase de iniciação.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

Com que idade iniciou a prática de outras modalidades?

Respostas	Total	%
De 01 à 05 anos	2	15
De 06 à 12 anos	11	85
De 13 à 20 anos	0	0



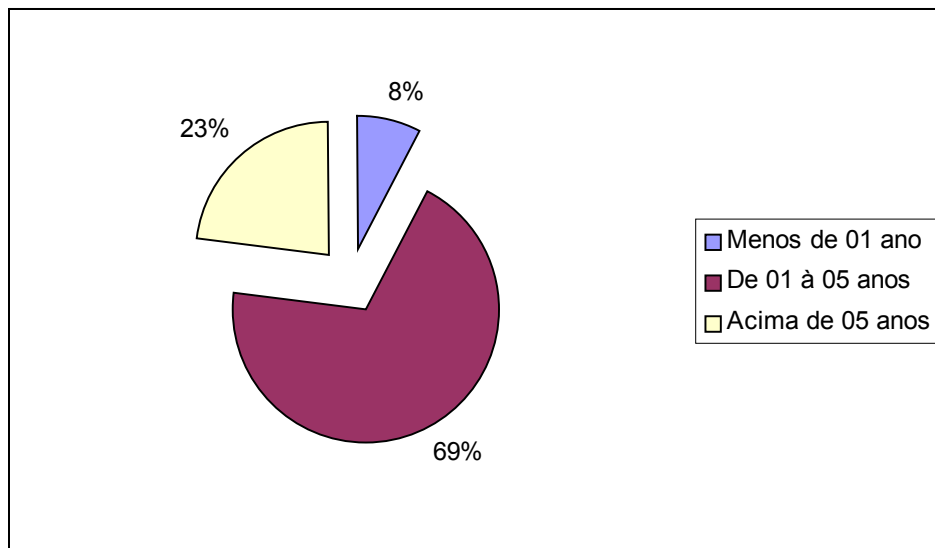
N = 13 (22, menos os 09 que nunca praticaram outra modalidade)

FIGURA 04 – Nos mostra que uma pequena parcela (21%) inicia-se nos esportes antes dos 06 anos de idade, e que uma parcela significativa começa em alguma modalidade em torno dos 06 aos 12 anos (79%). E ainda, que a iniciação na faixa dos 13 aos 20 anos de idade, de acordo com a amostra, não existe.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

Quanto tempo praticou outras modalidades esportivas?

Respostas	Total	%
Menos de 01 ano	1	8
De 01 à 05 anos	9	69
Acima de 05 anos	3	23



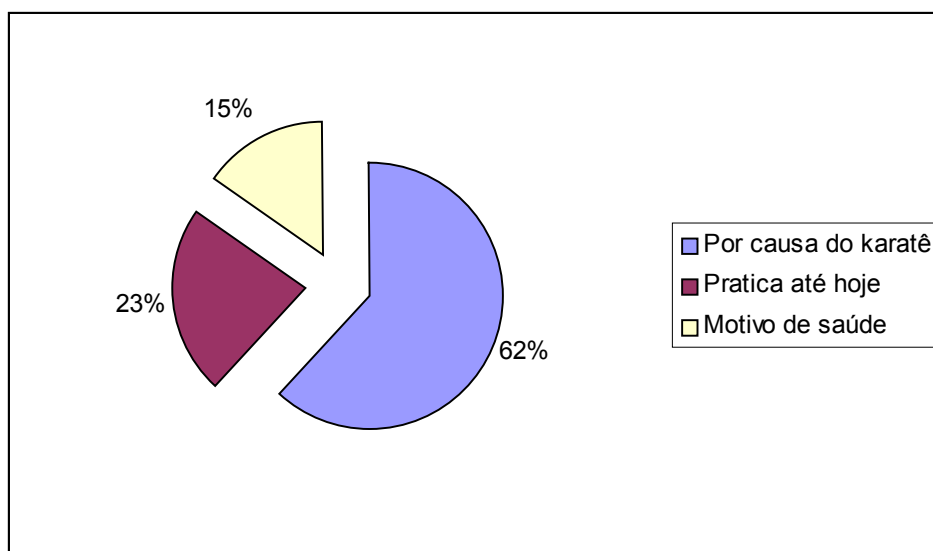
N = 13

FIGURA 05 – Indica que uma minoria (8%) permanece nos esportes praticados antes do karatê por menos de 01 ano, em relação à grande porcentagem que pratica entre 01 a 05 anos e da faixa intermediária que persiste em outra modalidade por mais de 05 anos.

INICIAÇÃO ESPORTIVA

Por que parou de praticar essa modalidade?

Respostas	Total	%
Por causa do karatê	8	62
Pratica até hoje	3	23
Motivo de saúde	2	15



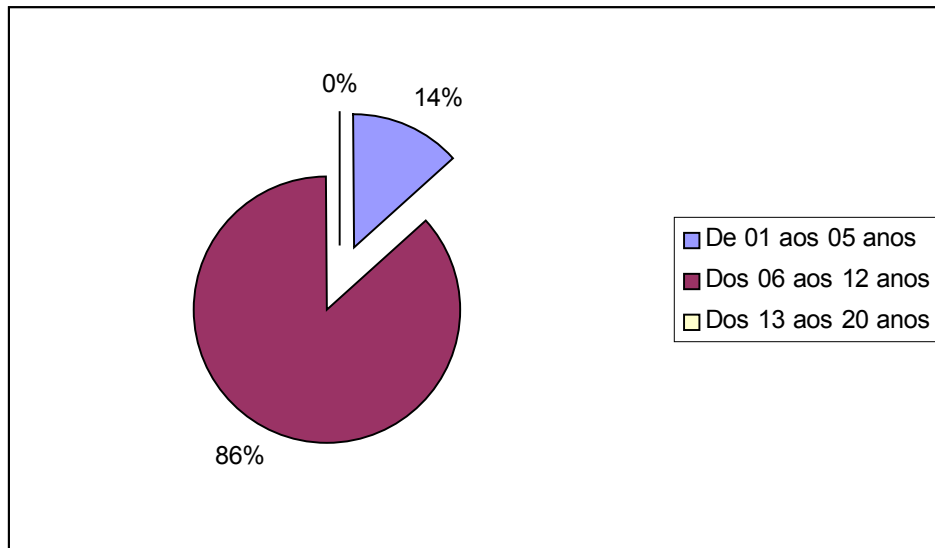
N = 13

FIGURA 06 – Representa a identificação do atleta com determinada modalidade em relação a 1% que abandonou o esporte anterior ao karatê por motivos de saúde. Tal motivo nos preocupa já que neste momento de aula a responsabilidade é do Professor de Educação Física.

ESPECIALIZAÇÃO NO KARATÊ

Com quantos anos iniciou no karatê?

Respostas	Total	%
De 01 aos 05 anos	3	14
Dos 06 aos 12 anos	19	86
Dos 13 aos 20 anos	0	0
Total	22	100



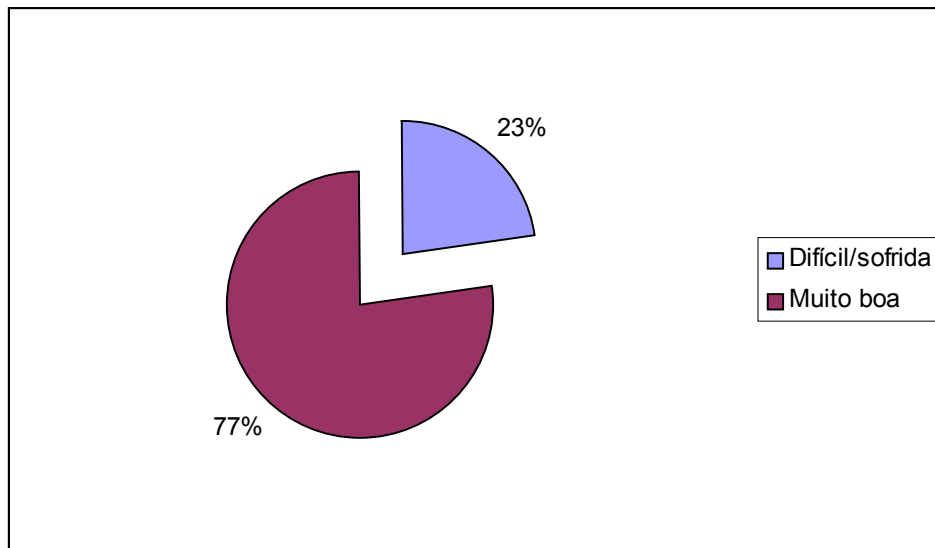
N = 22

FIGURA 07 – Apenas 14% dos atletas iniciaram no karatê antes dos 06 anos de idade, enquanto a maioria (86%), começou por volta dos 06 aos 12 anos. Na faixa etária pesquisada, nenhum atleta iniciou no karatê acima dos 12 anos de idade.

ESPECIALIZAÇÃO NO KARATÊ

Como foi sua primeira experiência nesta modalidade?

Respostas	Total	%
Difícil/Sofrida	5	23
Muito boa	17	77



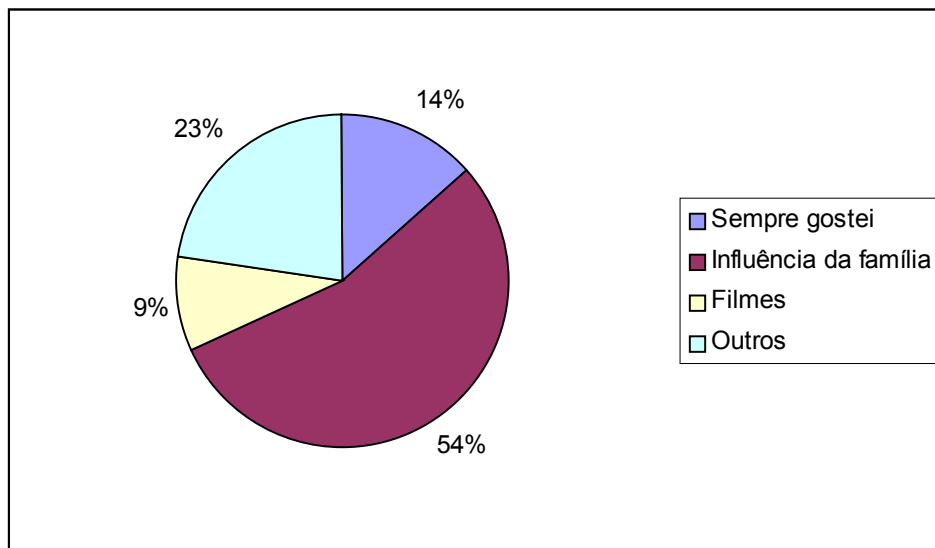
N = 22

FIGURA 08 – Revela que a grande maioria teve uma primeira experiência satisfatória (77%), enquanto uma minoria, pela nova, se deparou com um contato inicial difícil.

ESPECIALIZAÇÃO NO KARATÊ

Quais fatores influenciaram seu início no karatê?

Respostas	Total	%
Sempre gostei	3	14
Influência da família	12	54
Filmes	2	9
Outros	5	23



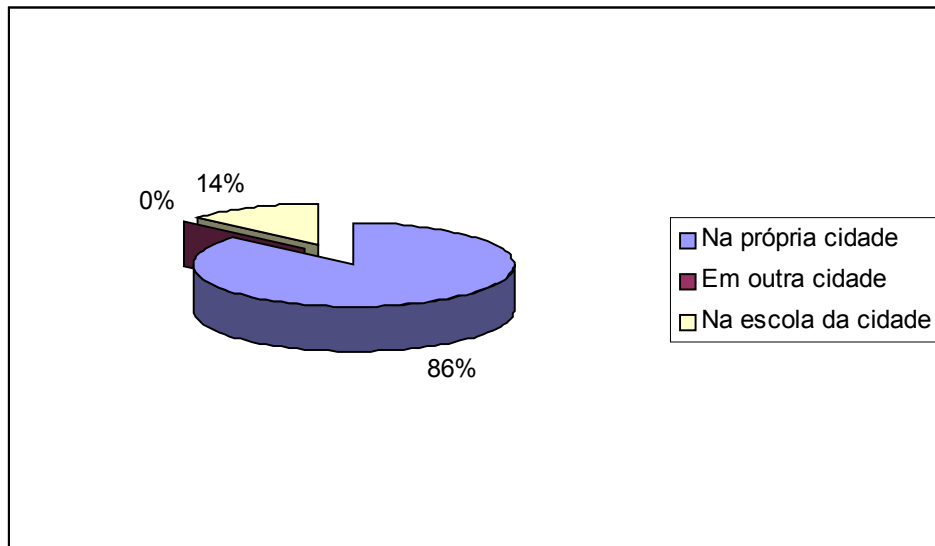
N = 22

FIGURA 09 – Revela a atração que o karatê exerce nas pessoas, a influência de filmes e outros, mas principalmente a importante presença da família na vida de todos.

ESPECIALIZAÇÃO NO KARATÊ

Onde ocorreu a prática no karatê?

Respostas	Total	%
Na própria cidade	19	86
Em outra cidade	0	0
Na escola da cidade	3	14
Total	22	100



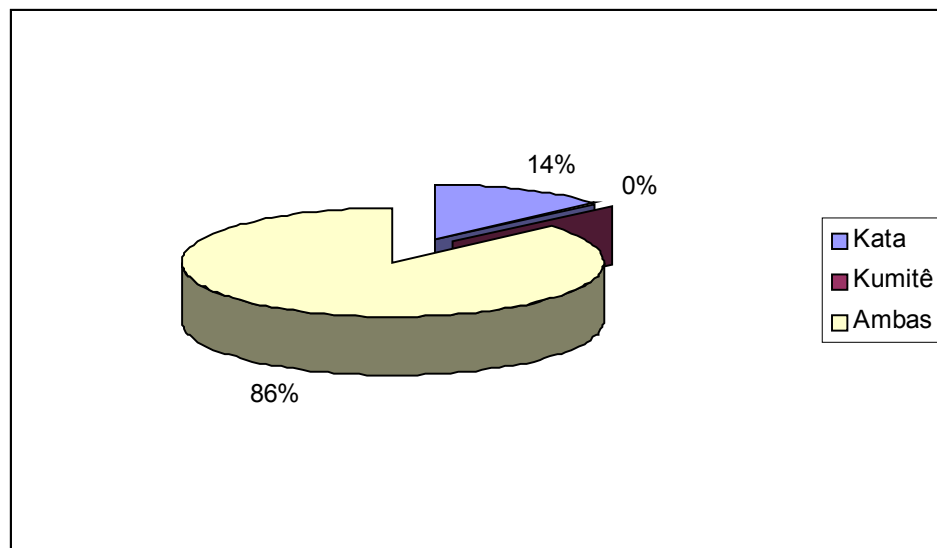
N = 22

FIGURA 10 – Mostra que os karatecas começaram em grande parte na própria cidade (86%) e que a escola poderá ser um ótimo lugar para se iniciar o karatê.

VIVÊNCIA E MELHORES RESULTADOS NO KARATÊ

Que modalidade específica pratica no karatê?

Respostas	Total	%
Kata	3	14
Kumitê	0	0
Ambas	19	86



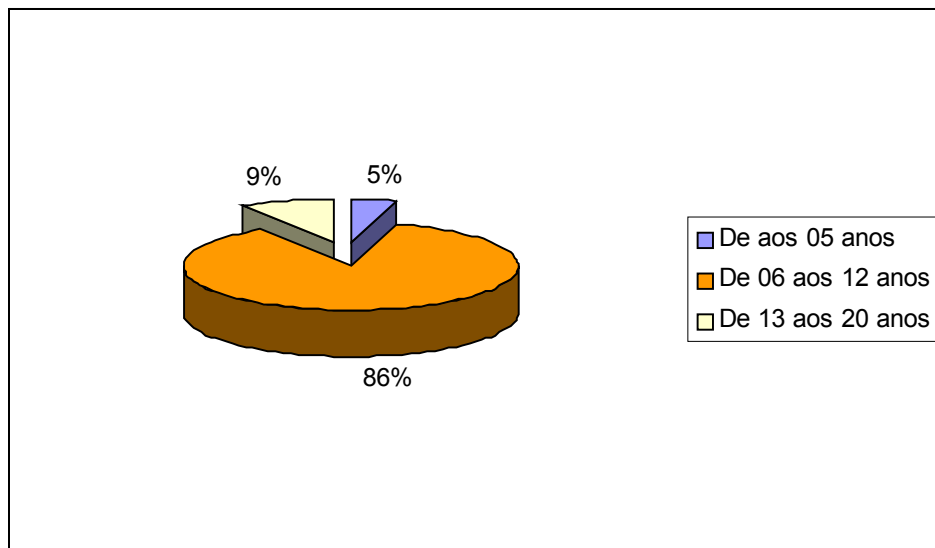
N = 22

FIGURA 11 – Revela que, dos entrevistados, uma pequena porcentagem (14%) treina somente o Kata, enquanto que a maioria (86%) treina para competir ambas as modalidades, Kata e kumitê.

VIVÊNCIA E MELHORES RESULTADOS NO KARATÊ

Com que idade se especializou nesta modalidade?

Respostas	Total	%
De aos 05 anos	1	5
De 06 aos 12 anos	19	86
De 13 aos 20 anos	2	9



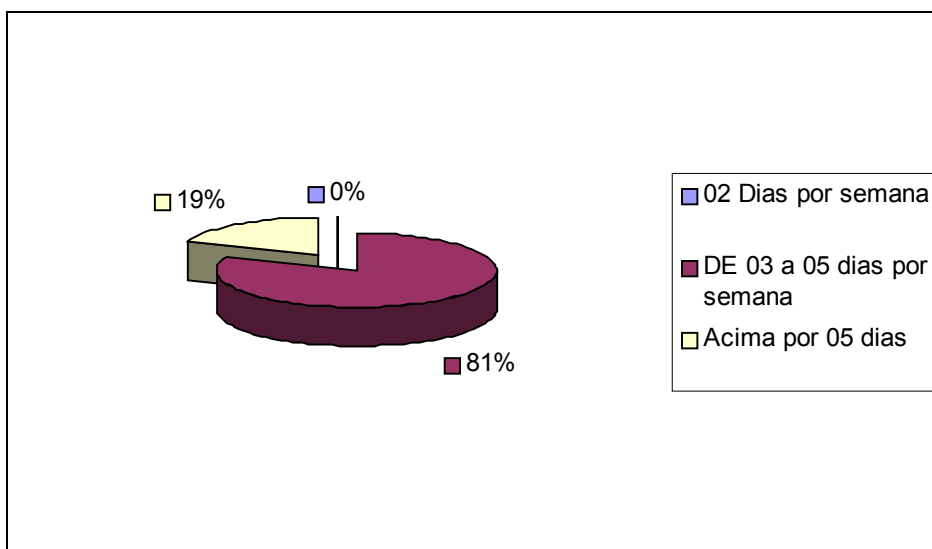
N = 22

FIGURA 12 – Revela que a grande maioria começa a se especializar na modalidade na faixa dos 06 aos 12 anos de idade, sendo este um dos indicativos da especialização precoce na amostra pesquisada.

VIVÊNCIA E MELHORES RESULTADOS NO KARATÊ

Quantos dias treina por semana?

Respostas	Total	%
02 Dias na semana	0	0
DE 03 a 05 dias na semana	17	81
Acima de 05 dias	4	19



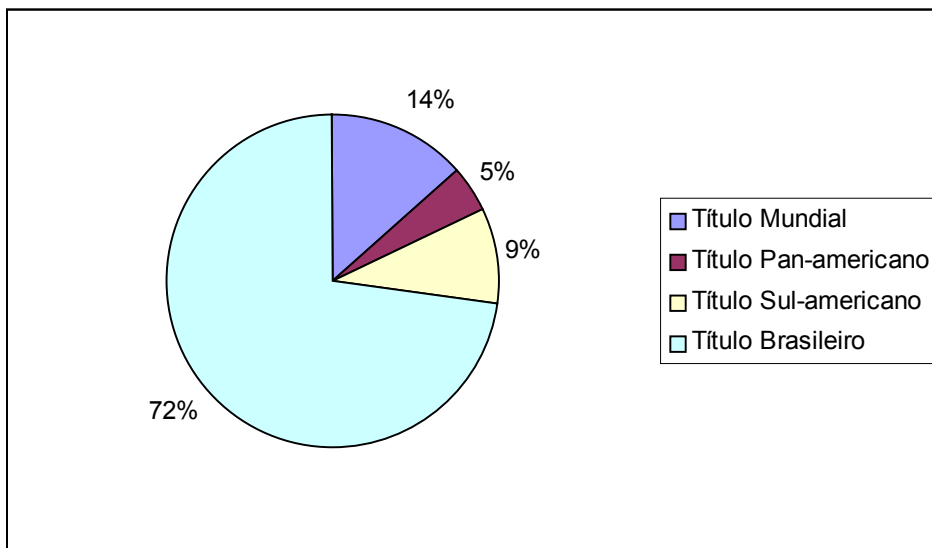
N = 22

FIGURA 13 – A grande maioria treina de 03 a 05 dias por semana, sendo importante verificar conteúdo e o objetivo dessa sequência de aulas.

VIVÊNCIA E MELHORES RESULTADOS NO KARATÊ

Qual o melhor resultado alcançado?

Respostas	Total	%
Título Mundial	3	14
Título Pan-americano	1	5
Título Sul-americano	2	9
Título Brasileiro	16	72
Total	22	100



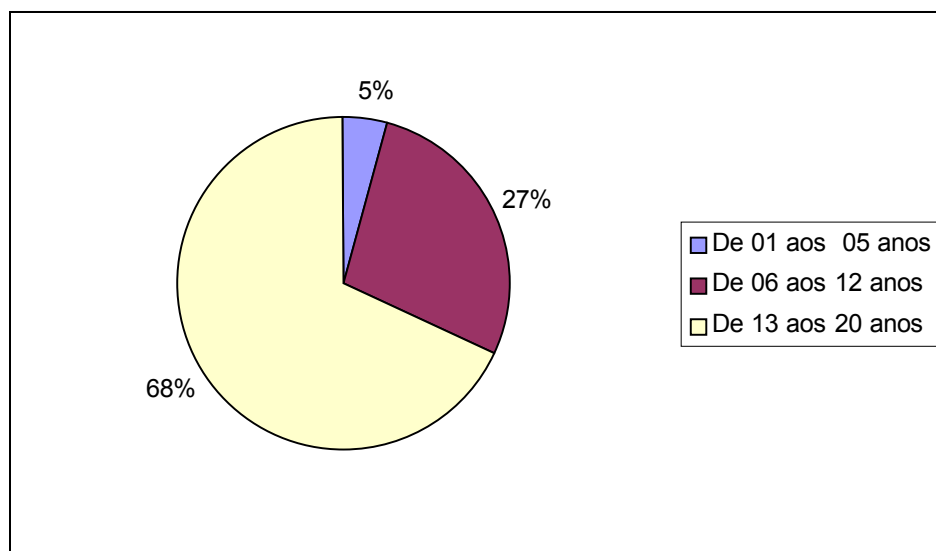
N = 22

FIGURA 14 – Indica a qualidade significativa da amostra, devido a ascensão de títulos apresentada.

VIVÊNCIA E MELHORES RESULTADOS NO KARATÊ

Com que idade ocorreu esse melhor resultado?

Respostas	Total	%
De 01 aos 05 anos	1	5
De 06 aos 12 anos	6	27
De 13 aos 20 anos	15	68



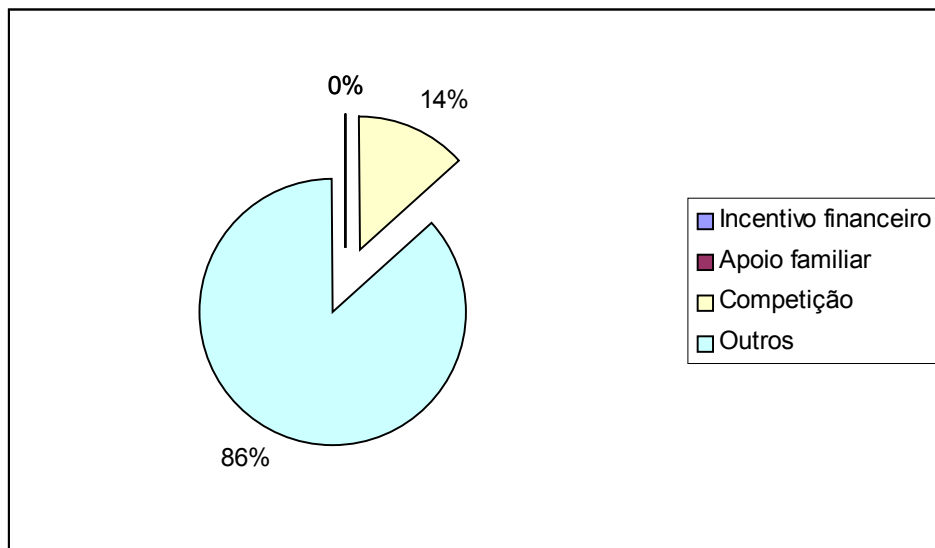
N = 22

FIGURA 15 –A maioria dos melhores resultados alcançados foi na faixa dos 13 aos 20 anos, seguido da faixa dos 06 aos 12 anos de idade e por último das idades de 01 aos 05 anos.

VIVÊNCIA E MELHORES RESULTADOS NO KARATÊ

Quais os fatores que julga como mais importantes para continuar no karatê?

Respostas	Total	%
Incentivo Financeiro	0	0
Apoio da família	0	0
Competição	3	14
Outros	19	86



N = 22

FIGURA 16 – Revela que a competição no karatê apresenta-se como segundo fator, para que o atleta continue no karatê.

2.5.2 - DESCRIÇÃO ANALÍTICA

Descrição Analítica – 01

- **Nome:** Atleta 01 1º lugar em equipe (Júnior) e 1º lugar individual (Juvenil)
- **Idade:** 16 anos
- **Equipe:** Associação Tradição de Florianópolis
- **Naturalidade:** Rio Grande do Sul

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou outro esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 07 anos de idade, no colégio. A primeira experiência foi marcada por conhecer vários amigos e já era uma arte que gostava. O mesmo queria aprender a lutar não para brigar na rua, mas para se defender e até participar de competições. O atleta pratica Kata e Kumitê, começando a treinar 04 vezes por semana com 10 a 11 anos.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Foi campeão sul-americano no Kumitê individual aos 16 anos de idade e bi-campeão brasileiro de Kumitê aos 13 e 15 anos de idade. O atleta julga fundamental o respeito pelo outro e não só fazer competição, já que o verdadeiro karatê não é só competição.

Descrição dos Resultados

O entrevistado não praticou outro esporte antes do karatê, o que pode ter lhe diminuído as possibilidades motoras para outras atividades. Iniciou a prática do karatê aos 07 anos de idade e aos 10 ou 11 anos de idade começou a se especializar em Kata e Kumitê, treinando 04 vezes por semana. Os seus melhores resultados foram alcançados a partir dos 13 anos de idade.

Constata-se com esta entrevista que ocorreu a especialização precoce, o que de acordo com a literatura levantada, poderá ser um fator de abandono do esporte e uma diminuição do cabedal motor do indivíduo nas suas atividades esportivas futuras e diárias.

Descrição Analítica – 02

- **Nome:** Atleta 02 1º lugar em equipe (Infantil “B”)
- **Idade:** 11 anos
- **Equipe:** Rio de Janeiro
- **Naturalidade:** Rio de Janeiro

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 08 anos de idade, sendo sua primeira experiência muito boa. Este começou a praticar porque simpatizava com a arte. Começou a treinar para competição aos 08 anos de idade, treinando 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

O melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro (equipe) neste campeonato, considera importante para continuar no karatê a dedicação.

Descrição dos Resultados

O entrevistado não praticou nenhum esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 08 anos de idade. Começou a treinar com 08 anos, 03 vezes por semana. O seu melhor resultado surgiu a partir dos 11 anos de idade.

Constata-se com esta entrevista que ocorreu a especialização esportiva precoce, e que há uma tendência nos esportes individuais de se especializar mais cedo, como aponta a literatura utilizada, e assim, sendo um risco para as realizações futuras em outras modalidades que a criança possa a vir se interessar.

Descrição Analítica – 03

- **Nome:** Atleta 03 1º lugar em equipe (Infantil “B”)
- **Idade:** 11 anos
- **Equipe:** Rio de Janeiro
- **Naturalidade:** Rio de Janeiro (Caxias)

01 – Iniciação Esportiva

O atleta praticou natação e futebol antes do karatê, no centro esportivo em Caxias. Teve aulas por três anos, parando por entender que o karatê incentiva mais que os outros esportes.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 08 anos de idade, sendo sua primeira experiência muito boa. O mesmo diz que sua mãe o levou para ver uma aula de karatê e gostou, encontrou os amigos e continuou até hoje. Começou a treinar aos 09 anos de idade, todos os dias.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente pratica Kata e Kunitê visando campeonatos. O melhores resultados alcançados foram o de campeão brasileiro (equipe) neste campeonato, campeão brasileiro aos 9/10 e 11 anos de idade. Considera importante para continuar no karatê a dedicação, valor a saúde.

Descrição dos Resultados

O entrevistado praticou futebol e natação no centro esportivo em Caxias. Teve aulas por três anos, parando por entender que o karatê incentiva mais que os outros esportes. Começou a treinar karatê aos 08 anos de idade. Os melhores resultados alcançados surgiram com 09 anos de idade. Há de se destacar ser o atleta tri-campeão brasileiro de Kumitê.

Observamos, nesta entrevista, que o atleta teve a vivência em esportes de diferentes ambientes, o que, segundo a literatura pesquisada, é fator fundamental para formação de uma base motora. No entanto, a especialização precoce no karatê não lhe garante ainda sucessos futuros.

Descrição Analítica – 04

- **Nome:** Atleta 04 1º lugar em equipe (Infantil “B”)
- **Idade:** 11 anos
- **Equipe:** Rio de Janeiro
- **Naturalidade:** Rio de Janeiro Nilópolis

01 – Iniciação Esportiva

O atleta praticou natação em Nilópolis, como aula, antes de praticar karatê. Parou porque tinha que treinar o karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 04 anos de idade, em Nilópolis, sendo sua primeira experiência muito boa, porque gostava de luta; brincava com o pai que o ensinava a socar e o levou à academia. No primeiro ano de karatê já foi campeão brasileiro. Começou a treinar com 04 a 05 anos de idade, todos os dias.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente treina Kata e luta. Foi campeão brasileiro aos 04 anos de idade na categoria 10/11. Com este título se tornou tetra campeão brasileiro de Kata pôr equipe. O karatê o vem ajudando na escola, na saúde e é muito boa.

Descrição dos Resultados

O entrevistado praticou natação em Nilópolis, como aula. Começou a treinar karatê aos 04 anos de idade. Os resultados em competição vieram no primeiro ano de treino, sendo este campeão brasileiro na categoria 10/11 aos 04 anos, o que, somado ao título neste brasileiro o fez tetra campeão brasileiro de Kata por equipe.

A entrevista mostra a realização de um esporte em ambiente diferente, porém nos indica que a influência paterna o levou a optar por uma especialização precoce em um esporte de luta, e se revelar um talento, o que, segundo os autores pesquisados, não é sinônimo de sucesso no futuro.

Descrição Analítica – 05

- **Nome:** Atleta 05 1º lugar em equipe (Infantil “A”)
- **Idade:** 12 anos
- **Equipe:** Bahia
- **Naturalidade:** Bahia

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 07 anos de idade. O primeiro contato foi com uma apresentação que teve no colégio, a mãe quis colocá-lo. Treina para competição desde os 07 anos de idade, 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente pratica Kata e Kumitê, em campeonato, sendo este resultado o melhor na sua trajetória. Considera importante para continuar no karatê a dedicação, mais raça e força.

Descrição dos Resultados

O entrevistado não praticou nenhum esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 07 anos de idade, em mesma idade começou a treinar, 03 vezes por semana. O melhor resultado foi este, de campeão brasileiro em equipe.

As respostas caracterizam a presença da especialização precoce no karatê e a falta de uma política pública de iniciação esportiva diversificada.

Descrição Analítica – 06

- **Nome:** Atleta 06 1º lugar em equipe (infantil “A”)
- **Idade:** 13 anos
- **Equipe:** Bahia
- **Naturalidade:** Salvador - Bahia

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 05 anos de idade, em Salvador na Bahia. Sua primeira experiência foi agradável, pois queria praticar algum esporte e na escola já havia o karatê. Praticou com o incentivo da mãe. O atleta começou a competir no Kata com 06 anos, treinando 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Hoje pratica só o Kata. O melhor resultado alcançado foi o de ser campeão brasileiro (equipe) neste campeonato com 13 anos de idade. Considera importante para continuar no karatê a dedicação, motivação dos pais e amigos e sempre ter raça.

Descrição dos Resultados

O atleta entrevistado não praticou outro esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 05 anos de idade. Começou a treinar para competição aos 06 anos treinando 03 vezes por semana. O seu melhor resultado foi justamente este, o de campeão brasileiro em equipe.

Fica evidenciado, então, a especialização esportiva precoce, mesmo tal iniciação tendo acontecido na escola.

Descrição Analítica – 07

- **Nome:** Atleta 07 1º lugar em equipe (infantil “A”)
- **Idade:** 13 anos
- **Equipe:** Bahia
- **Naturalidade:** Salvador - Bahia

01 – Iniciação Esportiva

O atleta praticou basquete antes de praticar o karatê, no clube ASBAC, como lazer.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 05 anos de idade. No início não gostava porque entrou obrigado pelos pais; era pequeno e não entendia. Depois foi crescendo, aprendendo e começou a gostar. Começou a treinar com 07 anos, 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente compete em Kata e Kunitê, porém prefere o Kata. O melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro (equipe) neste campeonato. Considera importante para continuar no karatê a dedicação e autoconfiança.

Descrição dos Resultados

O atleta praticou basquete em um clube, como lazer. Iniciou no karatê aos 05 anos de idade, obrigado pelos pais. Depois gostou e começou a treinar aos 07 anos, 03 vezes por semana. O melhor resultado é este, o de campeão brasileiro em equipe, com 13 anos.

Constata-se, nesta entrevista, a falta de uma política de iniciação esportiva e a impossibilidade de escolha de modalidades pela criança, seja pelo primeiro problema e/ou por imposição dos pais. Ambas, no futuro, podem levar à frustração, pela cobrança de resultados por parte dos pais e/ou, como relatam alguns estudos, abandono precoce do esporte por falta de uma base motora e de condições financeiras que o sustente na modalidade.

Descrição Analítica – 08

- **Nome:** Atleta 08 2º lugar em equipe (juvenil)
- **Idade:** 17 anos
- **Equipe:** São Paulo
- **Naturalidade:** São Paulo

01 – Iniciação Esportiva

O atleta praticou futebol aos 6anos e natação aos 4anos de idade, como lazer.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 09 anos de idade, sendo sua primeira experiência muito boa, gostou “prá caramba”. Foi motivado pelos filmes de luta do Bruce Lee e outros. Começou a treinar para campeonato com 14 anos de idade, três vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Treina Kata e Kunitê. Os melhores resultados alcançados foram o campeonato brasileiro (equipe) em 2001, com 16 anos e este, com 17 anos de idade, que foi vice-campeão brasileiro por equipe de Kata. Considera importante para continuar no karatê a dedicação, ter mais concentração, o fator físico e gostar de treinar.

Descrição dos Resultados

O entrevistado praticou natação aos 04 anos e futebol aos 06 anos de idade. Iniciou no karatê aos 09 anos e começou a treinar para campeonato com 14 anos de idade, 03 vezes por semana. Os melhores resultados obtidos foram o campeonato brasileiro em equipe a partir dos 16 anos, e este de vice-campeão aos 17 anos.

Constata-se que o atleta teve experiências motoras em ambientes diversos, o que, com certeza, lhe foi salutar para formação de uma base motora. Além do que, o seu começo na especialização no karatê, com 14 anos de idade, não caracteriza especialização precoce. Isto, de acordo com a literatura e os resultados obtidos, sinalizam para a não necessidade de se especializar precocemente.

Descrição Analítica – 09

- **Nome:** Atleta 09 2º lugar em equipe (juvenil)
- **Idade:** 17 anos
- **Equipe:** São Paulo
- **Naturalidade:** Rio de Janeiro

01 – Iniciação Esportiva

O atleta praticou natação antes do karatê como lazer, sem visar campeonato, aos 06 anos de idade, indo até os 09 anos, quando parou por falta de piscina aquecida, complicando o quadro de rinite.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 10 anos de idade, sendo sua primeira experiência emocionante. Quando começou a treinar teve uma formação básica muito boa. O tio, faixa preta de judô, o levou a treinar karatê, além de sua própria vontade de treinar alguma arte marcial. Sempre treinou para competição. Na primeira vez, foi campeão com 10 anos. Treinava 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

O melhor resultado alcançado foi, o de campeão brasileiro no ano passado, com 16 anos e campeão(equipe) neste campeonato. Considera importante para continuar no karatê, seguir os lemas do karatê, para o treino e fora dele.

Descrição dos Resultados

O entrevistado praticou natação antes do karatê dos 06 aos 09 anos de idade, parando por agravamento de sua rinite. Iniciou no karatê aos 10 anos e em mesma idade começou a trinar 03 vezes por semana. O melhor resultado foi alcançado a partir dos 16 anos, como campeão brasileiro, e agora, aos 17 anos, como campeão brasileiro de Kata em equipe.

Observamos que o entrevistado vivenciou um ambiente diferente, e se especializou precocemente no karatê, em fase de maior facilidade de aprendizagem, sendo necessário nesta, uma maior diversificação de modalidades e movimentos, segundo a literatura pertinente. Desta forma, apesar da diversificação dos movimentos oferecidos pelo Kata, ainda é preciso a vivência em outras modalidades esportivas antes de se especializar em gestos motores específicos, para competição.

Descrição Analítica – 10

- **Nome:** Atleta 10 2º lugar em equipe (Juvenil) e 3º lugar individual (Júnior)
- **Idade:** 16 anos
- **Equipe:** São Paulo
- **Naturalidade:** São Paulo

01 – Iniciação Esportiva

O atleta pratica natação além do karatê, desde os 07 anos de idade. Foi vice campeão brasileiro de natação com 14 anos de idade. Treina 06 vezes por semana

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 07 anos de idade, sendo sua primeira experiência muito boa. O irmão fazia e começou a gostar. E gostava de brigar quando pequeno. Começou a treinar com 13 anos de idade, 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Pratica Kata e Kumitê como competição. Os melhores resultados alcançados foram o 3º lugar individual e o 2º lugar no brasileiro (equipe) neste e o campeonato paulista. Considera importante para continuar no karatê a dedicação e muito treinamento.

Descrição dos Resultados

O entrevistado treina natação desde os 07 anos de idade, sendo que foi vice campeão brasileiro de natação aos 14 anos de idade e treina até hoje 06 vezes por semana. Iniciou no karatê com 07 anos, e começou a treinar karatê para campeonato aos 13 anos de idade, três vezes pôr semana. Os melhores resultados foram a partir dos 16 anos quando foi campeão paulista, 2º no campeonato brasileiro de Kata em equipe e 3º no Kata individual.

A entrevista demonstra que o atleta se especializou precocemente na natação, enquanto no karatê não ocorreu tal precocidade. Outra questão é quanto à carga de treinamento, já que o mesmo treina 06 vezes por semana natação e três vezes pôr semana Karatê, que entendemos ser uma sobrecarga prejudicial ao seu desenvolvimento, segundo a literatura.

Descrição Analítica – 11

- **Nome:** Atleta 11 1º lugar no Kata em equipe (Juvenil)
- **Idade:** 17 anos
- **Equipe:** Minas Gerais
- **Naturalidade:** Santos – SP.

01 – Iniciação Esportiva

O atleta fez dois meses de natação por indicação médica. Parou porque gostava mais do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 06 anos de idade, na academia Nippon em Minas Gerais, sendo que já tinha influência do tio e professor, e o acompanhava. Então, foi só seguir a paixão. Começou a treinar como meta de vida, aos 06 anos de idade, 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente pratica como competição o Kata e Kumitê. O melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro (equipe) neste campeonato. Considera importante para continuar no karatê, querer ajudar a si próprio, por ser este esporte um benefício para a vida.

Descrição dos Resultados

O entrevistado praticou dois meses de natação por indicação médica aos 06 anos de idade. Iniciou no karatê aos 06 anos, na academia Nippon, em Uberlândia – MG. Começou a se especializar no karatê aos 06 anos de idade, treinando 03 vezes por semana. O melhor resultado foi a partir dos 17 anos, sendo campeão brasileiro em equipe de Kata.

Observamos que se especializou precocemente no karatê, o que lhe fez perder possibilidades de vivências na natação e outros esportes, que lhe dariam uma sustentação motora para toda sua vida.

Descrição dos Resultados

O entrevistado faz natação desde os 06 anos de idade, sem compromisso. Iniciou no karatê aos 06 anos de idade e começou a treinar para competição aos 10 anos, 06 vezes por semana. Os melhores resultados foram a partir dos 13 anos, salientando-se a conquista do Campeonato Sul-americano, o Campeonato Pan-americano aos 16 anos e neste o 1º Lugar no Kata em equipe.

Com esta entrevista pudemos observar que o atleta se especializou precocemente, contudo nos revelou também um conhecimento da filosofia do karatê, que talvez tenha amenizado as derrotas nesta trajetória.

Descrição Analítica – 13

- **Nome:** Atleta 13 1º lugar no Kata em equipe (Juvenil)
- **Idade:** 16 anos
- **Equipe:** Minas Gerais
- **Naturalidade:** Uberlândia – MG.

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê. Só tentou o futebol.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 07 anos de idade, sendo sua primeira experiência muito boa. Teve motivação dos filmes e amigos que passavam na porta de sua casa e o chamaram para fazer karatê. Começou a treinar para competição com 09 anos de idade. Treinava de Segunda a Sexta, 05 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente treina Kata e Kumitê. O melhor resultado alcançado foi o terceiro lugar brasileiro em Kumitê, com 13 anos de idade e de campeão brasileiro (equipe) neste campeonato. Ainda foi campeão estadual de Kumitê. Considera importante para continuar no karatê a dedicação, e o treino com a cultura e filosofia do karatê.

Descrição dos Resultados

O atleta antes do karatê tentou praticar futebol e desistiu. Iniciou no karatê aos 07 anos de idade. Começou a se especializar no karatê aos 09 anos, quanto treinava 05 vezes por semana. Os seus melhores resultados aconteceram a partir dos 13 anos quando foi Campeão brasileiro de Kunitê, Campeão estadual de Kunitê e neste Brasileiro Campeão brasileiro em equipe.

Constata-se que o entrevistado se especializou precocemente no karatê e que paralelamente ao treinamento a academia se preocupa com a filosofia, indo ao encontro do levantamento bibliográfico, que nos sinaliza os ensinamentos filosóficos da arte marcial como uma forma de resgate social. Afirmamos isso, devido a consciência da importância da cultura e filosofia apresentada pela equipe.

Descrição Analítica – 14

- **Nome:** Atleta 14 3º lugar em Kata Individual (Júnior)
- **Idade:** 19 anos
- **Equipe:** Brasília
- **Naturalidade:** Goiás

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 10 anos de idade, em Cristalina – GO. No começo não gostava muito, depois começou a se envolver com competição. Sempre gostou de dificuldade e aí começou a treinar forte; outra influência foi o pai que já fazia. A primeira vez que perdeu em competição ficou possesso e aí começou a treinar para ganhar. Começou a treinar aos 12 anos, 03 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente é atleta da Seleção Brasileira de Kunitê e busca a vaga neste campeonato para a equipe de Kata. O melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro, campeão pan-americano e 4º no campeonato mundial com 16 anos. No presente campeonato, ficou em 3º lugar. Considera importante para continuar no karatê a dedicação e a melhora da saúde.

Descrição dos Resultados

O entrevistado não praticou nenhum esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 10 anos, em Cristalina – GO.. Começou a se especializar com 12 anos de idade, três vezes por semana. Os melhores resultados aconteceram a partir dos 16 anos. Destacamos os títulos de Campeão Brasileiro de Kumatê, Campeão Pan-americano de Kumatê e o 4º lugar no Campeonato Mundial de Kumatê, estes com 16 anos. Neste Campeonato Brasileiro de Kata Individual, ele ficou em 3º lugar.

Constata-se que o entrevistado teve o apoio da família, em especial do pai, que é atleta de karatê, para alcançar tais resultados sem se especializar precocemente, além do que, o mesmo é acadêmico de Educação Física da UNB. Acreditamos, com isso, ser um aliado em futuros trabalhos relacionados ao karatê.

Descrição Analítica – 15

- **Nome:** Atleta 15 1º lugar no Kata em equipe (Júnior)
- **Idade:** 20 anos
- **Equipe:** Associação Tradição de Florianópolis
- **Naturalidade:** Santa Catarina

01 – Iniciação Esportiva

O atleta jogava futebol como diversão, e ainda continua no tempo livre também “pega onda”.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 11 anos de idade, em Florianópolis, no colégio que estudava. A primeira experiência foi complicada, porque estudava de manhã e treinava à tarde. Estudava bastante e desenvolvia o karatê. Na escola, quem tinha vontade de treinar karatê, poderia fazê-lo de graça, independente da fase escolar. Foi uma primeira experiência boa. Teve como influência os filmes. Começou a treinar com 10 anos, de 3 a 4 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Hoje pratica o Kata e o Kunitê. O melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro universitário com 18 anos de idade e hoje campeão brasileiro de Kata por equipe. O atleta julga ser importante para continuação no karatê, o treinamento, ter disciplina no treinamento e se esforçar para não cair o nível.

Descrição dos Resultados

O entrevistado, antes de treinar karatê, jogava futebol por diversão. Atualmente continua jogando e ainda “pega onda”, no tempo livre. Começou a se especializar com 10 anos de idade, treinando de 03 a 04 vezes por semana. Os melhores resultados foram a partir dos 18 anos quando foi Campeão Universitário. Neste Campeonato Brasileiro de Kata ficou em 1º lugar em equipe.

Observamos que o entrevistado iniciou desportivamente na escola e, no entanto, começou a se especializar precocemente, o que nos preocupa já que o karatê começa a adentrar os muros do ensino formal.

Descrição Analítica – 16

- **Nome:** Atleta 16 Campeão em equipe (Júnior)
- **Idade:** 20 anos
- **Equipe:** Associação Tradição de Florianópolis
- **Naturalidade:** Santa Catarina

01 – Iniciação Esportiva

O atleta jogava futebol. Fez Judô aos 07 anos, depois começou a treinar Kung-fu com 13 anos, paralelo ao karatê, por 3 anos e meio, e fez capoeira com 15 anos.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 10 anos de idade. Foi uma primeira experiência boa. Ele gostava e era oferecido de graça no “Colégio Tradição”, onde estudava. Começou a treinar aos 10 anos de idade, 03 vezes por semana, porque estudava com os parceiros da equipe.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Hoje pratica o Kata e o Kunitê. O melhor resultado alcançado foi o de campeão dos jogos abertos de Santa Catarina em 2002 e campeão brasileiro por equipe de Kata. O atleta julga ser importante para continuação no karatê, a disciplina no treinamento, porque o karatê é muito repetitivo, e assim exige determinação.

Descrição dos Resultados

O atleta entrevistado fez Judô aos 07 anos de idade, depois começou a treinar Kung-fu aos 13 anos e o faz até hoje paralelo ao karatê; também fez Capoeira aos 15 anos. Iniciou no karatê aos 10 de idade, no Colégio Tradição, e começou a treinar com 10 anos de idade, quando treinava 03 vezes por semana. Os melhores resultados foram alcançados com 20 anos de idade ao ser Campeão dos Jogos Abertos de Santa Catarina e Campeão Brasileiro de Kata em Equipe.

Observamos que o atleta, apesar da vivência em outros esportes, acabou se especializando precocemente no karatê, talvez pela própria influência da equipe.

Descrição Analítica – 17

- **Nome:** Atleta 17 3º lugar em Kata em equipe (Infantil “B”)
- **Idade:** 09 anos
- **Equipe:** Goiás
- **Naturalidade:** Palmas – TO.

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 07 anos de idade, na Athletics Sports, em Goiânia. Foi uma primeira experiência boa, tendo como influência os filmes. Começou a treinar com 07 anos, de 3 a 4 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Hoje pratica o Kata e o Kunitê. O melhor resultado alcançado foi o de Campeão Brasileiro em Uberlândia com 08 anos de idade, e o terceiro lugar no Kata de equipe neste Campeonato Brasileiro de Kata. O atleta julga ser importante para continuação no karatê, ser um faixa preta e continuar a ganhar medalhas.

Descrição dos Resultados

O entrevistado não praticou nenhum esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 07 anos de idade, em uma academia, de Goiânia. Começou a treinar com 07 anos de idade de 03 a 04 vezes por semana. O melhor resultado foi obtido a partir dos 08 anos quando foi Campeão Brasileiro em Uberlândia. Neste Campeonato Brasileiro ficou em 3º lugar no Kata em equipe.

Constata-se que o entrevistado se especializou precocemente, sem ter outras vivências positivas em outras modalidades, seja em diversificação e movimentos ou ambientes, o que é um fator negativo para a criança em desenvolvimento.

Descrição Analítica – 18

- **Nome:** Atleta 18 3º lugar no Kata em equipe (Infantil “B”)
- **Idade:** 09 Anos
- **Equipe:** Goiás
- **Naturalidade:** Goiânia

01 – Iniciação Esportiva

O atleta iniciou na natação, sem pretensões de carreira, apenas para aprender a nadar.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no Karatê com 07 anos de idade, em Goiânia. No primeiro contato era quieto, mas teve o incentivo da mãe. Começou a treinar com 07 anos para campeonato, três vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Atletismo

O entrevistado compete nas modalidades de Kata e Kumitê. Sendo bi-campeão brasileiro Kumitê e Kata, o primeiro título veio aos 08 anos de idade. Ficou neste campeonato em 3º lugar no Kata em equipe. Pretende continuar a competir e ser campeão brasileiro.

Descrição dos Resultados

O entrevistado iniciou na natação apenas para aprender a nadar. Iniciou no karatê aos 07 anos, em Goiânia. Começou a treinar aos 07 anos de idade, três vezes por semana. O melhor resultado foi aos 08 anos de idade. Destaca-se o atleta por ser bi-campeão brasileiro de Kunitê e Kata, além do recente 3º lugar no Kata em equipe

Observamos que o entrevistado se especializou precocemente e a motivação para o treinamento são as competições. No entanto, não se está levando em conta seu desenvolvimento, correndo a criança riscos físicos e emocionais. Entendemos que a competição, segundo a literatura, não é pertinente nesta faixa etária e nem tampouco ser um talento, nesta, sem a diversificação de movimentos, adicionado da filosofia do karatê será sinônimo de sucesso no futuro.

Descrição Analítica – 19

- **Nome:** Atleta 19 3º lugar no Kata em equipe (Infantil “B”)
- **Idade:** 11 Anos
- **Equipe:** Goiás
- **Naturalidade:** Goiânia

01 – Iniciação Esportiva

O atleta já praticou natação com 05 anos e futebol com 08 anos. Parou de treinar futebol, porque se machucou e seu pai o tirou das aulas.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no Karatê com 08 anos de idade. A primeira experiência considerou difícil pelas dificuldades nas fases de obtenção da faixa preta: “Vou demorar a chegar lá”. Começou a treinar com 07 anos de idade de 3 a 4 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Atletismo

Treina Kata e Kumitê. Foi campeão brasileiro de Kumitê com 09 anos e agora é o 3º lugar no Kata por equipe. Acha que é fundamental ter um corpo sadio.

Descrição dos Resultados

O atleta entrevistado já praticou natação com 05 anos de idade e futebol aos 08 anos. Parou de jogar porque se machucou, sendo o motivo para seu pai o retirar das aulas. Iniciou no karatê aos 08 anos. Começou a se especializar aos 07 anos treinando de 03 a 04 vezes por semana.

Constata-se, com isso, que ocorreu a especialização esportiva precoce e que a vivência em ambientes diferentes lhe será útil no futuro. O que deixa dúvidas é quanto às possíveis lesões que poderão ocorrer em nível cartilaginoso e aos traumas psicológicos com as derrotas que também fazem parte deste mundo.

Descrição Analítica – 20

- **Nome:** Atleta 20 3º lugar no Kata individual (Júnior)
- **Idade:** 18 anos
- **Equipe:** São Paulo
- **Naturalidade:** São Paulo

01 – Iniciação Esportiva

O atleta fez 04 anos de natação.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 10 anos de idade, em São Paulo. A primeira experiência foi muito boa, diferente, sendo influenciado pelos pais.. O atleta pratica Kata e desde os 12 anos de idade treina 4 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

O atleta pratica Kata e foi 3º lugar no mundial com 18 anos de idade. É terceiro agora no Brasileiro de Kata individual. Considera importante competir, pois assim os atletas se dedicam mais.

Descrição dos Resultados

O entrevistado fez 04 anos de natação. Iniciou no karatê aos 10 anos e começou a se especializar aos 12 anos treinando 04 vezes por semana. Os melhores resultados ocorreram a partir dos 18 anos. Ressaltamos os títulos de 3º lugar no Mundial em 2002 e o 3º lugar no Kata individual.

Observamos que o atleta especializou-se precocemente no karatê, apesar de ter outras vivências. Assim sendo, possivelmente pode ter falhas na base motora ainda não percebidas e/ou não desenvolveu todo seu potencial nas fases que a literatura preconiza como ideais às competições e especializações de gestos desportivos.

Descrição Analítica – 21

- **Nome:** Atleta 21 2º lugar no Kata individual (juvenil)
- **Idade:** 16 anos de idade
- **Equipe:** São Paulo
- **Naturalidade:** São Paulo

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

A atleta iniciou no karatê aos 07 de idade. A primeira experiência foi “meio que obrigado, quando comecei a treinar por força da minha mãe, depois gostei. Comecei a treinar com 10 anos , três vezes por semana.”

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Atualmente treina Kata e Kumitê. O melhor resultado alcançado no karatê foi o de campeão sul-americano com 16 anos de idade. Considera importante saber o que se está fazendo e ter muita vontade.

Descrição dos Resultados

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 07 anos de idade. Começou a se especializar aos 10 anos quando treinava 03 vezes por semana. Os melhores resultados vieram aos 16 anos. Destacamos os títulos de Campeão Sul-americano e agora, o 2º lugar no Kata individual.

Descrição Analítica – 22

- **Nome:** Atleta 22 2º lugar no Kata individual (Júnior)
- **Idade:** 18 anos
- **Equipe:** São Paulo
- **Naturalidade:** São Paulo

01 – Iniciação Esportiva

O atleta não praticou nenhum esporte antes do karatê.

02 – Especialização no Karatê

O atleta iniciou no karatê aos 07 anos de idade, sendo sua primeira experiência muito boa. Um dos fatores que o levaram ao Karatê foi melhorar a timidez. Começou a treinar com 09 anos de idade, 05 vezes por semana.

03 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Pratica Kata e Kunitê mas, para treino, visando campeonato, só o Kata. Foi, nesse ano, o campeão mundial de juniores World Karate Federation – W.K.F. e agora é o segundo lugar no brasileiro. Considera fundamental para continuar no karatê, a disciplina, a humildade.

Descrição dos Resultados

O entrevistado não praticou nenhum esporte antes do karatê. Iniciou no karatê aos 07 anos e começou a se especializar aos 09 anos, com treinos 05 vezes por semana. Os melhores resultados ocorreram a partir dos 18 anos. Há de se destacar que foi primeiro lugar no Campeonato Mundial de Juniores da W.K.F. E neste campeonato ficou em 2º lugar no Kata individual.

Constata-se que o entrevistado se especializou precocemente, como a maioria dos atletas por nós abordados, o que, segundo a literatura pesquisada, é um fator limitante para as habilidades motoras.

3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste momento do trabalho desenvolverei uma análise dos dados coletados, primeiramente apresentados em forma de gráficos e depois de forma analítica, obedecendo à sequência da entrevista que foi elaborada de forma semi-estruturada e organizada em quatro tópicos: Dados pessoais, iniciação esportiva, prática esportiva e vivência e melhores resultados.

Procurarei por meio desta disposição manter a fidedignidade dos dados e dar um contexto às entrevistas, com isso optamos por analisar individualmente os resultados.

Desta forma, verifiquei os pontos convergentes e divergentes acerca das questões, as quais estão reproduzidas na íntegra em anexo, e servirão para visualizarmos a realidade e colaborar para transformar os aspectos pedagógicos e didáticos do karatê.

- **Tema 01: Iniciação Esportiva**

Questão 01- Praticou algum esporte antes do karatê?

Verifiquei que a natação é a modalidade mais praticada pela maioria dos atletas, por motivos médicos ou pela necessidade de deslocamento no meio líquido, representando 38% dos entrevistados. A segunda modalidade apresentada foi o futebol com 15% das respostas. As outras modalidades praticadas ou vivenciadas foram: basquetebol, judô, Kung-fu e capoeira. Por fim, uma parcela de 35% dos atletas não praticaram modalidade alguma antes do karatê. (Figura 01)

Questão 02: Onde iniciou a prática de algum esporte?

Observei que 59% dos atletas, iniciaram as modalidades na própria cidade em contraposição aos 41% que nunca praticaram outra modalidade. Tais dados mostram a relevância de se implantar uma política pública de iniciação esportiva, mais eficiente, que possa atender a população que não pode se manter em uma academia. (Figura 02)

Questão 03: Como ocorreu a prática em outras modalidades?

A maioria dos participantes, 50% realizaram outra modalidade sem compromisso, seguidos dos 41% que nunca praticaram outra atividade. Os outros motivos como: competição e indicação médica perfizeram 9%, sinalizando que podemos estruturar a iniciação esportiva sem a necessidade de uma possível especialização precoce. (Figura 03)

Questão 04: Com que idade iniciou a prática de outras modalidades?

Verifiquei que 21% dos atletas iniciaram alguma modalidade de 01 aos 05 anos de idade, seguido pela maior porcentagem, 48% dos atletas que começaram praticas esportivas entre os 06 e 12 anos de idade. Enquanto que a amostra indicou a não iniciação esportiva após os 13 anos. (Figura 04)

Questão 05: Quanto tempo praticou outras modalidades?

Dos 13 atletas que praticaram outra modalidade, 8% fizeram-na por menos de 01 ano, 69% vivenciaram tais modalidades por 05 anos, e 23% destes ainda praticam paralelamente ao karatê as modalidades por eles relatadas. (Figura 05)

Questão 06: Por que parou de praticar essa modalidade?

A grande maioria, 67%, relataram que se identificam mais com o karatê. Os demais atletas dividiram suas respostas em: pratica até hoje (25%) e afastaram por motivo de saúde, causado por temperatura da água (8%). (Figura 06)

- Tema 02: Especialização no Karatê

Questão 07: Com quantos anos você iniciou no karatê?

Dos 22 atletas entrevistados, a maioria destes, 86%, iniciaram no karatê dos 06 aos 12 anos de idade, enquanto que uma pequena parcela, 14%, começaram a vivenciar antes dos 06 anos de idade. (Figura 07)

Questão 08: Como foi sua primeira experiência no karatê?

A grande maioria (77%), não teve problemas, reforçando que foi muito boa “legal”. Já 23% teve dificuldades, que são naturais da idade, como adaptação ao ambiente diferente e em dois casos pôr certa imposição inicial dos pais. Acreditamos que estas porcentagens se justificam pela análise da próxima questão. (Figura 08)

Questão 09: Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?

Aqui se faz presente a influência da mídia, especificamente dos filmes com uma parcela de 9%, seguida de 14% dos entrevistados que sempre gostaram da arte marcial. Os entrevistados apresentaram outros motivos como: melhorar a timidez, saúde e defesa pessoal, perfazendo 23% das respostas. Mesmo assim, a grande maioria (54%), foi influenciada pela família, onde existem praticantes ou admiradores de alguma modalidade de arte marcial. (Figura 09)

Questão 10: Onde ocorreu a sua prática na modalidade karatê?

A grande maioria teve os seu primeiro contato com a modalidade na própria cidade 100%. No entanto para sinalizarmos a importância da escola na iniciação esportiva, apresentamos o gráfico como: na própria cidade 86%, o que indicaria as academias de karatê e/o o ensino não formal e 14% das iniciações então ficaram a encargo das escolas das respectivas cidades de origem dos atletas. Gostaríamos de parabenizar as Escolas de Florianópolis pôr tal iniciativa. (Figura 10)

- Tema 03: Vivência e Melhores Resultados no Karatê

Questão 11: Que modalidade específica pratica no karatê?

A maioria dos atletas 86%, praticam kata e Kumitê. Apenas uma minoria pratica somente o kata 14%. Assim sendo, consideramos que nossa amostra tenha sido significativa para contemplar o karatê. (Figura 11)

Questão 12: Com que idade se especializou nesta modalidade?

A grande parcela (86%), se especializou em kata e/ou kumite dos 06 aos 12 anos de idade. Uma pequena parcela, 5%, antes dos 06 anos e uma intermediária, acima dos 13 anos. (Figura 12)

Questão 13: Quantos dias treina por semana?

As respostas foram ao encontro da questão anterior, relatando a grande maioria 81%, treinar de 03 a 05 dias na semana e uma menor parcela 19% dedicar ao karatê acima de 05 dias. (Figura 13)

Questão 14: Qual o melhor resultado alcançado?

Dos 22 atletas, 14% alcançaram o título mundial, 5% Pan-americano, 9% Sul-americano e 72% o título brasileiro. (Figura 14)

Questão 15: Com que idade ocorreu esse melhor resultado?

A maior parcela dos atletas obteve os seus melhores resultados entre os 13 e 20 anos, seguida de uma parcela de 27% que chegaram aos títulos dos 06 aos 12 anos de idade e, por fim, de uma pequena parcela (5%) com sucesso antes dos 06 anos de idade.

Observamos que se os melhores resultados, 68%, foram alcançados após a terceira fase de desenvolvimento, não se faz necessária a especialização esportiva precoce no karatê, e sim, um

estudo em conjunto com todas as partes envolvidas, para um melhor encaminhamento da modalidade.

Questão 16: Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuar no karatê?

Uma pequena parcela, 14%, disse ser a competição. E a grande parcela, 86%, relatou outros fatores, tais como: disciplina, persistência, saúde e respeitar o próximo e os lemas do karatê. Entendemos que tais respostas mostram a real necessidade de se estudar e socializar as leituras dos aspectos socioculturais e filosóficos das artes marciais.

CAPÍTULO III – OS MOVIMENTOS DIVERSIFICADOS DO KATA: SINALIZANDO PARA UMA PROPOSTA EM PEDAGOGIA DO ESPORTE

O presente capítulo tem por objetivo sinalizar para uma proposta em pedagogia do esporte, que contemple os aspectos históricos do karatê e os movimentos diversificados do kata em contraposição à especialização esportiva precoce.

Assim sendo, é importante entendermos que o desenvolvimento é um processo que inicia na concepção e termina somente ao fim do ciclo celular. (Gallahue & Ozmum, 2001:06). Desta forma, gostaria primeiramente de apresentar algumas questões referentes à terceira fase de desenvolvimento, à qual destinarmos nossos apontamentos.

“A terceira fase de desenvolvimento, corresponde as idades dos 06 aos 12 anos de idade, que é a fase de desenvolvimento em conjunto do organismo; o crescimento ósseo e miotendinoso, o psíquico e mental. É recomendado nesta fase o início em “escolas de esporte” para aquisição de conhecimentos em várias modalidades esportivas.” (Carazzato, apud Paes, 1996:35; Arena, 1998:44)

A mesma é conceituada por Papalia & Olds (1996:247), como “a terceira infância, que corresponde aos anos intermediários, que vão dos 06 aos 12 anos de idade e que também são chamados de anos escolares, porque a escola é a experiência central durante este período”.

Os anos intermediários são considerados por alguns autores, como “média infância”, e nesta é necessário que a criança aprenda as “habilidades físicas necessárias para os jogos comuns, a desenvolver uma consciência, moralidade e uma escala de valores”.(Havighurst, apud Gallahue & Ozmum, 2001:55). Entendemos com isso que os aspectos socioculturais do karatê podem lhes ser favoráveis.

Weineck (2000: 256) também utiliza da idade escolar para classificar as fases, e as divide em duas, “a primeira infância escolar que abrange os 6/7 anos até os 10 anos de vida, onde as condições psicofísicas são extremamente favoráveis para a aquisição de habilidades motoras e ampliação do repertório motor. E a infância escolar tardia, que inicia aos 10 anos de idade e vai até a entrada da puberdade, sendo que a considera a melhor fase para aprender”.

As habilidades motoras, segundo Gallahue & Ozmun (2001:20), “é um termo abrangente, que agrupa os movimentos de locomoção, manipulação e equilíbrio”. O que também motivou esta dissertação, já que estão presentes nos katas e podem ser vivenciados gradativamente.

Neste período da vida, as habilidades motoras continuam a se aperfeiçoar. E os estudos apresentam que, cerca de 10% das brincadeiras livres dos escolares nas áreas recreativas consistem em “brincar impetuoso”, que são atividades vigorosas que envolvem lutas, golpes e perseguições, sendo essas brincadeiras universais, e que diminuem entre as idades de 07 a 11 anos, à medida que as crianças passam para os brinquedos com regra, como a amarelinha e o pega-pega. (Papalia & Olds, 1996:252)

Acredito que tal motivação da idade pelas lutas seja uma das causas da iniciação no karatê, acrescido da influência da mídia e família. E que a disciplina e regras desta arte marcial, dependendo logicamente da sistematização pedagógica e formação, de instrutores e dirigentes, possam colaborar com esta aprendizagem e assim, o karatê possa vir a ser entendido no ensino formal e não formal como ambiente de ensino.

Neste momento, gostaria de salientar que embora o desenvolvimento esteja relacionado à idade cronológica, que é a idade do indivíduo em meses ou em anos, (Gallahue & Ozmun, 2001:14), este não depende dela, já que ocorre na mesma idade, de forma diferente, de uma parcela de indivíduos para outra, não servindo, por conseguinte, como uma forma estanque de se planejar um ciclo de aprendizagem. Contudo, este é considerado um dos meios mais seguros para não se incorrer, na falsa idéia de sucesso da especialização precoce.

Acredito nisto, pois segundo Gallahue & Ozmun (2001:18), o desenvolvimento está relacionado à maturidade, que refere-se a alterações qualitativas que capacitam o indivíduo a progredir. (Gallahue & Ozmun, 2001:18). E ainda, que tal progressão depende de uma sequência fixa para acontecer, podendo em alguns aspectos variar de indivíduo para indivíduo.

Observei que tal engano, por parte dos professores e dirigentes, está na análise da melhor sistematização do processo de aprendizado dos jovens karatecas, entendendo isso como um processo interno de alterações do comportamento individual, relacionado à interação da experiência (ambiente), da educação e do treinamento com processos biológicos, que pode levar nossas crianças a se especializarem precocemente, alcançando algumas o sucesso momentâneo e outras o abandono prematuro do esporte

“O treinamento especializado precoce acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além, de participação periódica em competições esportivas.” (Kunz, 1994:45)

Por isso, defendo a diversificação de movimentos do kata como a melhor forma de aprendizado motor, para essa fase do aprendizado, onde o movimento tem parte principal, (Gallahue & Ozmun, 2001:21) em contraposição à especialização precoce.

Segundo Gallahue & Ozmun (2001:22), “o movimento refere-se à alteração real observável na posição de qualquer parte do corpo.”

Para Go Tani (1988), “os movimentos são de fundamental importância para a evolução dos seres humanos, seja em nível biológico, psicológico ou sociocultural. Estes, na interação com o meio ambiente, são meios de transformação e, ao mesmo tempo possibilitam a aquisição da complexidade das habilidades básicas, culminando em uma vida diária, com qualidade, e/ou desportiva.”

A seguir, sinalizo para alguns aspectos, que acredito serem primordiais na construção de uma futura proposta pedagógica.

- Entendo que os aspectos socioculturais e filosóficos do karatê são de vital importância. Dessa forma, a história oral deveria continuar a ser transmitida aos alunos. E ainda, tais conhecimentos deveriam ser obrigatórios nos exames de graduação a partir da primeira troca de faixa.
- As aulas para a terceira infância deveriam ser administradas, em parte, de forma lúdica, sendo considerados no aquecimento jogos e brincadeiras, que contemplassem mudanças de direção, manipulação de objetos, como a própria faixa, de preferência em ambientes diferentes.
- O kata e seus movimentos diversificados deveriam ser a forma inicial de aprendizagem do karatê. E deveria ser dada às crianças a possibilidade de criar novos katas em equipe e improvisar em cima dos já existentes. Porém, a aplicação de tais mudanças tem que ser explicada, em prol da criticidade.

- O agente mediador do processo, professor e dirigente, tem que ter clareza e segurança quanto à importância dos aspectos pedagógicos. Por isso, acredito na importância da aproximação das academias de karatê com as Universidades.
- Finalizando, é preciso rever a necessidade da competição de kumitê e kata, para a faixa etária dos 06 aos 12 anos de idade, que corresponderia à categoria infantil “B”. Por isso propomos à Confederação Brasileira de Karatê, a transformação de tal categoria, em festival, onde todos os participantes fossem premiados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que a diversificação de modalidades é de suma importância para a formação de uma base motora das crianças, e que o principal componente para tal é o movimento. Assim sendo, acredito que os movimentos diversificados do kata e os conteúdos socioculturais e filosóficos do karatê, possam desenvolver os aspectos biopsíquicosociais e a criticidade do indivíduo, como cita Bento (1999), além de outros fatores como as oito inteligências, apresentadas no trabalho de Balbino (2001:87-97), presentes nos Jogos Desportivos Coletivos e no karatê.

Entretanto, o presente trabalho apresentou um baixo índice de iniciação e uma baixa permanência em outros esportes, sendo alegado inclusive a dedicação ao karatê, que podemos considera um indício negativo da especialização precoce. Por isso, penso que há uma enorme necessidade de se desenvolver políticas de iniciação esportiva, em níveis estadual e municipal, com objetivos diferentes da competição na terceira infância.

A pesquisa mostrou que a maior parcela de iniciação está concentrada na faixa etária dos 06 aos 12 anos (86%), seguida de 14% de entrevistados com idades abaixo dos 05 anos, aumentando nossa responsabilidade em oferecer, em nossas aulas, um misto de história e pedagogia de forma lúdica, como afirma Paes (1996), e formando, assim, uma base pedagógica, orientada por estudos como os de Faria Jr.(1972), Ghiraldelli Jr. (1996), Kunz (1994) e Bento (1999).

Observei que a maior influência para a iniciação ao karatê foi a família, seguida dos filmes e outros. Tais fatores, somados à vontade inerente à idade por tais esportes, com certeza são os pontos chave.

Verifiquei, também, que a escola pode ser um ótimo ambiente para a iniciação do karatê, já que nela, se houver um entendimento entre os participantes do processo, podemos vislumbrar, mais facilmente, uma sistematização pedagógica ao longo das séries. Contudo, para lograr êxito o professor mediador tem que estar qualificado para tal, caso contrário não teremos mudanças significativas.

Acredito que as possibilidades de se pedagogizar o karatê são reais e que há motivação em se praticar kata e/ou kumitê (86%), não havendo uma dicotomia de modalidades internas no karatê, o que sinaliza positivamente o alcance de uma proposta futura baseada na iniciação do karatê pelo kata.

Entretanto, se não nos preocuparmos com os aspectos socioculturais e de aprendizagem, continuaremos a presenciar no karatê crianças se especializando precocemente, pelo menos é o que indicou o grupo de entrevistados, onde a grande maioria começa a treinar, dos 06 aos 12 anos de idade, para uma competição com fim em si mesma.

Essa é a verdade que encontramos, contudo a mesma pode ser auxiliada ou derrubada por estudos futuros que, esperamos, que aconteçam.

As respostas indicaram que os melhores resultados em nível internacional e nacional foram alcançados depois da terceira infância (68%). Questionamos, com isso, a necessidade do treinamento precoce, se o mesmo, na realidade, parece não refletir sucesso futuro.

Percebi em nossa entrevista que, no meio das academias existe o interesse e a disposição de realização de trabalhos futuros que não visem engrandecer o karatê. O que nos motivou a continuar pesquisando.

Neste sentido, sinalizo para a importância dos movimentos diversificados do kata, como meio da aprendizagem motora, que em adição ao resgate social da história do karatê, poderá desenvolver as áreas cerebrais somáticas e, com certeza, um indivíduo crítico dentro e fora do contexto esportivo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARENA, Simone Sagres. **Especialização esportiva: aspectos biológicos, psicossociais e treinamento a longo prazo.** Corpoconsciência, Santo André: Faculdade de Educação Física de Santo André, n.º 01, 1998. p.41-54
- BALBINO, Hermes Ferreira. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas** : bases para uma proposta em pedagogia do esporte.(Dissertação de Mestrado) Campinas: FEF/UNICAMP, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. **Sobre a pedagogia do oprimido.** In: Freire, Ana Maria Araújo (org.). A pedagogia do libertação em Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2001. p. 23-4
- BENTO, Jorge Olímpio; GARCIA, Rui; GRAÇA, Amandio. **Contextos da Pedagogia do desporto.** Livros Horizonte, 1999.
- CASALI, Alípio Márcio Dias. **A pedagogia do oprimido: clandestina e universal.** In: Freire, Ana Maria Araújo (org.). A pedagogia do libertação em Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2001. p.17-21
- DUINO, Silvana Rígido. **Concepção educacional do karatê na Universidade Federal do Rio de Janeiro:** um estudo de caso do departamento de lutas da Escola de Educação Física e Desportos. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 1999.
- FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. **Introdução à didática de Educação Física.** In: Educação Física Mundial: técnicas modernas. Rio de Janeiro: Honor, 1972.
- FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. **Didática de educação física:** formulação de objetivos. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATÊ (F.P.K). **Competição.** Disponível em: <http://www.fpk.com.br/karate/k_p.6> Acesso em: 26/02/2001.
- FRANCHINI, Emerson. **O ensino e a aprendizagem do judô.** Corpoconsciência, Santo André: Faculdade de Educação Física de Santo André, n.º 01, 1998. p.31-40

FREIRE, João Batista. **Da criança, do brinquedo e do esporte**. Motrivivência, p.22-9, jun. 1993.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê- Do: o meu modo de vida**. São Paulo: Cultrix, 1975.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê – do Nyumon: texto introdutório do mestre**. São Paulo: Cultrix, 1988.

GALDINO, Maurício Leonel. **Pontos e contrapontos acerca da especialização precoce nos esportes**. In: DOBRANZKY, Istvan de Abreu; Machado, Afonso Antônio. Delineamentos da psicologia do esporte: evolução e aplicação. Campinas – SP: TECNOGRAF, 2000.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **O que é pedagogia**. 3ed.São Paulo: Brasiliense, 1996.

GOERGEN, Pedro. **Educação do Homem integral**. In: Valente, Márcia Chaves. Pedagogia do movimento: diferentes concepções. Maceió: EDUFAL, 1999.

GO TANI; KOKUBUN, Eduardo; De Proença, José Elias. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

JARDIM, Marta Lima. **Princípios e exercícios úteis na elaboração da preparação física para o karatê: especialmente quanto a força**. Campinas – SP: Monografia (Bacharelado) – FEF/UNICAMP, 1994.

KOWALSKI, Marizabel. **Especialização precoce e o contexto social no abandono do esporte pôr jovens campeões de atletismo**. Piracicaba, (Dissertação Mestrado), UNICENTRO/UNIMEP, 1995.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LIMA, Luzia Mara Silva. **O Tao da educação: a filosofia oriental na escola do ocidente**. São Paulo: Ágora, 2000.

MARANZANA, Michel. **O karatê e as demais artes marciais atuais tem suas raízes mais remotas no século V**. Disponível em:

<<http://www.geogities.com/michelmaranzana/origem.html>>. Acesso em: 26/02/2001

M.K.O.. **Karatê**. Disponível em: <<http://mko.com.br/esporte/karate.html>>. Acesso em: 27/01/2002

NASCIMENTO, Aida Christiane Silva Lima. **Pedagogia do esporte e o atletismo**: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Campinas – SP: (Dissertação Mestrado) – FEF/UNICAMP, 2000.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (org.) **Pedagogia dos esportes**. Campinas – SP: Papyrus, 1999. p. 09-12.

PAES, Roberto Rodrigues. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 2ed. Campinas – SP: UNICAMP, 1996.

PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. In: De Rose Jr., Dante. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre – RS.: Artes Médicas, 2002. p.89-98

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento humano**. 7.ed..Porto Alegre – RS.: Artes Médicas, 2000

RANGEL, Ivo. **Estudos do karatê**. Salvador: Ivo Rangel, 1989.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal**: metodologia da participação. Londrina: LIDO, 2001

SOARES, Paula Regina Cerda. **O scout e a competição na modalidade karatê**: o estudo de caso da seleção feminina de karatê de Americana nos Jogos Regionais da Zona Leste de 1995 Amparo. (Monografia de Bacharelado) Campinas – SP: FEF/UNICAMP, 1995.

VIANNA, José Antônio. **O impacto dos valores humanos do instrutor, sobre a conduta do atleta**: o caso do karatê. Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado). PPGEF/UGF, 1997.

VIANNA, José Antônio; DUINO, Silvana Rígido. **Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais**: a expectativa dos iniciantes. Rio de Janeiro: Motus Corporis. V.06, nº02, p.113-124, Nov. 1999.

WEINECK, Jurgen. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 2000.

YANG, Dong Ja. **A new perspective of martial arts education for the 21st century**, in: Journal ICHPER – SD. Vol. XXXVI, nº 03, Spring 2000. p.23-8.

Bibliografia

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 7.ed..Porto Alegre – RS: Artmed, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 4.ed..São Paulo: Atlas, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21.ed.. São Paulo: Cortez, 2000.

TRIVINUS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ENTREVISTA

1 – Dados Pessoais

- Nome:
- Idade:
- Equipe:
- Naturalidade:

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê? Onde?
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
- Onde ocorreu?
- Fez treinamento específico para o kata e/ou Shiai-Kumite?
- Qual o melhor resultado alcançado?

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
- Com que idade se especializou nesta modalidade?
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional)
- Com que idade ocorreu este resultado?
- Quais os fatores você julga mais importantes para continuar no karatê?
- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade Karatê.**

Confederação Brasileira de Karatê – CBK

Entidade Nacional de Administração do Desporto Karatê – Fundada em 11/09/1987

Reconhecida pelo MEC – Portaria nº551/87 – Filiada a World Karatê Federation

Vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro – Modalidade Reconhecida pelo C.O.I

Regulamento para Competição de Kata

Campeonato Brasileiro de Kata – Individual e Equipe

A) O campeonato brasileiro de kata servirá para apurar o campeão da modalidade e descobrir atletas para futuras seleções brasileiras, nas diversas classes de idade.

B) Classes: Infantil "B" 10 e 11 anos.

Infantil "A" 12 e 13 anos.

Infanto-Juvenil 14 e 15 anos.

Juvenil 16 e 17 anos.

Júnior 18 e 20 anos.

Adulto (sênior) a partir de 21 anos.

Máster Grupo "A" 35 a 44 anos.

Grupo "B" 45 a 54 anos.

Grupo "C" 55 anos e acima.

Grupo Open Máster – Os três primeiros classificados em cada Grupo Máster.

C) No Congresso Técnico será controlada a idade dos participantes mediante a apresentação da carteira de identidade.

D) Participantes: Todas as Federações filiadas em pleno gozo dos seus direitos estatutários junto a C.B.K. (3 atletas e 1 equipe), sendo que a equipe Máster poderá ser mesclada com atletas de idade acima de 35 anos.

E) As equipes de Infantil "B" até o adulto (sênior), se necessário, poderão ser mescladas com atletas, imediatamente, abaixo da classe que vai se apresentar.

F) O sistema de competição, dependendo do número de participantes e tempo disponível, será de eliminatória dupla ou simples com repescagem.

Regulamento de Kata da W.K.F.

Artigo 3: Organização da Competição de Kata

1. A competição de kata pode ser individual ou por equipe. A equipe é composta por três integrantes. A equipe é exclusivamente feminina ou exclusivamente masculina. A competição individual consiste na execução individual em categorias separadas de homens e mulheres.

2. Se aplicará o sistema de eliminatória com repescagem.

3. Durante a competição os competidores deverão realizar tanto katas obrigatórios (Shitei) como de livre escolha (Tokui). Os katas estarão de acordo com os das Escolas de Karatê-dô reconhecidas pela W.K.F., baseados nos estilos: Shito, Goju, Wado e Shoto. Nas duas primeiras rodadas não serão permitidas variações. No apêndice 6 se dá uma lista dos katas obrigatórios, e no apêndice 7 uma lista dos katas reconhecidos.

4. Nas duas primeiras rodadas, os competidores somente podem escolher katas das lista dos obrigatórios. Não serão permitidos variações no kata escolhido.

5. Nas rodadas seguintes, os competidores poderão escolher katas da lista Tokui no apêndice 7. Se permitirão as variações de acordo com a escola do competidor.

6. A mesa será informada da escolha do kata antes do começo da rodada.

7. Os competidores devem realizar um kata diferente em cada rodada. Uma vez realizado um kata, este não poderá ser repetido. No entanto, se devido ao número de competidores for necessária uma rodada de classificação preliminar, o kata utilizado nesta rodada prévia poderá repetir-se em uma das posteriores.

8. Nas finais da competição de kata por equipe, as duas equipes finalistas escolherão seu kata da lista Tokui do apêndice 7. Depois realizarão uma demonstração da aplicação do kata (Bunkai). O tempo permitido para demonstração do Bunkai é de três minutos.

Apêndice 6: Lista de Katas Obrigatórios

Lista de Katas Obrigatórios (Shitei) da W.K.F.

Goju: Seipai – Saifa

Shoto: Jion – Kanku-Daí

Shito: Bassai Daí – Seienchin

Wado: Seishan – Chinto

Apêndice 7: Lista Principal de Katas

Shotokan Katas

1. Bassai – Daí	11. Gankaku
2. Bassai – Sho	12. Jion
3. Kanku – Daí	13. Sochin
4. Kanku – Sho	14. Nijushiho Sho
5. Tekki – Shodan	15. Goju Shiho – Dai
6. Tekki – Nidan	16. Goju Shiho – Sho
7. Tekki – Sandan	17. Chinte
8. Hangetsu	18. Unsu
9. Jitte	19. Meikyo
10. Empi	20. Wankan

Goju – Ryu Katas

1. Sanchin	6. Sisan
2. Saifa	7. Sipai
3. Seiyunchin	8. Kururunfa

4. Shisochin	9. Suparimpei
5. Sanseru	10. Tensho

Wado – Ryu Katas

1. Kushanku	7. Rohai
2. Naihanchi	8. Wanshu
3. Seishan	9. Jion
4. Chinto	10. Jitte
5. Passai	11. Suparimpei
6. Niseishi	

Shito – Ryu katas

1. Jitte	22. Naifanshin Shodan
2. Jion	23. Naifanshin Nidan
3. Jiin	24. Naifanshin Sandan
4. Matsukaze	25. Aoyagi (Seiryu)
5. Wanshu	26. Jyuroku
6. Rohai	27. Nipaipo
7. Bassai Dai	28. Sanchin
8. Bassai Sho	29. Tensho
9. Tomari Bassai	30. Seipai
10. Matsumura Bassai	31. Sanseiru
11. Kosokun Daí	32. Saifa
12. Kosokun Sho	33. Shisochin

13. Kosokun Shiho	34. Kururunfa
14. Chinto	35. Suparimpei
15. Chinte	36. Hakucho
16. Seienchin	37. Pachu
17. Sochin	38. Heiku
18. Niseishi	39. Paiku
19. Gojushiho	40. Annan
20. Unshu	41. Annanko
21. Seisan	42. Papuren

Tabela de Katas Necessários para a Apresentação:

Números de Competidores ou Equipes	Número de Katas Necessários	Número de Shitei Katas
04	2	0
+ 04/08	3	1
+ 08/16	4	1
+ 16/32	5	2
+ 32/64	6	2

* Nas Categorias Infantil "A" e "B", poderão ser apresentados katas do estilo Shorin – Ryu

* Nas Categorias Infantil "A" e "B", os Shitei kata serão os katas de base: Heian, Pinan, Tencho, Taikioku, Guekisai e Ni.

ENTREVISTA - 01

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 01 1º lugar em equipe (Júnior) e 1º lugar individual (Juvenil)
- Nome: Idade: 16 anos
- Equipe: Associação Tradição de Florianópolis
- Naturalidade: Porto Alegre - Rio Grande do Sul

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Aos sete anos de idade
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
-Minha primeira experiência foi porque conhecia vários amigos que praticavam, e também era uma arte que eu já gostava.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Queria aprender não para brigar nas ruas, mas sim para defesa pessoal, e também para participar de competições.
- Onde ocorreu?
 - No colégio.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Pratico Kata e Kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Com 10 a 11 anos. Começando a treinar 04 vezes pôr semana
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que Idade?
 - Fui campeão sul-americano no kumitê individual aos 16 anos de idade e bi-campeão brasileiro de kumitê aos 13 e 15 anos de idade.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - O respeito pelo outro e não só fazer competição, já que o verdadeiro karatê não é só competição.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Tudo bem, autorizo.

ENTREVISTA - 02

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 02 1º lugar em equipe (Infantil “B”)
- Idade: 11 anos
- Equipe: Rio de Janeiro
- Naturalidade: Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Com 08 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Muito legal.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Comecei a praticar Karatê porque sempre me simpatizei muito com a arte.
- Onde ocorreu?
 - No Rio mesmo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Kata e kumitê
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar para competição aos 08 anos de idade, treinando 03 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - O meu melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro em equipe neste campeonato, agora com 11 anos.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - O mais importante para continuar no karatê é a dedicação.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Sem problema nenhum.

ENTREVISTA - 03

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 03 1º lugar em equipe (Infantil “B”)
- Idade: 11 anos
- Equipe: Rio de Janeiro
- Naturalidade: Caxias - Rio de Janeiro

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Já pratiquei futebol.
- Onde?
- No centro esportivo em Caxias.
- Como?
- Como esporte.
- Com que idade?
- Com 07 anos de idade.
- Por quanto tempo praticou?
- Por mais ou menos três anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Porque eu acho que o Karatê incentiva muito mais que os outros esportes.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Iniciei no Karatê com oito anos de idade.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - “Legal pacas.”
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Minha mãe me levou para assistir uma aula, e lá tinham alguns amigos que eu já conhecia, aí eu fui me interessando.
- Onde ocorreu?
 - Na própria cidade.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente pratico kata e kumitê, para disputar campeonatos.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar aos 09 anos, todos os dias.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Os meus melhores resultados alcançados foram o de campeão brasileiro em equipe neste campeonato, campeão brasileiro aos 9,10 e 11 anos de idade.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- É muito importante ter dedicação e dar valor a saúde.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Sim, eu autorizo.

ENTREVISTA - 04

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 04 1º lugar em equipe (Infantil “B”)
- Idade: 11 anos
- Equipe: Rio de Janeiro
- Naturalidade: Nilópolis - Rio de Janeiro

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Sim, já pratiquei natação.
- Onde?
- Em Nilópolis mesmo.
- Como?
- Só para aprender a nadar.
- Com que idade?
- 07 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- Por 02 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Parei porque tinha que treinar Karatê, que eu gosto mais, aí tive que optar.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Comecei a treinar com 04 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Foi legal.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Eu gostava de brincar de luta, então meu pai me levou para a academia para ver se eu ia gostar de treinar.
- Onde ocorreu?
 - Em Nilópolis mesmo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Treino Kata e Kunitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - No primeiro ano de treino, eu já fui campeão brasileiro, desde aí com 04 ou 05 anos de idade, treino todos os dias.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Fui campeão brasileiro aos 04 anos de idade na categoria 10/11. Depois deste título fui tetra campeão brasileiro de kata por equipe.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- O karatê o vem ajudando na escola, na saúde e é muito legal.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Tudo bem, autorizo.

ENTREVISTA - 05

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 05 1º lugar em equipe (Infantil “A”)
- Idade: 12 anos
- Equipe: Bahia
- Naturalidade: Salvador - Bahia

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não, só pratico Karatê.
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Com 07 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Foi Legal.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - O meu primeiro contato foi com uma apresentação que teve no colégio, a minha mãe achou legal e quis me colocar também.
- Onde ocorreu?
 - Em Salvador.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente pratico kata e kumitê em campeonatos.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Treino para competição desde os 07 anos, sempre 03 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - O melhor resultado foi este, de campeão brasileiro em equipe.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - A dedicação, mais raça e força.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 06

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 06 1º lugar em equipe (infantil “A”)
- Idade: 13 anos
- Equipe: Bahia
- Naturalidade: Salvador - Bahia

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Comecei com 05 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Foi muito agradável.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Queria praticar algum esporte e na escola já havia o karatê, e minha mãe me incentivou.
- Onde ocorreu?
 - Em Salvador, no colégio.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Kata.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar para competir Kata com uns 06 anos, treino 03 vezes na semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - O melhor resultado foi o de campeão brasileiro em equipe neste campeonato, agora com 13 anos de idade.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - Para continuar no karatê tem que ter dedicação, motivação dos pais e amigos e sempre ter raça.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 07

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 07 1º lugar em equipe (infantil “A”)
- Idade: 13 anos
- Equipe: Bahia
- Naturalidade: Salvador - Bahia

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Sim, pratiquei basquete.
- Onde?
- Em Salvador mesmo.
- Como?
- Por lazer.
- Com que idade?
- Com 10 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- Por mais ou menos 01 ano.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Porque eu gostava mais do Karatê, então tive que escolher ou um ou outro.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Com 05 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - No início não gostava porque entrei obrigado por meus pais, era pequeno não entendia. Depois fui crescendo e aprendendo a gostar.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Fui obrigado por meus pais.
- Onde ocorreu?
 - Em Salvador.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Em Kata e Kumitê, mais prefiro o Kata.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar com 07 anos, treino 03 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- O meu melhor resultado alcançado foi o ser campeão brasileiro em equipe, neste campeonato.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- Acho que a dedicação e autoconfiança.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Sim, autorizo.

ENTREVISTA - 08

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 08 2º lugar em equipe (juvenil)
- Idade: 17 anos
- Equipe: São Paulo
- Naturalidade: São Paulo – São Paulo

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Pratiquei futebol e natação.
- Onde?
- Em São Paulo mesmo.
- Como?
- Por lazer mesmo, quase não competia.
- Com que idade?
- Com 06 e 04 anos de idade.
- Por quanto tempo praticou?
- 03 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Para me dedicar ao karatê

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Com 09 anos de idade.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Legal.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Fui motivado pelos filmes de luta do Bruce Lee e outros filmes de luta.
- Onde ocorreu?
 - Em São Paulo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Treino kata e kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar para campeonato com 14 anos, treino em média, três vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Os meus melhores resultados alcançados foram o campeonato brasileiro em equipe, em 2001, com 16 anos e este com 17 anos de idade que fui vice-campeão brasileiro por equipe de kata.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- É importante para continuar no karatê a dedicação, ter mais concentração, o fator físico e gostar de treinar.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 09

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 09 2º lugar em equipe (juvenil)
- Idade: 17 anos
- Equipe: São Paulo
- Naturalidade: Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Pratiquei natação.
- Onde?
- Em São Paulo.
- Como?
- Como Lazer, sem visar campeonato.
- Com que idade?
- Dos 06 anos aos 09 anos de idade.
- Por quanto tempo praticou?
- 03 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Parei porque não tinha piscina aquecida, e estava atacando muito a minha rinite.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Com 10 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Foi emocionante.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - O meu tio era faixa preta de Judô e me levou para treinar Karatê, além do que sempre tive vontade de treinar alguma arte marcial, quando comecei a treinar tive uma formação básica legal.
- Onde ocorreu?
 - Em São Paulo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Kata e Kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Sempre treinei para competição, fui campeão com 10 anos. Sempre treinei 03 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- O melhor resultado alcançado foi, ser campeão brasileiro ano passado, com 16 anos e campeão em equipe neste campeonato.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- Seguir os lemas do karatê, para o treino e fora dele.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 10

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 10 2º lugar em equipe (Juvenil) e 3º lugar individual (Juvenil)
- Idade: 16 anos
- Equipe: São Paulo
- Naturalidade: São Paulo – São Paulo

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Pratico natação e Karatê.
- Onde?
- Em São Paulo mesmo.
- Como?
- Treino os dois para competição
- Com que idade?
- Desde os 07 anos de idade.
- Por quanto tempo praticou?
- Ainda Pratico. Fui vice campeão brasileiro de natação com 14 anos de idade.
Treino 06 vezes por semana.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Ainda Pratico.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - 07 anos de idade
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Legal.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Meu irmão fazia e comecei a gostar. E também gostava de brigar quando era pequeno.
- Onde ocorreu?
 - Em São Paulo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Pratico kata e kumitê como competição.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar com 13 anos de idade, 03 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Foram o 3º lugar individual e o 2º lugar no brasileiro em equipe neste campeonato.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- É importante a dedicação e muito treinamento.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 11

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 11 1º lugar no kata em equipe (Juvenil)
- Idade: 17 anos
- Equipe: Minas Gerais
- Naturalidade: Santos – São Paulo

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Pratiquei natação.
- Onde?
- Em Santos mesmo.
- Como?
- Foi por indicação médica.
- Com que idade?
- 10 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- Foi por só 02 meses.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Para me dedicar mais ao karatê.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Comecei a praticar Karatê quando tinha 06 anos, bem antes da natação.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Foi ótima
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - O meu tio já praticava e era professor, eu sempre o acompanhava, hoje em dia o Karatê é a minha paixão.
- Onde ocorreu?
 - Em Santos.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente pratico como competição o kata e kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar como meta de vida aos 06 anos de idade, sempre treino por volta de 03 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Meu melhor resultado alcançado foi o de campeão brasileiro em equipe neste campeonato.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- O benefício para vida e querer ajudar a si próprio.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 12

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 12 1º lugar no kata em equipe (Juvenil)
- Idade: 17 anos
- Equipe: Minas de Gerais
- Naturalidade: Uberlândia – Minas Gerais

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Ainda pratico, faço natação também.
- Onde?
- Em Uberlândia.
- Como?
- A natação só como esporte.
- Com que idade?
- Comecei com 06 anos.
- Por quanto tempo praticou?
Ainda pratico.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Como já disse, faço até hoje.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Iniciei no Karatê também com 06 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Legal.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Comecei no Karatê porque meu pai é professor, e sempre tive o Karatê, como base para vida.
- Onde ocorreu?
 - Em Uberlândia mesmo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente pratico o kata e o kumitê para a competição, é mais o kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar para competir com 10 anos de idade, treino 06 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Foi o de campeão pan-americano com 16anos de idade e sul-americano com 13 anos de idade .

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- A disciplina, autoestima e concentração para formação do caráter.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 13

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 13 1º lugar no kata em equipe (Juvenil)
- Idade: 16 anos
- Equipe: Minas Gerais
- Naturalidade: Uberlândia – MinasGerais

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não, só o Karatê.
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Com 07 anos de idade.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Muito boa.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Com motivação dos filmes e amigos que passaram na porta de casa e me chamaram para fazer karatê.
- Onde ocorreu?
 - Em Uberlândia.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente treino kata e kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar para competição com 09 anos. Treino de Segunda a Sexta, uma vez ao dia.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - Foi o terceiro lugar em brasileiro kumitê com 13 anos de idade, e campeão brasileiro em equipe neste campeonato. Ainda fui campeão estadual em Minas, de kumitê.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - A dedicação e o treino com a cultura e filosofia do karatê.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Claro que autorizo

ENTREVISTA - 14

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 14 3º lugar em kata Individual (Júnior)
- Idade: 19 anos
- Equipe: Brasília
- Naturalidade: Goiânia - Goiás

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não, só gosto do Karatê.
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Com 10 anos de idade.

- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - O meu pai já fazia Karatê e me colocou também, no começo eu não gostava muito, aí comecei a me envolver em competição, como gosto de dificuldade, comecei a treinar pesado. A primeira vez que perdi numa competição fiquei “possesso”, então comecei a treinar para ganhar.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - O meu pai que já fazia.
- Onde ocorreu?
 - Em Brasília.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente sou atleta da Seleção Brasileira de kumitê e busco vaga neste campeonato para a equipe de kata.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar aos 12 anos, treino 03 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - Campeão brasileiro, campeão pan-americano e 4º lugar no campeonato mundial de Kumitê com 16 anos. Neste fiquei em 3º lugar.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- A dedicação e a melhora da saúde.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- É claro.

ENTREVISTA - 15

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 20 1º lugar no kata em equipe (Júnior)
- Idade: 20 anos
- Equipe: Associação Tradição de Florianópolis
- Naturalidade: Florianópolis - Santa Catarina

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Jogo futebol e “pego onda”.
- Onde?
- Em Florianópolis.
- Como?
- Como diversão.
- Com que idade?
- Com 10 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- Ainda pratico.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Não parei.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Eu tinha 11 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - A primeira experiência foi complicada, porque estudava de manhã e treinava de tarde. Estudava bastante e desenvolvia o karatê. Foi uma primeira experiência boa, mais complicada.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Na escola quem tinha vontade de treinar karatê, podia fazer de graça, independente da fase escolar, e também sempre gostei dos filmes que tinham lutas.
- Onde ocorreu?
 - Na escola, em Florianópolis.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Hoje pratico o kata e o kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Mais ou menos com 10 anos, treino de 3 a 4 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Foi o de campeão brasileiro universitário com 18 anos de idade e hoje campeão brasileiro de kata por equipe com 20 anos.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- Continuar treinando, ter disciplina no treinamento e se esforçar para não cair o nível.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Sim, autorizo.

ENTREVISTA - 16

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 16 1º lugar equipe (Júnior)
- Idade: 20 anos
- Equipe: Associação Tradição de Florianópolis
- Naturalidade: Florianópolis - Santa Catarina

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Eu jogava futebol, fazia Judô, Kung-fu e capoeira.
- Onde?
- Em Florianópolis.
- Como?
- Como esporte.
- Com que idade?
- Com 07, 13 e 15 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- Por mais ou menos 03 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Para me dedicar mais ao karatê.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Com 10 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Foi uma primeira experiência boa.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Eu gostava muito e era oferecido de graça no “Colégio Tradição”, onde estudava.
- Onde ocorreu?
 - No Colégio Tradição, em Florianópolis.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Pratico o kata e o kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar com 10 anos de idade para competir, e treino em média 03 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Fui campeão dos jogos abertos de Santa Catarina em 2002 e campeão brasileiro por equipe de kata.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- É muito importante, a disciplina no treinamento, porque o karatê é muito repetitivo, e exige determinação.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 17

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 17 3º lugar em kata em equipe (Infantil “B”)
- Idade: 09 anos
- Equipe: Goiás
- Naturalidade: Palmas – TO.

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não, só pratico Karatê.
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Iniciei com 07 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Foi boa.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Os filmes de lutas.
- Onde ocorreu?
 - Em Palmas mesmo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Pratico Kata e Kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Desde o início treinei para competir, e treino de 03 a 04 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?
 - Fui campeão Brasileiro em Uberlândia com 08 anos de idade, e o terceiro lugar no kata de equipe neste Campeonato Brasileiro de Kata.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - Ganhar a faixa preta e continuar a ganhar medalhas.
- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**
 - É claro.

ENTREVISTA - 18

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 18 3º lugar no kata em equipe (Infantil “B”)
- Idade: 09 Anos
- Equipe: Goiás
- Naturalidade: Goiânia - Goiás

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Comecei a fazer natação.
- Onde?
- Em Goiânia.
- Como?
- Só para aprender a nadar.
- Com que idade?
- 07 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- 02 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Para me dedicar ao karatê.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Comecei com 07 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Foi muito boa.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - A minha mãe queria que eu fizesse, e me colocou.
- Onde ocorreu?
 - Em Goiânia mesmo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Kata e Kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Desde o início entrei para competir, e treino em média 03 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- Bi-campeão brasileiro kumite e kata, o primeiro título com 08 anos de idade. Fiquei agora neste campeonato em 3º lugar no kata em equipe.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- Continuar a competir e ser campeão brasileiro.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Sim, autorizo.

ENTREVISTA - 19

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 19 3º lugar no kata em equipe (Infantil “B”)
- Idade: 11 Anos
- Equipe: Goiás
- Naturalidade: Goiânia - Goiás

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Pratiquei natação e futebol.
- Onde?
- Em Goiânia.
- Como?
- Natação só para aprender a nadar, e futebol para alguns campeonatos de colégio.
- Com que idade?
- De 05 a 08 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- 02 a 03 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Eu me machuquei no futebol e meu pai me tirou, e a natação era só para aprender.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Com 08 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - Eu não sabia fazer quase nada no Karatê, ficava mais quieto nos campeonatos, vendo os faixas preta, achando que isso ia demorar a acontecer comigo, mas me motivando por aí.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Sempre gostei de ver Karatê.
- Onde ocorreu?
 - Em Goiânia.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Treino kata e kumitê.

- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Desde o começo, mesmo não sabendo quase nada de Karatê, treinei para competir, tentando me especializar, e treino de 03 a 04 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?
 - Fui campeão brasileiro de kumitê com 09 anos e agora o 3º lugar no kata por equipe.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - É fundamental ter um corpo sadio.
- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**
 - Autorizo.

ENTREVISTA - 20

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 20 3º lugar no kata individual (Júnior)
- Idade: 18 anos
- Equipe: São Paulo
- Naturalidade: São Paulo - São Paulo

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Fiz natação.
- Onde?
- Em São Paulo.
- Como?
- Para aprender a nadar.
- Com que idade?
- 07 anos.
- Por quanto tempo praticou?
- Por 04 anos.

- Por que parou de praticar esse esporte?
 - Para me dedicar ao karatê.

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
 - Com 10 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
 - A primeira experiência foi bem legal.
- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Os meus pais queriam que eu fizesse Karatê.
- Onde ocorreu?
 - Em São Paulo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Só Kata.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a me especializar no Kata aos 12 anos para campeonatos, treino 04 vezes por semana.

- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional).
Com que idade?

- 3º lugar no mundial com 18 anos de idade. E terceiro agora no Brasileiro de kata individual.

- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?

- É importante competir, pois eu me dedico mais.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 21

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 21 2º lugar no kata individual (juvenil)
- Idade: 16 anos de idade
- Equipe: São Paulo
- Naturalidade: São Paulo - São Paulo

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não.
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Comecei a praticar Karatê com 07 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Não foi boa.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - A primeira vez fui obrigado a treinar porque a minha mãe queria, depois fui gostando.
- Onde ocorreu?
 - Em são Paulo mesmo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Atualmente treino kata e kumitê.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Comecei a treinar com 10 anos para competir e especializar mesmo, treino 03 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - Fui campeão sul-americano com 16 anos de idade.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - É importante saber o que se está fazendo e ter muita vontade.

- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**

- Autorizo.

ENTREVISTA - 22

1 – Dados Pessoais

- Nome: Atleta 22 2º lugar no kata individual (Júnior)
- Idade: 18 anos
- Equipe: São Paulo
- Naturalidade: São Paulo – São Paulo

2 – Iniciação Esportiva

- Praticou algum esporte antes do karatê?
- Não.
- Onde?
- Como?
- Com que idade?
- Por quanto tempo praticou?
- Por que parou de praticar esse esporte?

3 – Especialização no Karatê:

- Com quantos anos você iniciou no karatê?
- Com 07 anos.
- Como foi a primeira experiência nesse esporte?
- Minha primeira experiência muito boa.

- Quais os fatores que influenciaram o seu início no karatê?
 - Melhorar a timidez.
- Onde ocorreu?
 - Em São Paulo.

4 – Vivência e Melhores Resultados no Karatê

- Que modalidade específica pratica no karatê?
 - Pratico kata e kumitê, mas para treino visando campeonato é só o kata.
- Com que idade se especializou nesta modalidade? Quantos dias treina por semana?
 - Com 09 anos comecei a pegar firme para campeonatos, tentando me especializar mais, treino 05 vezes por semana.
- Qual foi o seu melhor resultado na sua especialidade? (Nacional e Internacional). Com que idade?
 - Fui esse ano campeão mundial juniores pela W.K.F. e agora o segundo lugar no brasileiro.
- Quais os fatores que você julga como mais importantes para continuidade no karatê?
 - É fundamental para continuar, a disciplina e a humildade.
- **Obs.: Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em uma dissertação de mestrado, realizado na UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), que tem por objetivo estudar a especialização precoce na modalidade karatê.**
 - Sim.